



**AMÉRICO PIERANGELI COSTA**

**COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE  
CORREDORES DE RUA: UMA ABORDAGEM  
BASEADA NA TEORIA DA PRÁTICA**

**LAVRAS – MG**

**2016**

**AMÉRICO PIERANGELI COSTA**

**COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE CORREDORES DE RUA:  
UMA ABORDAGEM BASEADA NA TEORIA DA PRÁTICA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Gestão Estratégica, *Marketing* e Inovação, para a obtenção do título de Doutor.

Prof. Dr. Daniel Carvalho de Rezende  
Orientador

Prof. Dr. Ricardo de Souza Sette  
Coorientador

**LAVRAS – MG  
2016**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Costa, Américo Pierangeli.

Comportamento de consumo de corredores de rua: uma  
abordagem baseada na teoria da prática / Américo Pierangeli Costa. –  
Lavras : UFLA, 2016.

229 p. : il.

Tese(doutorado)–Universidade Federal de Lavras, 2016.

Orientador: Daniel Carvalho de Rezende.

Bibliografia.

1. Corridas de rua 2. *Marketing*. 3. Comportamento do  
consumidor. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

**AMÉRICO PIERANGELI COSTA**

**COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE CORREDORES DE RUA:  
UMA ABORDAGEM BASEADA NA TEORIA DA PRÁTICA**

***CONSUMER BEHAVIOR OF STREET RUNNERS: AN APPROACH BASED  
ON THE PRACTICE THEORY***

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Gestão Estratégica, *Marketing* e Inovação, para a obtenção do título de Doutor.

APROVADA em 23 de agosto de 2016.

Prof. Dr. Ary José Rocco Júnior	USP
Prof. Dr. Gustavo Quiroga Souki	UNA
Prof. Dr. Luiz Henrique de Barros Vilas Boas	UFLA
Prof. Dr. Luiz Marcelo Antonialli	UFLA

Prof. Dr. Daniel Carvalho de Rezende  
Orientador

Prof. Dr. Ricardo de Souza Sette  
Coorientador

**LAVRAS – MG**

**2016**

Aos meus pais que, com o pouco que tiveram, sempre se desprenderam, a sua  
maneira, em meu favor e de meu irmão, para nos dar o máximo.

Dedico!

## **AGRADECIMENTOS**

À Família, Christiane, Letícia, Ana Beatriz e Maria, pela paciência, carinho e amor, mesmo em momentos em que não se explica ou se compreende o que é ser pós-graduando.

À Universidade Federal de Lavras, especialmente ao Departamento de Administração e Economia, pela oportunidade e respeito.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de doutorado durante o primeiro ano deste trabalho.

Ao Professor Dr. Daniel Carvalho de Rezende, pela orientação, pela disponibilidade e acima de tudo pelo respeito pessoal.

Ao Professor Dr. Ricardo de Souza Sette, pela orientação e coorientação e principalmente, por ensinar pessoas que podem pensar e poder.

Ao Professor Dr. Luiz Marcelo Antonialli, pela dedicação e respeito aos discentes, no exercício da função de Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA.

À Deila Pereira Pinto, pela competência operacional e respeito ao discente como secretária do PPGA.

Ao grande amigo Daniel Mesquita Leite, pela amizade e acima de tudo, pelo exemplo de vida e generosidade.

Aos amigos Zenildo e Elizabeth Araújo e filhas Laura e Luisa por acolherem minha família com amizade e carinho em Brasília.

Aos estudantes da FEF/UnB, Fernando, Adrian e Igor, pela colaboração.

Aos Professores de Educação Física, responsáveis pelos grupos de corrida que fizeram parte deste trabalho, pela cooperação e colaboração.

Aos Corredores de Rua que foram voluntários desta pesquisa.

A cada atleta e pessoa que depositaram em mim, a confiança da entrega necessária para que eu os orientasse nos seus treinamentos.

**MUITO OBRIGADO!**

## RESUMO

As corridas de rua podem ser compreendidas como uma das formas mais simplificadas de se praticar o exercício físico. Sua história longa tem demonstrado riqueza de variações no formato de sua prática. Estudos em *marketing* e comportamento do consumidor têm sido realizados em campos empíricos que permitam compreender fenômenos complexos relevantes da vida social. A teoria da prática, proposta como alternativa contemporânea de compreensão de fenômenos do consumo, acrescenta novos pressupostos que guiam a busca do entendimento do consumo com base nas rotinas dos indivíduos. Esta pesquisa teve por objetivo compreender o comportamento de consumo dos corredores de rua, utilizando como abordagem, a teoria da prática. Foi proposta, neste estudo, a utilização dos elementos da prática como categorias de análise dos dados coletados. Utilizou-se a análise de conteúdo em dados coletados em três fontes: revistas especializadas, grupos de foco e observação não participante. Os elementos da prática como categorias de análise demonstraram boa aplicabilidade. O consumo dos corredores de rua foi descrito em 12 categorias: “Conhecimento, entendimentos e aprendizados”; “*know-how*”; “atividades mentais”; “estados emocionais”; “conhecimento motivacional”; “engajamento”; “hierarquias”; “interseções”; “atividades corporais”; “representações”; “objetos, apropriações e utilizações” e “trajetória”. As corridas de rua demonstraram compor parte relevante das rotinas de seus praticantes. O consumo dos corredores de rua foi descrito como um momento da prática, e, portanto, um momento de seus elementos. As decisões de consumo parecem receber forte influência dos elementos das práticas. Devido à representatividade das corridas de rua nas rotinas dos praticantes, o consumo parece acontecer mediante negociações com outras práticas. As demais práticas podem concorrer com, ou complementar os elementos da prática da corrida de rua.

**Palavras-chave:** Corridas de rua. *Marketing*. Comportamento do consumidor. Teoria da Prática.

## ABSTRACT

Road running can be understood as one of the simpler forms of physical exercise. Its long history has demonstrated a richness of variations in the format of its practice. Marketing and consumer behavior studies have been conducted in empirical fields, which allows the understanding of complex phenomena relevant to social life. The practice theory, proposed as a contemporary alternative of understanding consumption phenomena, adds new presuppositions that guide consumption understanding as base of the routines of individuals. This research had the objective of understanding the consumer behavior of street runners, using as approach the practice theory. In this study, we proposed the use of practice elements as analysis categories for the collected data. Data analysis was used on the data collected from three sources: specialized magazines, focus groups and non-participatory observation. The practice elements as analysis categories demonstrate good applicability. The consumption of the street runners was described in 12 categories: “Knowledge, understanding and learning”; “know-how”; “mental activities”; “emotional states”; “motivational knowledge”; “engagement”; “hierarchies”; “intersections”; “body activities”; “representations”; “objects, appropriations and uses” and “trajectory”. The road running are demonstrated as a relevant part of the practitioner’s routines. The consumption of the street runners was described as a moment of the practice, and, therefore, a moment of its elements. The consumption decisions seem to receive strong influence from the practice elements. Due to the representativeness of the street runs in the routines of the practitioners, the consumption seems to occur by negotiations with other practices. The remaining practices can occur with or complement the elements of the street running practice.

**Keywords:** Road running. Marketing. Consumer behavior. Practice theory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prática como nexó do que se diz e do que se faz. ....	43
Figura 2 - Modelo de <i>Affordances</i> analíticos das práticas. ....	51
Figura 3 - Modelo teórico de análise de três camadas. ....	57
Figura 4 - Circuito da prática. ....	59
Figura 5 - Práticas integrativas ao consumo de energia em lares. ....	65
Figura 6 - Elementos das práticas. ....	81
Figura 7 - Elementos das práticas como categorias de análise. ....	87
Figura 8 - Modelo de triangulação de métodos, dados e técnica de análise. ....	98
Figura 9 - Modelo das etapas da análise de conteúdo. ....	101
Figura 10 - Procedimentos de categorização por grade mista. ....	114
Figura 11 - Produtos relacionados à prática da corrida de rua. ....	172
Figura 12 - Serviços relacionados à prática da corrida de rua. ....	174
Figura 13 - Modelo teórico de análise. ....	185
Figura 14 - Sistematização dos <i>affordances</i> analíticos das práticas. ....	197
Figura 15 - Modelo teórico de análise do consumo: baseado nos elementos da teoria da prática. ....	198
Figura 16 - Momentos de consumo como resultante de um jogo de forças entre os elementos de práticas centrais (esferas empíricas). ....	201

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Indústria da corrida de rua .....	29
Quadro 2 - Elementos das Práticas.....	70
Quadro 3 - Caracterização das provas de corrida de rua observadas. ....	89
Quadro 4 - Caracterização dos documentos pesquisados .....	93
Quadro 5 - Caracterização dos grupos de foco. ....	96
Quadro 6 - Resultado parcial da categorização das reportagens. ....	109
Quadro 7 - Subcategorias da categoria Produtos. ....	110
Quadro 8 - Subcategorias da categoria Serviços.....	111
Quadro 9 - Subcategorias da categoria aprendizado. ....	111
Quadro 10 - Subcategorias da categoria Motivações, .....	112
Quadro 11 - Resultado da categorização das reportagens. ....	115
Quadro 12 - Subcategorias para conhecimento, entendimentos e aprendizados. ....	123
Quadro 13 - Subcategorias para experiências adquiridas ( <i>know-how</i> ). ....	129
Quadro 14 - Subcategorias para atividades mentais.....	132
Quadro 15 - Subcategorias para estados emocionais .....	137
Quadro 16 - Subcategorias para conhecimento motivacional.....	140
Quadro 17 - Subcategorias para engajamento. ....	145
Quadro 18 - Subcategorias para hierarquias .....	152
Quadro 19 - Subcategorias das interseções. ....	155
Quadro 20 - Subcategorias para atividades corporais. ....	159
Quadro 21 - Subcategorias para representações (atuações).....	162
Quadro 22 - Subcategorias para objetos, apropriações e utilizações.....	167
Quadro 23 - Subcategorias da trajetória .....	179
Quadro 24 - Categorias e subcategorias da prática da corrida de rua. ....	187

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1.1</b>	<b>Problema de pesquisa</b> .....	19
<b>1.2</b>	<b>Objetivo geral</b> .....	21
<b>1.3</b>	<b>Objetivos específicos</b> .....	21
<b>1.4</b>	<b>Justificativas da pesquisa</b> .....	21
<b>2</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA</b> .....	25
<b>2.1</b>	<b>As corridas de rua como campo empírico</b> .....	25
<b>2.2</b>	<b>Trajatória das corridas de rua: a configuração de um mercado ...</b>	27
<b>2.3</b>	<b>Os corredores de rua como consumidores</b> .....	29
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	39
<b>3.1</b>	<b>Teoria da prática, abordagens e aproximações</b> .....	40
<b>3.2</b>	<b>Teoria da prática e consumo</b> .....	46
<b>3.3</b>	<b>Aproximações metodológicas, consumo e teoria da prática</b> .....	49
<b>3.4</b>	<b>As práticas e seus elementos</b> .....	67
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	85
<b>4.1</b>	<b>Caracterização da pesquisa</b> .....	85
<b>4.2</b>	<b>Procedimentos metodológicos</b> .....	86
<b>4.2.1</b>	<b>Observação não participante</b> .....	88
<b>4.2.2</b>	<b>Análise documental</b> .....	89
<b>4.2.3</b>	<b>Grupos de foco</b> .....	93
<b>4.3</b>	<b>Tratamento e análise dos dados</b> .....	97
<b>4.4</b>	<b>Análise de conteúdo</b> .....	100
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	107
<b>5.1</b>	<b>Categorização do conteúdo das reportagens</b> .....	107
<b>5.1.1</b>	<b>Categorização das reportagens</b> .....	108
<b>5.1.2</b>	<b>Elementos das práticas como categorias de análise</b> .....	112
<b>5.2</b>	<b>Categorização dos grupos de foco e das observações não participante</b> .....	119
<b>5.3</b>	<b>Descrição e análise das categorias</b> .....	121
<b>5.3.1</b>	<b>Conhecimento, entendimentos e aprendizados</b> .....	122
<b>5.3.2</b>	<b>Experiências adquiridas (<i>know-how</i>)</b> .....	128
<b>5.3.3</b>	<b>Atividades mentais</b> .....	131
<b>5.3.4</b>	<b>Estados emocionais</b> .....	136
<b>5.3.5</b>	<b>Conhecimento motivacional</b> .....	139
<b>5.3.6</b>	<b>Engajamento</b> .....	145
<b>5.3.7</b>	<b>Hierarquias</b> .....	150
<b>5.3.8</b>	<b>Interseções</b> .....	154
<b>5.3.9</b>	<b>Atividades corporais</b> .....	158
<b>5.3.10</b>	<b>Representações (atuações)</b> .....	161

<b>5.3.11</b>	<b>Objetos, apropriações e utilizações .....</b>	<b>165</b>
<b>5.3.12</b>	<b>Trajetória .....</b>	<b>178</b>
<b>5.4</b>	<b>Síntese dos resultados .....</b>	<b>183</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>189</b>
<b>6.1</b>	<b>Implicações metodológicas .....</b>	<b>196</b>
<b>6.2</b>	<b>Implicações teóricas .....</b>	<b>199</b>
<b>6.3</b>	<b>Implicações gerenciais .....</b>	<b>202</b>
<b>6.3.1</b>	<b>Implicações para as assessorias esportivas e treinadores .....</b>	<b>202</b>
<b>6.3.2</b>	<b>Implicações para os promotores de eventos .....</b>	<b>205</b>
<b>6.3.3</b>	<b>Implicações para os patrocinadores .....</b>	<b>208</b>
<b>6.3.4</b>	<b>Implicações para os prestadores de serviços e para o varejo .....</b>	<b>209</b>
<b>6.4</b>	<b>Limitações da pesquisa .....</b>	<b>211</b>
<b>6.5</b>	<b>Sugestões para pesquisas futuras .....</b>	<b>212</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>215</b>
	<b>APÊNDICE A – Roteiro para Grupo de Foco .....</b>	<b>225</b>
	<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> <b>– TCLE.....</b>	<b>227</b>
	<b>APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> <b>– TCLE.....</b>	<b>228</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As corridas de rua constituem-se por eventos realizados ao longo de um grande período da história. Com registros de provas existentes nos jogos olímpicos da antiguidade, essa modalidade tem representações datadas de 776 a.C. Nessa época, as provas eram medidas em “estádios”, que eram equivalentes a 192 metros, e variavam entre essa distância, registrada na prova mais tradicional, até 24 estádios, medida mais longa (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO - CBAAt, 2014).

No formato mais próximo às corridas de rua atuais, encontram-se registros datados do século XVIII na Inglaterra, com grande adesão popular. Esta adesão foi reforçada a partir da realização da primeira Maratona Olímpica, que se deu nos jogos de Atenas em 1896. A maratona é uma prova cujo nome resultou de uma homenagem à antiga lenda grega de um soldado mensageiro do exército de Atenas. O soldado teria corrido cerca de 40 km entre o campo de batalha de Maratona até Atenas para noticiar a vitória de suas tropas aos patrícios e teria morrido de exaustão após proferir a mensagem (MATTHIESEN; GINCIENE; FREITAS, 2012).

Em um passado menos distante, na década de 1970, a prática de corridas passa a ter um caráter associado à saúde tendo como um marco o trabalho do médico norte-americano Kenneth Cooper. O método de prática de exercício e teste de aptidão desenvolvido pelo médico impulsionou a prática dessa modalidade pela população que buscava melhor qualidade de vida nos Estados Unidos, influenciando, também, outras nações (CAMPOS; MORAES; LIMA, 2015).

A corrida passa a ser praticada não só por atletas, com fins competitivos ou por soldados, mas, também, por pessoas que buscam saúde e outros benefícios distintos da preparação para o alto rendimento ou militar. Constata-se uma popularização dessa prática, gerando reproduções nos campos sociais, da

reabilitação e na busca por um estilo de vida diferenciado. No entanto, as motivações mais tradicionais, como a preparação de atletas ou de tropas para batalhas continuam perenes em nossa história. Ou seja, presencia-se uma vastidão de elementos que enriquecem a prática de se colocar a correr.

Diversos elementos e vertentes do “correr” podem ser encontrados em reproduções até a atualidade. Nos últimos anos, uma onda em número de praticantes de provas de rua se configurou como um mercado grandioso que registra milhares de eventos. Dentre eles podem ser destacadas as maratonas de Tóquio, Londres, Boston, Berlin, Chicago e Nova Iorque que juntas formam a *World Marathon Majors*. Essa associação entre os organizadores promove as seis provas como as maiores e mais disputadas maratonas do mundo e busca estimular o interesse de pessoas que querem se tornar atletas de elite (OLBERDING; JISHA, 2005).

Em um contexto menos especializado no alto rendimento, encontram-se provas promovidas como a *Rock 'n Roll Marathon Séries*. Esse modelo mistura a corrida com a diversão promovida por *shows* de *rock* com artistas renomados. Os eventos são realizados em vários estados norte-americanos (LOUGH; PHARR; OWEN, 2014).

No Brasil, presenciamos diversos eventos com características regionais, como o revezamento Volta à Ilha em Florianópolis e a Corrida de Reis realizada em estados como o Mato Grosso e no Distrito Federal. Eventos nacionais também são promovidos. Nesse caso, são comuns os circuitos, com provas realizadas ao longo do ano, promovidas no mesmo dia em diferentes locais, geralmente nas capitais.

Diversos formatos são praticados, variando distâncias, terrenos, regiões, categorias de praticantes e, até mesmo, provas em prol de causas sociais ou humanitárias são promovidas. Em algumas ocasiões, encontram-se provas inusitadas, como as que são disputadas em escadarias de prédios ou até mesmo,

provas disputadas por garçons carregando bandejas de bebidas. A corrida também é uma atividade que compõe parte de outros esportes como o triátlon ou as corridas de aventura que mesclam o correr com demais modalidades como o remo, o ciclismo, a natação ou até mesmo as escaladas.

As corridas de rua podem estar incluídas em um conjunto de práticas dinâmicas e, ao mesmo tempo, tradicionais ao longo da história, uma vez que decorrem do atletismo, que é uma prática esportiva antiga e próxima dos movimentos mais naturais do ser humano. A pouca necessidade de equipamento ou condições estruturais para sua prática é uma das características primordiais da corrida. No entanto, a atualidade do fenômeno se comporta de forma paradoxal por envolver uma complexidade recente de tecnologias, vastidão de produtos e serviços ofertados aos praticantes e megaestruturas em eventos, organizados em escala e com apropriações mercadológicas.

Nesse sentido, a trajetória das corridas de rua transcende a simplicidade de suas origens. Esse contexto pode suscitar uma compreensão teórica que também transcenda uma perspectiva reducionista e que busque extrapolar toda a sua extensão e profundidade do objeto.

O corredor de rua, como consumidor do próprio ato de correr e de nuances que variam das mais sutis às mais elaboradas, torna-se um ator com importante papel no contexto social e econômico. A análise do fenômeno, no qual este se insere, pode constituir um campo frutífero que contribui para o entendimento acerca do comportamento do consumidor. A variação de reproduções da corrida que vai do ato mais simples de sair correndo pelas ruas ou trilhas às complexas modalidades contemporâneas se mostra intrigante do ponto de vista da investigação social de fenômenos de consumo. Por mais complexo que o mercado no entorno dessa prática seja constituído, ela sempre pode ser realizada de uma forma simples. Nesse sentido, cabe a utilização de um corpo teórico que busca aproximações plurais da realidade de forma a contribuir,

com proposições compatíveis, às características heterogêneas e paradoxais relatadas.

A teoria das práticas sociais para o estudo do consumo resgata a prática como um elemento central ao se observar as relações sociais que são constituídas por rotinas e elementos que vão sendo mantidos, reconfigurados e até mesmo extintos, de acordo com o comportamento das pessoas.

As práticas e seus elementos podem ser entendidos como formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, objetos e suas utilizações, o conhecimento de fundo na forma de compreensão, *know-how*, estados emocionais e motivações. Todo esse conjunto não pode ser reduzido aos objetos e seu uso como forma central, uma vez que o entendimento se baseia na interligação desses elementos e não na redução a qualquer um deles de forma isolada (HALKIER; KATZ-GERRO; MARTENS, 2011; RECKWITZ, 2002).

Nesse sentido, a teoria da prática apresenta-se como uma forma diferenciada da dualidade entre a estrutura e a ação do sujeito, fortemente presente e destacada nos estudos sobre o comportamento do consumidor. Tais pressupostos dividem a compreensão do consumo como fenômeno, situando o ator ora como detentor de escolha livre e emancipada do meio, ora como um produto da sociedade evadido do arbítrio em razão da estrutura que o impele em suas decisões. A abordagem teórica das práticas sociais apresenta-se como uma forma de superação dessa dualidade colocando a noção de prática como um conjunto interdependente da agência e da estrutura em que o ator não é racional e isolado nem mesmo produto de uma estrutura (SCHATZKI; KNORR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001; WARDE, 2005).

No que diz respeito ao consumo, pode-se compreendê-lo como uma consequência das configurações das práticas pelas pessoas. Essas configurações são produtos de manutenção, transformações e abandonos de elementos que constituem as práticas. A ação do homem não será estável, pois em alguns

momentos pode ser influenciada pela estrutura. Aspectos como o aprendizado ou a inserção de novos elementos nas práticas podem ou não ser apropriados na forma de realizar a prática.

A estrutura então influencia, mas não determina todas as ações, uma vez que as práticas podem, ou não, sofrer alterações no momento de suas reproduções. O comportamento do consumo assume caráter dinâmico ou latente e não possui, com isso, o fim em si mesmo, mas está presente em momentos de práticas cotidianas.

A aplicação do corpo teórico das práticas sociais em estudos do consumo permite a compreensão por meio da aproximação da trajetória das práticas. Esse caminho ao longo do eixo temporal produz elementos que vão se constituindo em *performances* e seus elementos, que têm por consequência o consumo. Esse deixa de ser analisado como ponto central e passa a ser percebido como um elemento que se forma no percurso da prática ao longo de sua trajetória e das maneiras pelas quais essa prática é reproduzida. O conjunto de práticas e sua configuração na rotina dos atores geram, então, os momentos de consumo por meio dos quais é possível visualizar o mercado e os comportamentos que o constituem.

A prática de correr nas ruas e disputar provas parece ser um profícuo campo de observação por causa da simplicidade que existe na essência de sua ação. Entretanto, a complexidade e a diversificação que essa prática percorreu até sua configuração atual aguçam olhares sobre o fenômeno. O ato de correr contemporâneo, na maioria dos casos, ultrapassa o simples calçar de um “par de tênis” e o uso de “roupas surradas” para sair por aí em parques, praças e ruas. O correr atual é um rico campo de análises por sua trajetória e particularidades que o constituem.

Grande parte das provas disputadas na atualidade possui padrões de megaeventos esportivos e se distancia das antigas corridas de rua parecendo

deixá-las na condição de ultrapassadas. Atualmente, kits elaborados com diversificação de produtos são entregues quando os corredores se inscrevem nas provas. Em algumas circunstâncias, *combos* de inscrições permitem a participação em circuitos constituídos por provas realizadas em diversas épocas do ano e em pontos turísticos estratégicos, motivando, até mesmo viagens internacionais. No mesmo sentido, as formas de preparação e tecnologias de suporte aos corredores diferenciam-se de forma vigorosa do passado. Até pouco tempo, as inscrições em provas de rua entregavam ao participante apenas o número pintado no tecido com um par de alfinetes. A delimitação do percurso era realizada de forma rústica. As imagens de alguns corredores que se aventuravam pelas ruas com pés descalços não eram incomuns.

Destaca-se também a variedade de motivações presentes nessa prática. Os motivos que levam milhares de pessoas a percorrerem uma distância correndo podem variar bastante, assim como seu entendimento sobre o que é participar de uma prova de corrida. A busca de saúde, a superação de questões emocionais, a felicidade de estar entre amigos ou até mesmo a proposição de mudança de hábitos que estão associados a doenças e à baixa qualidade de vida podem constituir os motivos de ingresso na prática. Algumas motivações parecem estar associadas ao outro, como nos casos de pessoas que correm conduzindo amigos ou parentes com deficiência em cadeiras de rodas ou grupos que organizam corridas ou desafios em prol de instituições que buscam melhorias humanitárias e sociais.

Paralelamente a isto, as corridas ainda continuam sendo utilizadas como forma de preparação de tropas que correm equipadas com armamentos tal qual se viu nos jogos olímpicos da era antiga. No mesmo sentido, muitas pessoas parecem gostar da prática mais simples da corrida não reproduzindo todo o aparato tecnológico e complexo que se tem visto. A prática ainda pode ser notada pela forma mais simples do correr em expressões culturais preservadas e

primitivas em algumas tribos ou em comunidades mais afastadas da urbanização.

A teoria da prática como forma de entendimento do consumo apresenta desafios do ponto de vista metodológico e da diversificação de campos empíricos. Os desafios apresentam-se no sentido do amadurecimento de sua aplicação em estudos científicos. Os modelos teóricos baseados nesta perspectiva não são numerosos. Tais lacunas metodológica e teórica, somadas ao campo empírico complexo das corridas de rua, motivaram a realização desta tese.

Nesse sentido, descreve-se, nos próximos tópicos, o problema de pesquisa, os objetivos: geral e específicos, e, por fim, as justificativas da presente pesquisa.

### **1.1 Problema de pesquisa**

A longa trajetória das corridas de rua agrega riqueza de elementos na formação de seu entendimento pelas pessoas. A diversidade presente nesta prática em suas ocasiões, nas suas finalidades e nos seus praticantes agrega ao fenômeno “corrida de rua” multifacetadas sociais, culturais e, por consequência, mercadológicas.

Corroborando com o exposto, o esporte, em um passado próximo, extrapola as competições organizadas e a seleção natural de suas tradições passando a habitar o cotidiano de pessoas comuns que buscam qualidade de vida e saúde. Sua popularização, em termos de aprendizagem e conscientização de sua importância, é tema constante de prestadores de serviços públicos, mídias, classes de profissionais da saúde, estudiosos de uma vida mais equilibrada e longa e até mesmo dentre os que se aproximam de uma vida mais natural longe dos grandes ciclos de consumo.

Como uma proposta recente no conjunto de pesquisas que buscam entender o consumo, a teoria da prática apresenta a possibilidade de transcendência epistemológica que não promova reduções na compreensão de um fenômeno amplo como as corridas de rua.

As práticas com seus momentos de consumo necessitam de campos empíricos que não sejam isolados em sua observação. Seus campos de observação deveriam permitir conexões, alianças e conflitos entre as práticas que formam as rotinas dos indivíduos (HARGREAVES, 2011). Hargreaves (2011) ainda reitera que as esferas empíricas da vida cotidiana deveriam ser consideradas como os domicílios ou os ambientes de trabalho. Este contexto pode permitir compreender os desempenhos e negociações de um grupo de práticas.

Considera-se nesta pesquisa a corrida de rua como uma esfera da vida cotidiana. Baseia-se esse pressuposto na consideração de que o fenômeno se constitui por um conjunto de rotinas como as de seu próprio desempenho, as rotinas de preparação, as rotinas de disputa ou de participação em eventos competitivos e as rotinas de outras práticas que são integradas à corrida de rua que é assumida pela presente pesquisa como núcleo de uma esfera empírica. Procura-se a compreensão dos elementos dessa prática sob a perspectiva de que o campo empírico apresentado e a teoria da prática se aproximam em torno da complexidade de ambas.

Nesse esforço de aproximação, a partir da utilização de um corpo teórico que permita a ampla visualização do fenômeno, buscou-se uma questão de pesquisa que pudesse nortear os trabalhos de investigação sem cercar a amplitude ora apresentada. Entretanto, a amplitude do fenômeno merece o cuidado de uma pergunta que mantenha o escopo que uma observação científica solicita.

Diante da problemática exposta e do que se pretende abarcar com esta pesquisa, apresenta-se a questão que balizou todo o trabalho desenvolvido: **Quais são os elementos da prática de corrida de rua e qual sua influência sobre consumo?**

## **1.2 Objetivo geral**

Identificar o comportamento de consumo de corredores de rua com base na teoria da prática.

## **1.3 Objetivos específicos**

- a) Descrever os elementos das práticas como categorias de análise com base nos pressupostos da teoria da prática.
- b) Compreender a prática da corrida de rua utilizando os elementos das práticas como categorias de análise.
- c) Descrever o consumo relacionado à corrida de rua com base na abordagem da teoria da prática.

## **1.4 Justificativas da pesquisa**

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito principal de complementar as discussões teóricas do uso da teoria da prática no estudo do consumo. Esta discussão será realizada por meio da aplicação das teorias na compreensão do fenômeno das corridas de rua no Brasil.

A aplicação da teoria da prática como forma de estudar o consumo foi proposta por Warde (2005) e reforçada por autores que defendem sua aplicação. Essas teorias encontram-se mais associadas à área de estudos organizacionais, às áreas como tecnologia, serviços públicos, sustentabilidade, dentre outras. Entretanto, são pouco desenvolvidas no tocante a estudos em *marketing* e comportamento do consumidor (ARAUJO; KJELLBERG; SPENCER, 2008; HALKIER; KATZ-GERRO; MARTENS, 2011).

Grande parte dos estudos que utilizaram a teoria da prática abordou temas ou objetos de pesquisa relacionados à alimentação (BUGGE; ALMAS, 2006; CRIVITS; PAREDIS, 2013; HAND; SHOVE, 2007; PLESSZ et al., 2014; TRUNINGER, 2011). No entanto, a teoria da prática associada ao consumo foi aplicada em diferentes campos empíricos como o consumo de música ou práticas relacionadas a artesanato e à manutenção de objetos (MAGAUDDA, 2011; WATSON; SHOVE, 2008).

Ressalta-se que as práticas corporais se aproximam de aspectos relevantes para o estudo e aplicação dessas teorias. Um estudo que teve por campo empírico a caminhada nórdica revelou que diferentes percepções dessa prática fizeram com que ela fosse bem aceita em alguns países e em outros não (SHOVE; PANTZAR, 2005).

Entretanto, críticas foram apresentadas em relação à utilização de práticas isoladas como objetos de investigação. Propostas foram feitas para adoção de “esferas empíricas” da vida cotidiana como, por exemplo, o lar ou o ambiente de trabalho, permitindo compreender a integração das práticas no cotidiano dos indivíduos (BORELLI, 2013; GRAM-HANSSSEN, 2011; HARGREAVES, 2011).

As corridas de rua compreendem um fenômeno importante que movimenta números expressivos de pessoas, recursos e valores, atraindo inclusive participantes e atletas de outros países, além de movimentar diversos setores da economia como o turismo, vestuário e saúde no Brasil (LOURENÇO, 2006). Existe nesse esporte uma facilidade e simplicidade de prática, uma vez que não se exigem muitos equipamentos nem mesmo estruturas exclusivas para sua *performance* (RIBEIRO; LOVISOLO, 2013; SALGADO; CHACON-MIKAHIL, 2006).

Percebe-se nessa prática benefícios de relevância social como o combate a endemias importantes, dentre elas, a obesidade, as doenças crônicas não

transmissíveis, e, até mesmo, patologias de ordem emocional. Praticantes da corrida de rua beneficiam-se com a melhora da aptidão física, da condição emocional, de diversas condições funcionais e sociais (TRUCCOLO; MADURO; FEIJÓ, 2008).

A inclusão da prática de exercícios na rotina pode ser uma ação que agregue não só o momento da *performance* física em si. A prática de exercícios pode ser mais bem compreendida por um conjunto de rotinas que extrapola a ação. A corrida de rua parece nuclear uma riqueza de elementos e organização cotidiana envolvendo inclusive outras práticas.

A compreensão dessa prática como elemento nuclear ou campo empírico ampliado, proposto por Hargreaves (2011) como esfera empírica do cotidiano, pode contribuir para a discussão da utilização da teoria da prática no estudo do consumo, bem como pode colaborar para a ampliação do entendimento de práticas ligadas à atividade física. Por conseguinte, a teoria da prática pode subsidiar entendimentos sobre como pessoas conseguem incluir exercícios em suas rotinas.



## **2 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA**

As características do objeto utilizado na presente pesquisa serão descritas nesta sessão. Serão abordadas as características das corridas de rua como campo de observação empírica, por meio de um breve resgate histórico da modalidade. Aspectos da trajetória das corridas de rua que constituíram o mercado hoje existente em torno desta prática serão relatados. Por fim, o corredor de rua é apresentado como um consumidor em razão das rotinas que ele incorpora para reproduzir essa prática.

### **2.1 As corridas de rua como campo empírico**

As corridas de rua são provas originadas a partir do atletismo, que é considerado seu “esporte base” em razão da sua prática ser aproximada aos movimentos naturais do ser humano. Com competições registradas desde os anos 776 a.C., o atletismo se divide em provas diversas, das quais o pedestrianismo ou corridas de rua são uma de suas modalidades mais praticadas (CBAt, 2014).

As provas nos formatos mais próximos aos atuais constam de registros da Inglaterra no século XVIII e posterior expansão para a Europa. Nos Estados Unidos, a popularização dessa prática se dá a partir da década de 1960, por meio das provas de rua impulsionadas por práticas caracterizadas por uma vertente de saúde em campanhas contra o sedentarismo, que tinha como protagonista o médico Kenneth Cooper (LOURENÇO, 2006). Destaca-se dentre as provas realizadas sem interrupção a maratona de Boston, com mais de 100 anos, e a corrida de São Silvestre, no Brasil, com mais de 90 edições realizadas.

As provas de corridas de rua reconhecidas oficialmente pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), em acordo com a regra da International Association of Athletics Federation (IAAF), possuem as distâncias padrão de 10 km, 15 km, 20 km, Meia-Maratona (21.095 m), 25 km, 30 km,

Maratona (42.195 m), 100 km, Ultra Maratona de 24 horas e Maratona de Revezamento em percurso de rua. Existe ainda exceção para percursos tradicionais locais, mesmo que estes não obedeçam às distâncias padrão (IAAF, 2014).

As corridas de rua também apresentam crescimento principalmente entre os participantes que não buscam as provas para desempenho. Esse crescimento pode estar associado a peculiaridades como o fato de as corridas serem bastante acessíveis à população. Em essência, as corridas demandam custo relativamente baixo de organização. Os atletas ou praticantes têm poucas complicações ou impedimentos para seu treinamento. O grande crescimento de praticantes pode sustentar a inclusão dessa modalidade de atividade física como popular ou de massa. A atividade física vem ganhando espaço dentre as mais diferentes culturas e países como resultado de iniciativas de combate ao sedentarismo, ao estresse e às doenças crônicas não transmissíveis. Para muitos praticantes de atividade física, práticas ao ar livre ganham destaque dentre as demais atividades e a corrida de rua figura como uma das principais modalidades desenvolvidas longe dos ambientes fechados como academias e ginásios (SALGADO; CHACON-MIKAHIL, 2006).

A tendência de crescimento mundial das corridas de rua foi seguida no Brasil com um movimento que se destacou no Rio de Janeiro após a década de 1980. Motivaram o crescimento dessa prática a preocupação com a saúde, em especial com as doenças cardíacas, e a busca de resultados voltados para o condicionamento físico. Na década de 1990, as provas intensificaram-se também em São Paulo e foram disseminadas pouco a pouco por outras capitais. Corridas festivas e promoções midiáticas por meio das provas de rua são presentes na rotina dos praticantes e espectadores, como a corrida de São Silvestre, a Maratona de São Paulo, a Meia Maratona do Rio e a Volta da Pampulha (LOURENÇO, 2006).

## 2.2 Trajetória das corridas de rua: a configuração de um mercado

Estima-se que o Brasil possui cerca de 4,5 milhões de corredores e que os dados apresentam curvas em crescimento. Somente no estado de São Paulo, as provas de corrida de rua registradas pela federação esportiva responsável aumentaram de 168 corridas em 2005 para 323 em 2013 chegando a estimativas de participação que ultrapassaram os 560.000 corredores (CAMPOS; MORAES; LIMA, 2015).

As motivações que contribuem para o aumento de participantes são a diversão, a facilidade de prática, a melhoria do condicionamento físico e da saúde (CAMPOS; MORAES; LIMA, 2015). Dentre as motivações, também são destacados os sentimentos de prazer, alegria e felicidade. As medalhas e camisetas passam a representar conquistas nos ambientes de trabalho e perante os familiares e amigos. Outro fato relevante no Brasil é a organização de caminhadas concomitantemente às corridas. Os participantes podem evoluir para a prática da corrida ou permanecer na atividade de caminhada (SALGADO; CHACON-MIKAHIL, 2006).

Em função das práticas de preparação e treinamento para os eventos, os grupos de corrida são organizações sociais frequentes em provas, parques e no meio corporativo. Presentes na maioria do território brasileiro, esses grupos são liderados e providos por diferentes atores, a exemplo dos próprios praticantes, dos profissionais de educação física, na forma de prestação de serviço em grupos, das academias de ginástica e das empresas. Essas organizações geralmente fornecem, nos dias de prova, estruturas que compreende barracas com apoio de profissionais como fisioterapeutas, massagistas e professores de educação física, além de fornecerem alimentação, hidratação e de valorizarem a reunião dos corredores em conversas e trocas de experiências antes e após os eventos competitivos.

Além do suporte destacado nos dias de provas, os grupos de corrida promovem treinamentos em grupo, preparação física, viagens em conjunto e orientações variadas. Trocas de experiências também estão presentes nas atividades sociais desses grupos que, em alguns casos, extrapolam o ambiente de treinamento e disputa e promovem encontros sociais por meio de jantares e comemorações (SILVA; HALPERN, 2013; TRUCCOLO; MADURO; FEIJÓ, 2008).

Estudos relatam a prática comum, entre os grupos de corredores, de viagens para destinos que variam em distância, podendo chegar a locais inusitados, muito distantes e até mesmo exóticos, nos quais as provas são disputadas. O treinamento promovido por eles pode se estender por vários meses promovendo modificações em um conjunto de hábitos como a alimentação e o repouso. Percebe-se, também nos estudos, o que pode ser chamado de privação de outras práticas naturais do tempo livre (SILVA; HALPERN, 2013).

No Brasil, as corridas de rua possuem uma grande gama de atores, estruturas e organizações sociais, conforme o modelo de segmentos da indústria da corrida de rua apresentado no Quadro 1 (BASTOS; PEDRO; PALHARES, 2009).

Quadro 1 - Indústria da corrida de rua

Prática oferecida ao consumidor	Iniciativa privada	Assessorias esportivas de corrida de rua
	Organizações mantidas por sócios	Clubes de corrida
	Academias de <i>fitness</i> e esportes	
	Atividade oficial em entidades de administração do atletismo que organizam eventos em geral de cunho competitivo	IAAF, AIMS, CBAAt, federações, governos estaduais e municipais.
Produção	Equipamentos e acessórios	Monitores, vestuário, calçados, Ipods, hidratação e Gps
	Instrução de <i>fitness</i>	Orientação técnica
	Acompanhamento	Médico, nutricional, RPG e avaliação física
Produtos oferecidos para se promover o produto esporte	Produtos e eventos promocionais	
	Mídia	Fotos, filmagens, <i>clips</i> , revistas e <i>sites</i>
	Patrocínio de eventos	Corridas e revezamentos

Fonte: Adaptado de Bastos, Pedro e Palhares (2009).

Para Marcolini (2014), sozinhos ou em grupo, o movimento da economia do setor vai além do tênis e das roupas esportivas, mas compreende serviços e produtos especializados como os suplementos, viagens esportivas, assessorias esportivas, que atendem o público em geral e empresas, inclusive aquelas que manifestam interesse em formar grupos para seus colaboradores.

### 2.3 Os corredores de rua como consumidores

Boa parte dos praticantes de corrida de rua se organiza em grupos. A formalidade da organização social nem sempre é homogênea. As diferentes formas de agrupamentos dos corredores foram estudadas no Rio de Janeiro. O estudo dessas “tribos” revelou números que indicavam o otimismo por meio do aumento de provas e de participantes no país que, em 2012, apresentava estimativa de 3 milhões de praticantes. A amostra desse estudo foi constituída por 350 alunos matriculados em uma empresa que prestava assessoria em

treinamentos e em corridas para os praticantes. Cerca de 90 clientes frequentavam os turnos ou horários de aulas ofertados. Dentre os objetivos de cada aula, destacaram-se os treinos em conjunto, treinos específicos e momentos para a integração dos alunos (SILVA; HALPERN, 2013). Os autores relataram que a evolução do praticante leva ao consumo de determinados produtos e serviços, a exemplo de inscrições em provas e o consumo de suplementos nutricionais. A interação dentro do grupo é clara, reportada com ênfase nas emoções compartilhadas que reforçam o poder de agregação da prática.

Esse fenômeno também é destacado nas redes sociais através das quais os praticantes ou simpatizantes se agregam em milhares nos grupos destinados ao assunto. Em um levantamento realizado por uma empresa especializada em pesquisa de mercado, no Brasil foi identificado que 374 mil pessoas publicaram *posts* com as palavras “corrida”, “km” ou “kms” (E-LIVE, 2014).

A adesão à prática de corrida de rua pode ser exacerbada em alguns casos. Em um estudo, que teve por objetivo investigar o nível de dependência à prática de corrida de rua, verificou-se que 42,5% dos entrevistados corriam de quatro a cinco vezes por semana e 81% dedicavam de uma a duas horas por dia, em média, em seus treinos. Respostas como: “Sinto que me falta algo quando não corro”, “A corrida tem influenciado meu estilo de vida” e “Experimento grande prazer quando corro” foram destacadas no processo de validação de um questionário (ROSA; MELLO; SOUZA-FORMIGONI, 2003).

Os eventos ou provas de corridas de rua vêm sendo realizados em diferentes situações e buscam promover motivações diferentes em seus praticantes e na população do local no qual a corrida é disputada (OLBERDING; JISHA, 2005). Existe um crescimento de corridas que apoiam causas humanitárias como pesquisas para cura de doenças ou campanhas beneficentes. Outra vertente é a promoção de eventos em locais alternativos, como trilhas em contato com a natureza e destinos voltados para a exploração do turismo os

quais podem variar em relação às características climáticas exóticas ou à experiência em parques temáticos como a Disney (MARCOLINI, 2014).

As pessoas que viajam para correr percebem benefícios como participar de provas com boa qualidade de organização, adquirir prestígio, conhecer novas pessoas e interagir socialmente, aproveitar atividades de turismo e lazer, buscar alternativas de escape e relaxamento e conhecer e experimentar lugares e culturas diferentes (FUNK; TOOHEY; BRUUN, 2007). Os pesquisadores apontam que a diferença cultural entre o local da prova e os corredores é um forte fator motivacional dentre os corredores. Diferenças de gênero foram relatadas quanto à percepção de benefícios. As corredoras parecem perceber melhor do que os corredores as oportunidades de socialização, as aprendizagens e explorações de culturas locais, aliadas à experiência de turismo associada ao relaxamento.

Eventos de maior abrangência costumam possuir em sua estratégia de promoção, a participação de atletas de alto rendimento de países com tradição e destaque em provas de rua. A presença de atletas estrangeiros na disputa das provas como no caso dos quenianos, etíopes e tanzanianos tem gerado discussões. A participação desses atletas pode promover o evento entre os participantes, no entanto, dificultam as chances de vitória dos atletas de alto rendimento nacionais (RIBEIRO; LOVISOLO, 2013).

Os corredores famosos e os atletas profissionais comunicam mensagens com diferentes significados. As ações promocionais de marcas esportivas ou de eventos caracterizados com a marca de entidades patrocinadoras utilizam a imagem de atletas profissionais e recordistas para suas promoções. Entretanto, existe também uma ampla divulgação do lado negativo de algumas personalidades do atletismo. Quando um caso de *doping* é reportado na mídia, muitos corredores não profissionais recebem essa informação. Atletas não profissionais aparentam certa dificuldade em distinguir de forma mais

aprofundada o que são as substâncias proibidas. Suas preocupações parecem girar em torno de uma postura saudável ideal. Contribuem para este fim, a grande presença de consumo de suplementos alimentares. Apesar de não identificarem, de forma eficaz, as substâncias não recomendadas, muitos corredores não profissionais consomem suplementos e vitaminas acreditando que esses podem ajudar na conquista de um estilo de vida mais saudável. Outra crença associada ao consumo desses produtos é a de melhora de desempenho nas provas e de recuperação mais eficiente após os treinamentos (HENNING, 2015).

Em um estudo realizado com corredores de rua brasileiros, o consumo alimentar foi considerado adequado para a maioria dos entrevistados. Os corredores parecem possuir um nível elevado em conhecimentos básicos sobre nutrição (FERREIRA; BENTO; SILVA, 2015). O mesmo fato pode não acontecer em relação aos suplementos. Em pesquisa realizada com usuários de suplementos pós-exercício que visam a recuperação, constatou-se que 59,4% dos entrevistados não optaram pelo melhor produto quanto a composição. O estudo registrou, também, certa confusão por parte dos corredores e triatletas em relação à escolha de produtos que auxiliam na recuperação após os treinamentos (NEWLAND; CHALIP; IVY, 2012). Cabe ressaltar que boa parte dos atletas que optaram pelos melhores compostos em suplementos pós-treino buscam apoio em evidências científicas da eficácia do produto.

O consumo de suplementos alimentares parece ser um elemento frequente entre os corredores e praticantes de atividade física. Boa parte do consumo é feito com base em iniciativa própria e na autoprescrição. Mesmo quando se busca informações a respeito de suplementação com treinadores e companheiros de treinamento, estas podem ser confusas. Cabe ressaltar que políticas de educação a respeito de substâncias proibidas são muito raras entre os atletas não profissionais (HENNING, 2015). Nesse sentido, mesmo quando esses atletas procuram informações com treinadores, estes podem replicar

informações de cunho empírico e sem conhecimento apropriado, uma vez que a maioria dos cursos de educação física no Brasil não inclui esta temática em suas grades de disciplinas (VARGAS; FERNANDES; LUPION, 2015).

Ressalta-se que a procura desse tipo de produto é motivada por uma espécie de valor galgado em práticas saudáveis. Nesse sentido, quando suplementos ou substâncias são investigadas e relações prejudiciais ao corpo humano são apontadas, encontram-se fortes rejeições ao uso entre os corredores (HENNING, 2015).

Na busca por associação de valor às marcas, muitas empresas multinacionais têm estendido seus portfólios para linhas de produtos nutricionais esportivos buscando ênfase nesse comportamento descrito por uma espécie de conscientização de modo de vida saudável (FERREIRA et al., 2015). Em um estudo realizado em Fortaleza - CE, marcas de um hipermercado e de determinada água mineral estão presentes na percepção de corredores em conjunto com as tradicionais marcas de produtos esportivos (RIBEIRO; COSTA, 2013).

Esse movimento gera um volume de informações técnicas e especializadas sobre equipamentos, treinamento, fisiologia e nutrição que contribui para a configuração de uma rede de serviços aos corredores (BASTOS; PEDRO; PALHARES, 2009; CAMPOS; MORAES; LIMA, 2015). A prestação de serviços para corredores de rua parece estar difundida em eventos disputados pelos corredores e também em práticas do seu cotidiano. Além dos serviços de nutricionistas, que influenciam em práticas alimentares, pode-se destacar a contratação de outros profissionais ligados à área da saúde. Práticas que envolvem a prevenção e a recuperação de lesões são reportadas com as participações de profissionais como médicos, fisioterapeutas e professores de educação física. Já quanto aos deslocamentos para disputar provas fora da cidade

de origem, encontram-se em evidências os agentes de viagem e turismo, hotéis e restaurantes (OLBERDING; JISHA, 2005).

Durante os eventos, organizadores costumam promover serviços variados na tentativa de agregar valor e promover a diferenciação de mercado para suas provas. Estratégias de *marketing* voltadas para promoção e conscientização da marca do evento têm sido notadas em grande parte das provas de rua (LOUGH; PHARR; OWEN, 2014). Os serviços são associados às estratégias por meio das quais se observam corridas associadas a *shows* de *rock*, brincadeiras relacionadas a tintas para corpo, degustação de vinhos, dentre outros elementos. Percebem-se grandes transformações na forma como os eventos têm sido desenvolvidos ao longo do tempo (OLBERDING; JISHA, 2005).

O reconhecimento de marcas patrocinadoras de eventos de corridas tem sido notado entre os corredores mais identificados com o esporte. Ao disputar uma corrida de rua, corredores acessam os *sites* oficiais dos eventos e tendem a reconhecer melhor as marcas patrocinadoras (LOUGH; PHARR; OWEN, 2014). Os corredores que apresentam um maior envolvimento tendem a gastar mais durante os eventos e chegam a apresentar intenções positivas de compra de produtos relacionados aos patrocinadores. No mesmo sentido, apresentam um comportamento favorável aos investimentos em viagens relacionadas às corridas (MCGEHEE; YOON; CARDENAS, 2003).

Mesmo nas provas mais longas como a maratona ou nas ultramaratonas, encontram-se presentes os corredores não profissionais ou recreativos. Cabe ressaltar que, em algumas distâncias, a corrida recreativa está bem longe de preparações amadoras ou de atletas despreparados. Nesse nível de evento, nos quais a preparação para a participação exige grande entrega, encontra-se um perfil de corredor que tem um bom poder aquisitivo, alto nível educacional, e por consequência, investe altas quantias para participar desses eventos. Viagens

internacionais com planejamento bastante antecipado caracterizam esse grupo que elege alguns eventos especiais como foco de preparação que, em geral, dura entre seis meses e um ano (KRUGER; SAAYMAN, 2013).

Assim como os eventos se transformaram ao longo do tempo, as formas de praticar corrida visando à preparação para provas de rua também sofreram alterações. A grande difusão dessa prática como uma forma de meio de vida saudável vem configurando um entendimento de participação. A participação engloba características menos competitivas e perfis mais amplos de praticantes. A amplitude de perfis varia quanto a aspectos objetivos e subjetivos da prática e cria um ambiente atual e virtual de comunicação entre os praticantes que podem ou não fazer parte de grupos fisicamente constituídos de corredores. Não obstante, redes intermediadas por diversos meios como as plataformas tecnológicas específicas de compartilhamento de treinos e percursos, as redes sociais comuns e os próprios locais de treinamento e disputa de provas permitem um constante envolvimento social dos praticantes. Esse envolvimento está diretamente relacionado ao engajamento dos praticantes, que independe de resultados expressivos e permite uma variação grande de perfis (BARNFIELD, 2016).

Nesse sentido, os produtos utilizados nas rotinas de treinamento e na participação em provas, em sua grande maioria, não são essenciais à corrida. Segundo Barnfield (2016), não possuir a grande parte dos produtos não limita a prática da corrida apesar da existência de uma infinidade de produtos destinados à prática. O autor destaca os relógios específicos, equipamentos GPS, os monitores de frequência cardíaca, os MP3 *players* e o vestuário específico.

É possível encontrar alguns produtos e serviços integrados em um único equipamento. Assim como os *smartphones* oferecem a possibilidade de agrupar diversos aplicativos para funções do cotidiano ligadas à comunicação e ao entretenimento, os corredores de rua podem concentrar um grupo de

funcionalidades nesses equipamentos portáteis. Além da música, é possível agregar aplicativos relacionados ao acompanhamento de treinos por GPS, monitorar a quilometragem de tênis de corrida, e compartilhar treinos, dentre outras funcionalidades que são integradas a outros aplicativos de uso comum no cotidiano. A atitude positiva ao uso desta tecnologia integrada é influenciada pela utilidade, pela facilidade percebida e pelo desejo de buscar saúde (HUANG, 2015).

Os equipamentos ainda que não limitem a prática, ganham participação simbólica e até mesmo hedônica no contexto das corridas. A exemplo, a prática de ouvir música enquanto se pratica a corrida pode ser considerada uma espécie de fuga e criação de um ambiente de experiência distinto, intrínseco e prazeroso. Os equipamentos portáteis de reprodução de música evoluíram muito e são capazes de gerar práticas acessórias que proporcionam diferentes experiências unindo contextos situacionais de interação ambiente, corpo e mente (KERRIGAN et al., 2014). A expressão *soundscape* foi utilizada para descrever o exposto e o conjunto de variações de temas associados a características distintas de personalidades e listas de músicas utilizadas (KERRIGAN et al., 2014).

Esse arranjo entre personalidades, músicas e ambientes pode ilustrar uma variedade de combinações, assim como os corredores podem compor diferentes conjuntos de elementos das práticas e significados por eles associados. As práticas constituem-se por percepções e atuações diversas, elas são o nexos do que se entende e se fala de uma atividade e de como esta é desempenhada (SCHATZKI, 1996).

Segundo Hargreaves (2011), as práticas deveriam ser estudadas por meio de esferas cotidianas, ou seja, por meio de um cenário amplo que permita captar a complexidade de elementos que constituem uma prática. As corridas de rua parecem constituir bem mais do que o ato de disputar uma prova no final de

semana. Assim como, a preparação para a corrida de rua vai além dos dois ou três dias de treino por semana. Esse fenômeno parece motivar diferentes tipos de pessoas que configuram formas diferentes de rotinas em treinamento, alimentação, fixação de objetivos dentre outras especificidades. Percebe-se que práticas integradas como a prevenção de lesões e viagens para disputar provas são ações frequentes entre os corredores. Segundo Warde (2005), o consumo se dá como momentos dentro das práticas.

Pretendeu-se neste tópico ilustrar como o consumo vem sendo investigado nesse campo empírico a partir de descrições objetivas e de nuances subjetivas do comportamento do corredor como um consumidor. Percebe-se, a partir da revisão apresentada, uma variedade de produtos e serviços investigados por meio dos quais o corredor de rua ou as provas de corrida de rua constituíram o objeto de pesquisa.

Entretanto, trabalhos relacionados às atividades físicas com o olhar epistemológico sob a teoria da prática não são numerosos. Apesar de uma das aplicações iniciais da teoria da prática em estudos de consumo investigar a caminhada nórdica (SHOVE; PANTZAR, 2005), poucos trabalhos deram continuidade à aplicação teórica em objetos dessa natureza.

Incurções recentes buscando entender a saúde como uma prática social estão sendo realizadas (BARNFIELD, 2016; COHN, 2014; FELT; FELDER; PENKLER, 2016; WILL; WEINER, 2014). Percebem-se nessas aproximações, vantagens como a transcendência da dualidade agência-estrutura (VEENSTRA; BURNETT, 2014). Ou seja, as ações desenvolvidas pelos indivíduos com foco na saúde vão além da ação livre do indivíduo e também não enquadram o sujeito como reprodutor da estrutura social. Contudo, estudos associando as práticas e o entendimento de comportamentos ligados à saúde ainda não consideram os momentos de consumo dos praticantes como eixo central de análise.

Descreve-se no próximo capítulo o corpo teórico que propôs a aplicação dos pressupostos da teoria da prática a estudos de fenômenos de consumo.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Em um artigo publicado no *Journal of Consumer Culture* em 2005, Alan Warde gerou, o que pode ser considerada, a primeira peça programática que demonstrou uma análise do potencial das perspectivas teóricas da prática para análise de consumo. Com discussões sobre o assunto iniciadas pelo autor já na década de 1990, Warde já salientava questões científicas e sociais sobre o consumo, movendo-as para “além-mercado” e considerava a organização social um dos modos alternativos para o fornecimento de bens e serviços. Destacava-se, então, uma necessidade de examinar as facetas do consumo que não a compra, e demonstrar a importância do uso e da satisfação da utilização de bens, serviços e recursos (HALKIER; KATZ-GERRO; MARTENS, 2011).

Ainda segundo os autores, acertos no exame sobre o potencial das perspectivas teóricas da prática no consumo foram realizados enquanto Warde esteve como codiretor do Centro de Inovação e Competição da Manchester University, que sediou uma série de oficinas interdisciplinares sobre o consumo no mundo. Participaram dessas discussões, estudiosos como Halkier, Pantzar, Ropke, Shove e Southerton que, posteriormente, se tornam advogados, aplicadores e debatedores das perspectivas teóricas da prática em pesquisas de consumo.

Em edição especial do *Journal of Consumer Culture* denominada Aplicação da Teoria de Prática ao Estudo do Consumo, lançada em 2011, os editores Bente Halkier, Tally Katz-Gerro e Lydia Martens apresentaram a visão da utilidade empírica da teoria da prática do consumo a partir de um conjunto de análises, ampliando a discussão das possibilidades desse aporte teórico. Inspiraram-se em uma vertente das discussões em curso na Rede de Pesquisa sobre Consumo da Associação Sociológica Europeia (a rede ESA), sobre deficiências dos focos existentes e abordagens teóricas na análise social e cultural do consumo.

Nesse sentido, apresenta-se neste referencial teórico uma breve explanação sobre o avanço da teoria da prática e suas abordagens que levaram à proposição de sua utilização para estudos do consumo. Esta apresentação será conduzida como forma introdutória, baseada na proposição de Warde (2005) que forma o arcabouço que sustenta a presente pesquisa. Por conseguinte, após a introdução aos pressupostos da teoria da prática, apresenta-se o cerne das proposições de utilizações teóricas ao estudo do consumo. Em seguida, são apresentadas as aproximações metodológicas pioneiras na associação das práticas ao estudo do consumo por meio da discussão e confronto a dois guias analíticos visando embasar e nortear os procedimentos metodológicos utilizados pela presente pesquisa. Por fim, como forma de complementar a discussão teórica apresentada e buscando ilustrar e instrumentalizar a presente pesquisa, apresentam-se os elementos que compõem a prática que foram utilizados como categorias de análise da presente pesquisa.

### **3.1 Teoria da prática, abordagens e aproximações**

Alguns autores consideram a constituição do conjunto teórico que se sedimentou sob a expressão *Practice Theory* em grupos divididos por dois momentos distintos (BORELLI, 2012). A primeira onda teria sido gerada pelos trabalhos de Giddens e Bourdieu, enquanto, a mais recente viria do conjunto das obras de Schatzki, Reckwitz e Warde (BORELLI, 2012; HARGREAVES, 2011; MONTARDO, 2016).

No capítulo de introdução sobre a teoria da prática - *practice theory* presente na obra *The practice turn in contemporary theory* (SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001), Theodore Schatzki discorre sobre a multiplicidade de questões abarcadas pelas práticas e seus teóricos. Nessa argumentação, o autor justifica a existência de múltiplas abordagens sobre a prática, apresentando-as como elemento em diversas disciplinas acadêmicas da

contemporaneidade como a filosofia, a antropologia, a história, os estudos em ciência e tecnologia, a sociologia e a teoria cultural (SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001).

As práticas presentes na filosofia abarcam os sujeitos e objetos, o conhecimento não propositivo e as condições de inteligibilidade. Já na teoria social, as práticas podem evidenciar a livre ação não determinada pela estrutura ou ordem social, colocando o indivíduo e suas ações individuais como questionadores de blocos construídos pelo fenômeno social. Para a teoria cultural as práticas e seu discurso descrevem a linguagem como uma atividade discursiva de oposição ao conceito de estrutura e sistema. E por fim, no campo da ciência e tecnologia, as práticas contribuem como forma de oposição e reconsideração das dicotomias humanistas entre as entidades do humano e as do não humano (SCHATZKI, 2002).

Segundo as considerações de Schatzki (2002), na tentativa de buscar aproximações das abordagens, em sua concepção mais minimalista, as práticas podem ser consideradas como matrizes de atividades. Entretanto, as atividades possuem formas conceituais variadas que podem estar mais próximas do humano ou de rotinas não humanizadas, como as de máquinas ou objetos de investigação científica, por exemplo.

Ressalta-se, então, que a aproximação do que se costuma entender por práticas, na grande maioria das abordagens, é que são atividades que incorporam nexos mediados por artefatos, objetos naturais ou híbridos e as práticas em que eles estão presentes. Como ponto central entre as abordagens, entende-se que as práticas são incorporadas e materialmente mediadas por matrizes de atividades humanas compreendidas e compartilhadas entre os indivíduos. Esses indivíduos vivem e configuram entre si um campo de práticas que é o nexo total de práticas interligadas. Influenciam no nexo de práticas a atividade humana, a ciência, o

poder, a linguagem, instituições sociais e as transformações históricas (SCHATZKI, 2002).

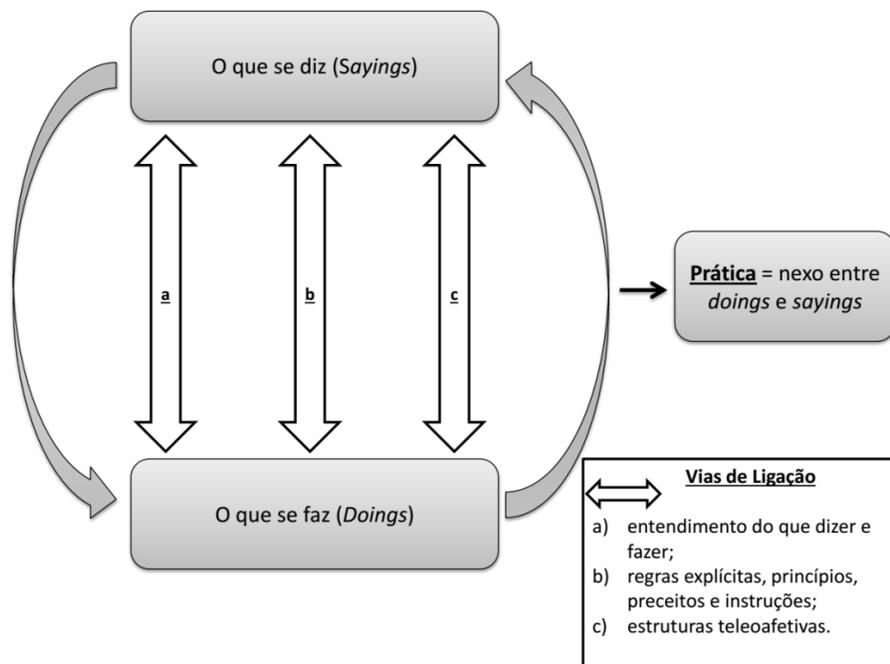
O indivíduo, como um corpo e agente mental único, atua como o "transportador" de uma prática e de muitas outras práticas diferentes. Além de padrões de comportamento corporal, o indivíduo carrega em si, formas rotineiras de entendimento, conhecimento e desejo. Essas atividades mentais convencionadas de entendimento, conhecimento e desejo são elementos necessários e qualidades de uma prática em que um único indivíduo participa, e não qualidades do indivíduo (RECKWITZ, 2002).

As práticas são como nexos do que se diz e do que se faz "*doings and sayings*". Justifica-se esse conjunto do que se diz e do que se faz. A prática é, portanto, uma rotina de movimentos, de manuseios, de tratamentos de descrições e compreensões de mundo (SCHATZKI, 1996; RECKWITZ, 2002).

O nexo existente entre os *doings and sayings* é compreendido por três grandes avenidas de ligação, elos ou componentes que balanceiam esse conjunto. As três vias de ligação são: (a) através do entendimento do que dizer e fazer; (b) por meio de regras explícitas, princípios, preceitos e instruções e (c) por meio de estruturas *teleoafetivas* (FIGURA 1).

As estruturas *teleoafetivas* podem ser entendidas como um conjunto de "ações orientadas por determinados fins (teleologia) com preocupações acerca daquilo que é importante (afetividade) – a ação não está ligada apenas aos fins, mas também aos meios" (SILVEIRA; SETTE; TURETA, 2006, p. 7). É o significado atribuído por uma pessoa, a partir de valores, expectativas, emoções aos seus projetos e atividades desenvolvidas. De maneira mais simplificada, as vias podem ser citadas como entendimento, procedimentos e compromissos (WARDE, 2005).

Figura 1 - Prática como nexos do que se diz e do que se faz.



Fonte: Adaptado de Schatzki (1996).

As práticas podem se assemelhar a fenômenos macros que restringem a atividade individual e que retiram a noção de contextos de ação das pessoas. Entretanto, os fenômenos macros nunca possuem a existência em si, como uma forma onipotente, por vezes atribuída a fenômenos estruturais e holísticos (SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001). Ainda segundo os autores, o pensamento prático nunca sanciona a estrutura como um elemento determinante e impermeável à intervenção dos indivíduos. Ou seja, a estrutura recebe influência dos atores sociais, que ao reproduzir práticas, transformam o entendimento de como um determinado conjunto de rotinas se configura. Como ilustrado na Figura 1, as práticas são um nexo de atividades. A partir das suas reproduções, o contexto se apropria de formas transfiguradas de uma variedade

de explicações individuais, fundamentando em fenômeno supraindividual que difere do pensamento social convencional. Desta forma, o micro, como o indivíduo e suas interações, é concebido como campo de práticas que percebe o macro de diferentes maneiras. Porém, em função dos nexos não acontecerem da mesma forma no campo micro ou dos indivíduos, esses não são, necessariamente, passivos e fiéis nos momentos em que as práticas são reproduzidas.

Um dos pressupostos teóricos das práticas é que tanto a ordem social quanto a individualidade passam ser analisadas como elementos resultantes das práticas. A teoria da prática move a estrutura social e a ação do indivíduo para as práticas e trata as práticas como menor unidade da análise social.

Nesse sentido, faz-se necessário esclarecer a diferença que provavelmente origina-se da língua alemã entre prática “*Praxis*” e práticas *Praktiken*. O primeiro sentido representa o termo enfático e descreve a ação humana originada do termo *Praxis*. Já no segundo significado, o termo práticas origina-se das teorias das práticas sociais *Praktik* e representa um comportamento rotineiro que consiste em uma interligação de vários elementos a outros. As práticas sociais são exemplificadas como formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, artefatos e sua utilização, o conhecimento de fundo na forma de compreensão, estados emocionais e conhecimento emocional, ou seja, um algo a mais (RECKWITZ, 2002).

Em continuação ao entendimento das práticas - *Praktiks*, Reckwitz (2002) consideram-nas como um bloco, cuja existência depende, necessariamente, da existência e interconexão específica de elementos, e que não pode ser reduzido para qualquer um desses elementos individuais. Nesse sentido, as práticas representam uma padronização estável, mas que pode ser modificada por alterações nas reproduções de ações coletivas ou individuais. Com base nessa compreensão, o modo de se consumir um produto ou serviço pode ser

compreendido por um conjunto de atos reais de consumo em forma de práticas *praktiks* e não como uma *práxis* em si mesma (RECKWITZ, 2002).

Além da diferenciação apresentada, Schatzki (1996) apresenta duas categorias de práticas, as práticas dispersas e as práticas integrativas. Práticas dispersas aparecem em muitos setores da vida social como, por exemplo, descrever algo, seguir regras, explicar e imaginar. O desempenho dessas práticas está ligado à compreensão, à capacidade de explicação ou à ação de pedir explicação. Essas práticas acontecem de forma compartilhada e coletiva e se desenvolvem sob o domínio de entendimentos comuns fundamentais para a compreensão. Já as práticas integrativas são representações complexas, encontradas em domínios específicos da vida social como práticas agrícolas, práticas culinárias e práticas de negócio (SCHATZKI, 1996).

As práticas integrativas, por serem mais complexas, podem incluir formas especializadas, assim como as práticas dispersas, que são partes dos componentes do *saying and doing*. As práticas dispersas estão mais ligadas à compreensão de práticas mais complexas, as integrativas. Nesse sentido, as práticas integrativas despertam maior interesse para os sociólogos e, particularmente, para uma sociologia do consumo (WARDE, 2005).

Buscou-se, neste breve recorte introdutório, situar as origens da teoria da prática que será apresentada com foco no entendimento diferenciado de aspectos do consumo. Entretanto, cabe ressaltar que neste estudo não se pretende esgotar ou tratar de forma aprofundada cada uma das abordagens das práticas, mas sim estabelecer a compreensão das práticas como um elemento central no entendimento dos fenômenos propriamente ligados ao comportamento do consumidor, delimitado na presente pesquisa, como o do praticante da corrida de rua. Adotar-se-á então, como arcabouço teórico, a abordagem das práticas como uma perspectiva para se compreender fenômenos de consumo, aprofundando

assim, seus aspectos relevantes na busca da sustentação dessa perspectiva no campo do comportamento do consumidor.

### **3.2 Teoria da prática e consumo**

A ligação entre alguns conceitos e proposições da teoria da prática e o consumo foi proposta por Warde (2005), sob o pressuposto de que as abordagens existentes no campo do entendimento do consumo tinham uma compreensão parcial. Nesse trabalho, o autor argumenta, baseado na obra de Schatzki, Knorr-Cetina e Von Savigny (2001), que um dos destaques da teoria da prática é o fato de não haver polarização do fenômeno em uma visão holística assim como não há em uma visão individualista. Para tanto, sua caracterização parte do princípio de retratar figuras plurais e flexíveis da vida social.

Eles são, portanto, consistentes com muitas das reivindicações das teorias sociais críticas contemporâneas ao fornecer um meio de reconhecer características ontológicas do pós-moderno, sem sucumbir ao relativismo epistemológico (WARDE, 2005). Nesse sentido a teoria da prática parece adequada ao distanciar-se dos pressupostos extremos da estrutura e da ação do sujeito livre e desconectada do ambiente que o cerca.

As práticas adotadas como elemento central da análise deslocam da estrutura a onipotência da subjugação do sujeito a uma conduta preestabelecida como o *homo sociologicus*. No mesmo sentido, a prática não acontece livremente das premissas de regras, entendimentos e crenças por parte do sujeito como o *homo economicus*, que age totalmente livre de influências do meio social. Ressalta-se que os indivíduos agem como portadores de práticas, não sendo autônomos nem tão pouco, desprovidos de julgamentos. Ao reproduzir as práticas, eles incorporam suas percepções particulares do mundo e de si mesmos. Considera-se, nesse sentido, o *know-how* e o conhecimento

motivacional que cada indivíduo traz segundo uma prática específica (RECKWITZ, 2002).

Segundo Warde (2005), a teoria da prática compreende noções não instrumentalizadas de conduta e considera o papel da rotina de um lado e o da emoção, personificação e desejo, do outro. Essas considerações aproximam os estudos das práticas como forma de compreensão do consumo.

O consumo, segundo o autor, deve ser visto como algo além das trocas de mercado. Apesar de a troca ser uma etapa relevante, busca-se compreender o significado, o simbólico e o funcional da utilização de itens, não reduzindo o consumo ao simples momento da troca. Examina-se o consumo como uma parte integrante da maioria das esferas do cotidiano. Nesse sentido, segundo Warde (2005), o consumo não é uma prática em si, mas um momento dentro da prática. Adota-se, portanto, o entendimento proposto pelo autor para o consumo como delimitação do termo investigado na presente pesquisa.

O consumo é como um processo pelo qual os agentes se envolvem em apropriação e apreciação, sejam para fins utilitários, expressivos ou contemplativos, de bens, serviços, apresentações, informações ou ambientes, seja por meio da compra, ou não, sobre o qual o agente tem algum grau de contemplação (WARDE, 2005, p. 137).

A utilização da teoria da prática incorpora discussões conceituais e pesquisas empíricas sobre o consumo como parte de uma abordagem analítica da vida cotidiana. Uma abordagem crítica em relação às principais abordagens existentes que tratam o consumo como dependente de racionalidades cognitivas econômicas, abordagens que tratam o consumo como dependente de estruturas culturais e abordagens que assumem o consumo como resultado de escolhas de identidade de consumo simbólico (HALKIER; JENSEN, 2011).

Seguindo o pressuposto de o consumo ser um momento dentro das práticas, a apropriação ocorre no contexto das práticas. Os padrões de

similaridade e diferença de posses e o uso dentro e entre os grupos de pessoas podem ser vistos a partir da percepção e da organização da prática e não como resultado da escolha pessoal de forma irrestrita ou imposta.

As convenções e os padrões da prática dirigem o comportamento, ou seja, atividades podem gerar desejos e não desejos podem gerar atividades. As práticas geram necessidades ao invés de desejos individuais (WARDE, 2005). O autor exemplifica essa diferenciação em função do consumo estar mais ligado ao engajamento em uma determinada prática. Nesse sentido, o engajamento em uma prática explica a natureza e o processo do consumo ao invés de uma decisão pessoal sobre uma linha de conduta. Alguns itens de consumo são implementos específicos para determinadas práticas. Algumas vezes implementos de práticas estão estreitamente interligados e, muitas vezes, são elementos decisivos de uma prática constituindo um canal para o seu desempenho.

As atividades da vida social têm sido continuamente transportadas por meio de práticas coletivas. Essas atividades performáticas e mundanas se processam através de uma multiplicidade de práticas compartilhadas coletivamente. As práticas são vistas como configurações de um número de dinâmicas teoricamente e igualmente importantes e interligadas (HALKIER; JENSEN, 2011).

Uma prática, segundo Reckwitz (2002), é um tipo de comportamento inserido em uma rotina, que consiste de vários elementos interligados uns aos outros. É um bloco gerado a partir desses elementos e, ao mesmo tempo, a prática não pode ser reduzida a apenas um elemento individual. Compreendem as práticas as formas de cozinhar, de consumir, de trabalhar, de investigar e de cuidar de si mesmo ou do outro. Os elementos das práticas podem ser as formas de atividades corporais, as formas de atividades mentais, os *objetos e seu uso*, um conhecimento implícito na forma de compreensão, *know-how*, estados emocionais e conhecimento motivacional.

Para Warde (2005), a utilização da teoria da prática para investigar o consumo pode explorar algumas características como não ser dependente de presunções sobre a primazia da escolha individual ou ação, seja do tipo de ação racional ou como expressão da identidade pessoal.

Faz-se necessário recordar os elementos de ligação entre *doings* e *sayings*. Os entendimentos, os procedimentos e os compromissos podem auxiliar na compreensão da prática e do consumo como momentos. Para os entendimentos, o consumo por acontecer entrelaçado ao *know-how*, ao tácito e até mesmo ao discurso. Para os procedimentos, o consumo pode estar imbricado em processos corporais e mentais a partir de implementos ou da simples dedicação às atividades imateriais e contemplativas. Já em relação aos compromissos, o consumo pode permear estruturas ligadas à forma como o desempenho das práticas deve acontecer. Em suma, a realização das práticas é que gera atividades de consumo e momentos de consumo, e não motivações mentais individuais e escolhas nem estruturas descritas em *scripts* culturais (HALKIER; JENSEN, 2011).

Nesse sentido, procura-se, no próximo tópico, descrever as aproximações metodológicas utilizadas nas primeiras incursões empíricas realizadas em estudos sobre o consumo.

### **3.3 Aproximações metodológicas, consumo e teoria da prática**

As aproximações da teoria da prática como forma de estudo do consumo se dão por meio da concepção do consumo estar embutido nas relações entre a reprodução social e a mudança. Os precursores da utilização da teoria da prática, em sua maioria ligados à Sociedade Europeia do Consumo, consideram ainda que existem desafios quanto à decisão e condução de estratégias metodológicas operativas, concretas e coerentes que de fato contemplem estudos do consumo

baseados no corpo teórico relacionado à prática (HALKIER; KATZ-GERRO; MARTENS, 2011).

Esta sessão trata das incursões e dos desafios metodológicos de se estudar o consumo com base na teoria da prática. Para tanto, serão apresentados estudos que trataram da temática tendo como base o trabalho de Halkier e Jensen (2011). Optou-se por descrever os percursos metodológicos utilizados por pesquisadores que aplicaram a teoria em campos de observação ligados ao consumo (BUGGE; ALMAS, 2006; CRIVITS; PAREDIS, 2013; GRAM-HANSEN, 2011; GREGSON; METCALFE; CREWE, 2009; HAND; SHOVE, 2007; MAGAUDDA, 2011), confrontando-os com as indicações descritas por Halkier e Jensen (2011) que propuseram uma espécie de guia inicial (*affordances*). Objetiva-se tecer uma descrição das metodologias ora utilizadas, apontando suas potencialidades e limites metodológicos como alternativas de investigação empírica.

Ao discorrer sobre os desafios metodológicos de estudar o consumo, Halkier e Jensen (2011) discutiram sobre a amplitude do corpo teórico e delimitaram a teoria da prática partindo do pressuposto de que as práticas são partes do construtivismo social. Ou seja, as dinâmicas são produzidas socialmente e a multiplicidade de categorias sociais é o direcionamento de sua análise direta.

Os autores apresentaram dois *affordances* analíticos que foram utilizados como base, com o intuito de nortear as aproximações metodológicas apresentadas (Figura 2). Antes da descrição dos *affordances*, cabe ressaltar que esse termo é a representação de o quanto um determinado conceito é útil para aquilo que se destina ou aplica. Esse termo é amplamente utilizado na arquitetura ou no *design* de materiais e diz respeito ao quanto um objeto é utilizável na perspectiva para qual ele foi concebido.

O primeiro *affordance* trata do consumo como ações enredadas em teias de reproduções sociais e mundanas. As maneiras de consumir, bem como as formas de consumo, são compreendidas com base na organização social.

O segundo *affordance* trata da análise do consumo como um processo que está na interseção das rotinas das pessoas. O consumo também é influenciado pelas realizações relacionais contínuas. Evita-se, na compreensão do consumo, superestimar a estabilidade de seus elementos. Para melhor visualização dos *affordances* analíticos, um modelo foi adaptado como forma de melhor ilustrar a discussão metodológica que se segue.

Figura 2 - Modelo de *Affordances* analíticos das práticas.



Fonte: Adaptado de Halkier e Jensen (2011).

Descreve-se a seguir algumas abordagens metodológicas utilizadas nos estudos relacionados à teoria da prática e ao consumo. Inicia-se este percurso pelos estudos que investigaram o consumo de alimentos em diferentes contextos, como nas práticas do preparo do jantar por jovens mães no consumo de alimentos saudáveis. Posteriormente, são apresentados os estudos que

investigaram práticas no lar ao se utilizar implementos como o *freezer* e um tipo de multiprocessador de alimentos.

Com o objetivo de explorar as representações práticas e contemporâneas do jantar doméstico em famílias do subúrbio norueguês, Bugge e Almas (2006), partiram do pressuposto de que a culinária cotidiana é envolvida por processos sociais e culturais complexos. Os pesquisadores buscaram explorar, no estudo, as maneiras pelas quais as representações de jantares adequados são produzidas por meio do presente na vida de recém-mães. As questões que nortearam a pesquisa foram:

- a) como é que as mulheres usam os discursos disponíveis para se apresentar e apresentar seu padrão de jantar? b) quais são as consequências sociais dessas representações? c) como é que elas falam sobre ingredientes, receitas, pratos e comer? (BUGGE; ALMAS, 2006, p. 205).

A metodologia foi baseada em entrevistas em profundidade, realizadas com 25 mães de crianças bem novas, recrutadas em jardins de infância. Com o registro feito pela gravação e transcrição das entrevistas e acrescidas por reflexões anotadas em diário de campo, a técnica utilizada foi a da análise social do texto que examina os significados e o uso de um dado texto (BEAXTER; BABBIE, 2004).

O importante neste estudo foi olhar para o processo de construção em si. Assim, não era importante saber se era ou não verdade o que o entrevistado tinha dito, mas sim analisar como as mulheres falaram sobre as práticas em questão. A pesquisa buscou estudar as imagens, percepções, metáforas, descrições e narrativas que surgiram no discurso das mulheres sobre os alimentos. Nas entrevistas, os pesquisadores fizeram perguntas de uma forma ligeiramente provocante e inesperada, objetivando revelar as regras não escritas e os códigos que cercavam os padrões do jantar.

No trabalho de Bugge e Almas (2006), retrataram-se as práticas relacionadas ao jantar norueguês como uma teia de reproduções em acordo com o primeiro *affordance* analítico de Halkier e Jensen (2011). Essa teia foi constituída pela interseção das práticas buscadas no discurso do fenômeno estudado. Nota-se que ao alegar a ausência da busca da validação das respostas na pesquisa, os autores procuram em primeiro plano investigar o repertório prático, ou seja, investigar as intenções, as estratégias, as limitações e os argumentos que configuram um jantar padrão diante da visão atual de mulheres que se tornaram mães recentemente. Em um segundo objetivo, buscaram os repertórios sociais através dos valores sociais, relações e as identidades das mulheres por meio da prática. Por fim, para o terceiro objetivo, buscaram repertórios biográficos através da gerência do jantar e suas modificações através das gerações ou em relação às fases da vida. Os autores buscaram a complexidade e também as multifaces das práticas do jantar norueguês. Ilustrou-se nesse trabalho a dinâmica contínua do consumo por meio dos aspectos relacionais conforme o segundo *affordance*.

Ao investigar o consumo por meio de como formas diferentes de viver utilizando um *freezer*, Hand e Shove (2007) discutiram a relação entre as práticas domésticas e os sistemas de fornecimento com os quais elas se cruzavam. Entrevistas semiestruturadas e entrevistas de conversação foram utilizadas buscando respostas para as questões centrais: a) Como *freezers* e práticas de congelamento diferem entre as famílias? b) O que pode uma análise dessa variação nos dizer sobre a forma como arranjos rotineiros são alçados e mantidos? (HAND; SHOVE, 2007).

A entrevista de conversação utilizada no estudo de Hand e Shorve (2007) teve por característica central ser uma forma alternativa de pesquisa por entrevista que permita desvios em relação às normas da entrevista padronizada. No âmbito dos procedimentos de entrevista de conversação, os entrevistadores

estão autorizados a perguntar aos entrevistados se eles entenderam a pergunta. Em função do entendimento do entrevistado, os entrevistadores devem fornecer *feedbacks* para esclarecer o significado das perguntas. Ou seja, a técnica de entrevista objetiva diferir de características de procedimentos padronizados que podem reduzir a precisão de respostas da pesquisa. Uma vez que as interações e diálogos podem ser necessários no entendimento das perguntas, elas podem garantir que as respostas sejam mais bem aproximadas do que se pretende investigar (SCHOBER; CONRAD, 1997).

Nesse estudo são encontradas as características do primeiro *affordance* de Halkier e Jensen (2011), uma vez que se tentou identificar as formas de consumo e reproduções sociais entre as famílias e a maneira de utilização de *freezers*. O método também ratifica o *affordance*, uma vez que se buscou na entrevista de conversação explicar a integralidade do que se pretendia compreender. As práticas mantidas pelas famílias foram compreendidas de forma livre das tentativas de encaixe de escolhas em padrões. Porém a atenção foi direcionada para a compreensão dos processos das práticas ligadas à compra e à conservação de alimentos nos lares dos entrevistados.

Ainda com relação às rotinas de preparo de alimentos no lar, Truninger (2011) investigou práticas relacionadas à preparação de comidas por meio da utilização de um tipo de multiprocessador. O estudo foi realizado em função de um equipamento que possui a particularidade de não ser vendido em lojas ou por encomendas em *sites* de internet. O equipamento é comercializado somente após demonstrações realizadas por consultores treinados na casa do pretense cliente. A demonstração é realizada com a presença de amigos do cliente gerando, assim, um ambiente social que é chamado pela autora de recrutamento (TRUNINGER, 2011). O evento realizado para a venda é considerado pelo estudo como um evento que mistura elementos econômicos, sociais e culturais e

oferece uma boa ilustração do funcionamento desses fatores operando neles próprios.

O evento compreende questões multifocais por envolver as práticas culinárias, a utilização de equipamentos tecnológicos e ações sociais em um ambiente concreto, que é a demonstração comercial. O consultor de vendas e demonstrador das operações da máquina enfatiza sua *performance* na competência do uso do implemento.

O estudo aborda um desenho experimental distinto. A metodologia utilizada na pesquisa foi baseada no estudo de caso estendido, por meio do qual a ciência reflexiva baseada em etnografia é aplicada. O objetivo da metodologia adotada é extrair o geral do único para passar do micro ao macro, uma construção baseada em teoria preexistente. As estratégias adotadas foram a observação participante e a filmagem de uma demonstração na qual os convidados não sabiam que o ambiente seria pesquisado. Em conjunto, foram realizadas em triangulação, análise de documentos, entrevistas exploratórias com vendedores, com o departamento de *marketing*, e dados secundários foram coletados em jornais, *sites*, fóruns de discussão e *blogs* sobre o produto (TRUNINGER, 2011).

A fim de captar o caráter performativo das práticas culinárias e inter-relações com as práticas de varejo, a autora utilizou como forma de análise a técnica da “dança da agência” (ROSE; JONES, 2005). Essa técnica trata da análise das interações entre o material e a intervenção humana. Para este fim, ao utilizar-se da observação com auxílio da filmagem, buscou-se a captura dos elementos performativos e discursivos dentro do encontro de vendas que tem por característica peculiar a dinâmica da demonstração e o aprendizado.

Essa dinâmica buscada no trabalho de Truninger (2011) aproxima-se do segundo *affordance* analítico de Halkier e Jensen (2011). Nota-se que a busca pelas interações entre o material e a intervenção humana coloca a prática de

cozinhar utilizando um implemento específico como um ponto de observação. Nesse sentido, múltiplas práticas podem ser realizadas e analisadas a partir desse ponto de observação, como práticas de consumo de alimentos no varejo, práticas de reunir e cozinhar para amigos, práticas a partir do uso de tecnologias em cozinha e distinções por competências na prática de preparar alimentos.

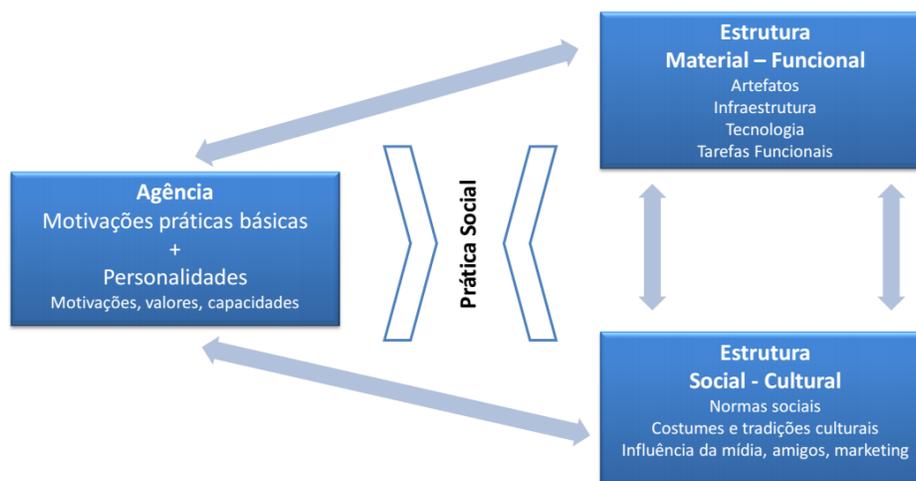
O estudo em questão apontou os aspectos econômicos, sociais e culturais. Estes não são pontos de fixação de estilos de vida, mas sim fatores que se misturam e operam em si através das práticas que vão se tecendo no processo de demonstração de práticas culinárias. Essas práticas são plurais quanto à motivação para a produção de alimentos, as crenças e os conhecimentos carregados pelas pessoas e por diversas outras variações que são agregadas no dito recrutamento. Ou seja, o recrutamento se dá pela prática e seus múltiplos níveis de interseção com os aspectos anteriormente citados e não por um estilo padronizado de vida.

As práticas relacionadas à alimentação também foram estudadas por Crivits e Paredis (2013), que analisaram práticas de nicho entre um grupo de compradores e de produtores rurais na Bélgica. Esse nicho considerado pelos autores é um tipo de clube de compra e venda de alimentos saudáveis, composto por compradores e fornecedores em uma determinada localidade.

Para melhor compreensão desse grupo de compra e venda, os autores desenvolveram um modelo teórico de análise de três camadas demonstrado na Figura 4. Esse modelo é baseado na dualidade entre a estrutura e a agência por meio da qual as práticas são um conjunto de rotinas que se configuram pela interação de três níveis de dimensões. A estrutura é dividida em estrutura material-funcional e estrutura social-cultural e forma com a agência as três camadas. O objetivo do modelo teórico de análise (Figura 3) foi ilustrar como as diferentes práticas de consumo podem coexistir dentro de um sistema, no caso, o alimentar. O modelo teve por objetivo a visualização das práticas em duas

etapas, sendo uma com as práticas do nicho específicas ao *locus* observado e outra com as práticas do regime macro, a fim de visualizar a análise e comparação das diferenças.

Figura 3 - Modelo teórico de análise de três camadas.



Fonte: Crivits e Paredis (2013).

Como técnicas de pesquisa, os autores utilizaram entrevistas e grupos focais combinados. Como forma de análise do contexto, foram realizadas observações de reuniões do grupo e análise documental a partir de *sites* de mensagens, folhetos, *e-mails* e artigos sobre o nicho (CRIVITS; PAREDIS, 2013).

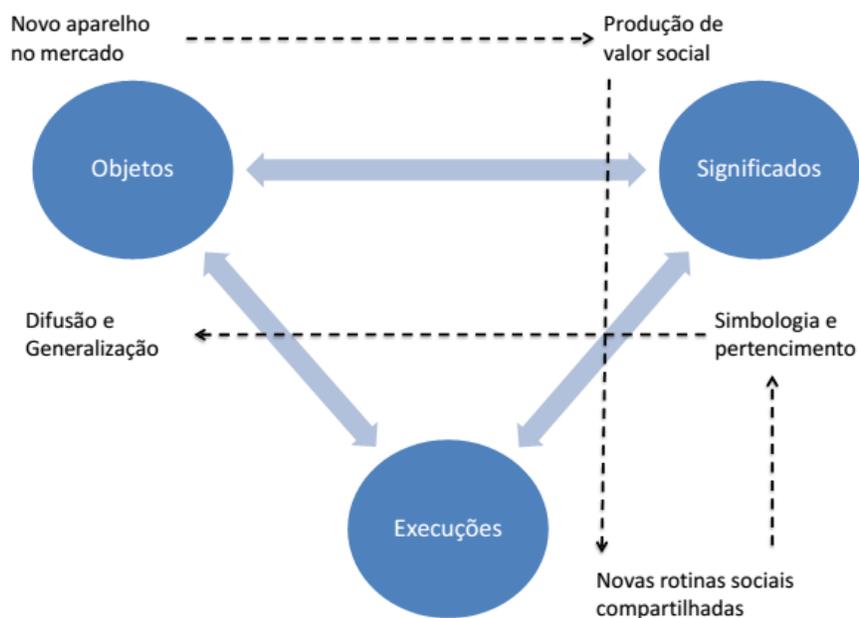
Nesse caso, pode-se entender um diálogo com os *affordances* analíticos, uma vez que o nicho é caracterizado por um conjunto de práticas interligadas que se situam no centro do modelo de análise. As práticas do nicho não reproduzem as práticas alimentares macro e, a partir de rotinas diferenciadas, produzem um contexto diferenciado.

Entretanto, ao olhar para o micro, as práticas são caracterizadas por reproduções sociais dentro dos próprios grupos que, como descritos, possuem pessoas mais engajadas que impulsionam o grupo e, ao mesmo tempo, não se identificam com todo o perfil deste. Ao comparar o nicho como um regime, os autores destacaram que os conjuntos de práticas e rotinas são dinâmicos, podendo ser redesenhado dentro do modelo entre agência e estrutura (material-funcional e social-cultural), redesenhando com isso, conceitos e normalizações (CRIVITS; PAREDIS, 2013; HALKIER; JENSEN, 2011).

Diferenciando-se das práticas alimentares, Magaudda (2011) ilustrou, a partir de um modelo teórico de análise chamado circuito da prática (Figura 4), uma forma de aplicação empírica da teoria da prática. O objetivo do estudo foi buscar compreensão da prática de ouvir música diante de diferentes implementos de armazenamento e reprodução. O autor discute o papel da materialidade nas práticas de ouvir música e como as tecnologias modificaram as rotinas e significados dessa prática. Como características do campo empírico foram analisadas as práticas ligadas ao consumo de música por jovens italianos.

Como técnica de coleta de dados, utilizou-se da entrevista semiestruturada tendo como foco a apropriação de tecnologias para se ouvir música no cotidiano de jovens entre 15 e 30 anos. O estudo foi conduzido entre 2005 e 2006 e sua análise foi baseada na teoria fundamentada na qual se destacou trechos de surgimento ou mudanças nas práticas de consumo de música digital (MAGAUDDA, 2011).

Figura 4 - Circuito da prática.



Fonte: Adaptado de Magaudda (2011).

O circuito da prática foi construído em três processos de integração performativa a partir do uso do iPod, do transporte de dados em equipamentos como *pendrives* ou *hard disks* (HD), e a reintrodução do Vinil (LP). Nesse circuito são analisados os processos de mudança nos padrões de consumo, com base em conceitos de análise e enquadramento geral desenvolvidos no campo teórico. O circuito foi composto por três principais elementos de análise (objetos, significados e execuções) que constituem a "prática" como uma entidade inteira. O circuito destina-se a explicar a dinâmica da mudança da prática e a transformação a partir do ponto de vista dos consumidores e atores humanos. Descrições das relações entre os três níveis são feitas a partir de linhas pontilhadas que demonstram as relações reais e as influências desses elementos

estabelecidas em experiências das pessoas, como no exemplo demonstrado na Figura 4.

O circuito da prática também é apresentado como ferramenta facilitadora da análise da reconfiguração da prática experimentada pelos consumidores. Por meio de sua utilização, as práticas podem ser analisadas conforme criações, estabilizações e transformações. Esse esquema analítico traz nas setas cinza sólidas a representação das relações constantes entre os três elementos que constituem as práticas como entidades inteiras. As setas pretas pontilhadas mostram as relações reais e as influências que estes elementos exercem de forma dinâmica nas experiências das pessoas (MAGAUDDA, 2011).

Em comparação com os *affordances* sugeridos por Halkier e Jensen (2011), é notada nesse circuito a dinâmica das práticas. A prática de ouvir música foi modificada pela introdução de tecnologias no mercado. Entretanto, o retorno de algumas rotinas na busca pela materialidade da prática foi percebido na trajetória estudada (MAGAUDDA, 2011). Nesse sentido, as reproduções sociais sofreram formas diferentes de configurações através do tempo e o consumo foi modificado por meio dos hábitos e rotinas que constituem a prática de ouvir música.

Outra relação de reconfigurações a partir dos objetos é a existente entre as práticas de conservação e manutenção de móveis residenciais, estudada por Gregson, Metcalfe e Crewe (2009), que analisaram um espectro de práticas relacionadas à manutenção e permanência ou ao descarte e consumo em substituição desses bens. Uma questão levantada pelo estudo era compreender o valor e a relação de permanência ou de substituição de objetos, neste caso, ligados à decoração e interiores de casas.

Os autores utilizaram como método de pesquisa o trabalho de campo etnográfico com três famílias e as relações de manutenção e reforma de seus

respectivos objetos. O estudo foi conduzido no Nordeste da Inglaterra e levantou as histórias de objetos com características robustas e de difícil substituição visando certa durabilidade e vínculo com práticas de manutenção do objeto em si.

As práticas de manutenção consideradas variaram desde a reforma de objetos ao simples limpar o pó. As rotinas de manutenção podem apresentar relações repletas de significados, como as por objetos que podem ser advindos de heranças. Outra forma de valor relacionado às práticas de manutenção pode ser o próprio valor de mercado presente em alguns bens como o carro ou o sistema de climatização de uma casa.

Por outro lado, objetos podem ser suscetíveis de trocas mais frequentes de menor atribuição de valor que levam ao abandono de práticas de manutenção, como, por exemplo, quando uma torradeira ou um ferro de passar apresentam algum problema e são facilmente substituídos.

Destaca-se, por conseguinte, que a manutenção de objetos de uma casa leva a metapráticas de consumo que estarão ligadas à competência ou não do consumidor para desenvolver outras atividades como marcenaria, mecânica, reparos elétricos ou até mesmo o aprendizado constante de tecnologias.

A etnografia aplicada nessas análises demonstrou um aprofundamento nas relações das práticas ligadas aos objetos e como estas vão sendo configuradas e entrelaçadas em função de um prisma de observação. Os móveis relacionados às práticas de manutenção foram uma mesa de jantar, um *rack* para TV e vídeo e um conjunto de estofados.

Nota-se uma aproximação com os *affordances* nos destaques que a etnografia permitiu levantar das formas entrelaçadas das reproduções sociais e dinâmica das mundanas quanto às práticas de conservação, de habilidades e até mesmo as práticas de descarte ou substituição de móveis (GREGSON; METCALFE; CREWE, 2009; HALKIER; JENSEN, 2011).

Outra aproximação relacionada a mobiliário doméstico e rotinas associadas é o fenômeno *do-it-yourself* (DIY) que foi objeto de análise com base na teoria da prática (WATSON; SHOVE, 2008). Os autores destacam que DIY envolve o consumo de artesanato e um campo em que os consumidores estão ativa e criativamente envolvidos na integração e transformação de matrizes complexas de bens materiais. Estão envolvidos nesses processos entrelaçados o consumo de ferramentas e materiais, as distribuições de competências e habilidades e o consumo de projetos que podem agregar novos padrões de demanda.

Nessa perspectiva, questões mais abstratas decorrentes da discussão detalhada de projetos anteriores, ambições futuras e da história e conteúdo atual da caixa de ferramentas da família foram investigadas.

O estudo foi realizado a partir de entrevistas em profundidade com uma pequena amostra de praticantes DIY. Foram selecionadas 14 pessoas entre 20 e 70 anos, sete homens e sete mulheres. Em conjunto, foram realizadas visitas nas casas dos entrevistados e observou-se que as mudanças que eles tinham feito buscavam *insights* relevantes para a experiência de fazer DIY. Entrevistas adicionais foram realizadas com representantes de organizações envolvidas na concepção e fabricação de ferramentas para o DIY, no varejo voltado para o DIY e com profissionais e decoradores. Outras informações foram obtidas através da observação em lojas de bricolagem e na análise documental de materiais de vendas, manuais de instrução e *hand-books*.

As estratégias de pesquisa buscaram compreender a história do DIY e seu desenvolvimento como uma prática legítima e cada vez mais normal. Em conjunto, os autores buscaram observar a experiência e a prática do significado das execuções (*doings*) para as formas de competência e consumo relatados. Foi buscado pelos autores compreender as relações recursivas entre produto, prática e projeto (WATSON; SHOVE, 2008).

Observa-se neste trabalho uma série de estratégias metodológicas de aproximação com o DIY que é um objeto de estudo complexo por envolver o consumo de objetos, projetos e possibilidades de práticas que estão ligados à competência e capacidades individuais.

A complexidade e o entrelaçamento das práticas mais uma vez é demonstrado de forma próxima dos *affordances*. Observa-se no DIY a interseção de muitas práticas, redes de reproduções e o consumidor como sujeito detentor de habilidades e competências que se agregam na prática.

Essa dinâmica de práticas inter-relacionadas foi tratada por Gram-Hanssen (2011), em pesquisa sobre a forma como a mudança e a continuidade das práticas podem ser entendidas utilizando a teoria da prática. O autor discutiu sobre o equilíbrio entre rotina e reflexividade e buscou entender o papel de novas tecnologias nas mudanças das práticas de consumo. Como forma de ilustrar suas discussões, estudos de caso sobre o consumo doméstico de energia foram utilizados como base empírica.

Como técnica de coleta de dados, 10 entrevistas foram utilizadas a partir de uma amostra selecionada em um *survey* aplicado em 500 residências semelhantes, porém buscou-se na amostra padrões de consumo de energia diferentes. A análise de dados realizada nesse trabalho procurou discutir se o consumo de energia era uma prática em si um ou parte de práticas paralelas. Além dessa questão, as práticas paralelas foram relacionadas entre si (horizontalmente) em diferentes níveis (verticalmente). A partir dessa visão, Gram-Hanssen (2011) buscou compreender se mudanças em práticas que se aproximam, afetam outras práticas relacionadas.

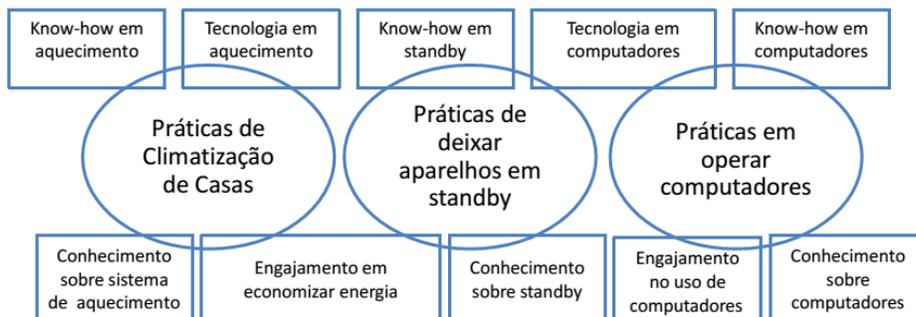
Um avanço destacado pelo autor é o estudo das práticas em conjunto. Alguns elementos foram destacados na análise que chamam a atenção para a prática integrativa com objetivos comuns ou semelhantes e influenciados entre si.

Alguns elementos foram destacados pelo autor. O primeiro elemento inclui hábitos corporais e *know-how*, ou seja, a forma como aprendemos e optamos por como fazer, dizer e apreciar maneiras que inconscientemente vão continuando a ser feitas, ditas e apreciadas. O segundo elemento são as regras, princípios, preceitos e instruções que são todos adquiridos por conhecimento técnico. Já o terceiro elemento é o engajamento, em que as pessoas querem algo ou dizem algo que realmente fazem dando lugar à reflexividade entre as práticas. Como último elemento, apresentam-se as tecnologias que são inseridas a partir de determinados equipamentos ou objetos e que incorporam também a realização de práticas em conjunto (GRAM-HANSEN, 2011).

A ilustração de três práticas (controle de temperatura em domicílios, o consumo ou economia de energia no uso de aparelhos que possuem a função *standby* e a utilização de computadores) e os quatro elementos que prendem cada uma dessas práticas em conjunto (*know-how*, conhecimento, engajamento e tecnologia) são apresentados na Figura 5, adaptada de Gram-Hansen (2011). Segundo esse autor, as práticas diferentes podem compartilhar elementos e esse entendimento pode ajudar a entender como as mudanças em uma prática podem induzir mudanças em outra prática.

A teoria da prática parece agregar abordagens pertinentes ao estudo sobre campanhas de economia de energia e como as rotinas para isto podem, ou não, ser aceitas por uma determinada população. No mesmo sentido, sua aplicação pode ser utilizada na compreensão de práticas realizadas em um determinado país ou grupo ou serem reproduzidas ou não em outros (CRIVITS; PAREDIS, 2013).

Figura 5 - Práticas integrativas ao consumo de energia em lares.



Fonte: Adaptado de Gran-Hanssen (2011).

Essa reconfiguração ou não reconfiguração em diferentes países foi relatada em uma pesquisa realizada sobre a caminhada nórdica (SHOVE; PANTZAR, 2005). A investigação, ancorada na teoria da prática, foi realizada a partir da prática de uma modalidade de caminhar sobre a neve típica de países nórdicos. Para a realização desse tipo de caminhada, são utilizadas bengalas (*sticks*) similares às de esquiadores.

O estudo apoiou-se na questão central de como as práticas semelhantes se dão em diferentes locais. As análises foram realizadas no local de origem da prática, a Finlândia e também no Reino Unido onde a prática ainda não estava estabelecida.

O trabalho baseou-se em entrevistas com trabalhadores das organizações que produzem e distribuem bengalas nórdicas ou que promovem o esporte que as utiliza. Triangulações foram realizadas a partir de análises de anúncios e artigos na imprensa (especializada e popular) e na internet.

Na Finlândia, foram entrevistados um gerente de *marketing*, um membro de uma agência de *design*, um engenheiro de produto e um assistente de *marketing*. Diretores de uma organização voluntária relevante, com vários

treinadores de caminhada nórdica e o gerente de teste de um laboratório de esportes também foram entrevistados.

Na Inglaterra, pessoas envolvidas na importação de bengalas nórdicas e na criação de cursos de formação foram ouvidas, assim como empresas que vendem equipamentos e que possuíam relações comerciais com redes de varejistas. A pesquisadora realizou ainda um curso de preparação para a realização da caminhada nórdica, além de consultar pesquisas científicas sobre o assunto (SHOVE; PANTZAR, 2005).

Nota-se, neste trabalho, uma variedade de estratégias que visam à compreensão do fenômeno da prática da caminhada nórdica no *lócus* de sua origem, assim como a investigação dessa prática em processo de implantação em outro lugar. As práticas foram investigadas a partir de estratégias metodológicas variadas, que reuniram entrevistas, análise documental e observação participante em um curso.

As estratégias metodológicas adotadas permitiram perceber que as práticas acontecem de formas diferentes em função do lugar. A forma pela qual a caminhada nórdica foi constituída na Finlândia não foi reproduzida no Reino Unido. Os praticantes desse esporte reproduzem as rotinas conforme a construção de seus elementos, como o conhecimento prévio, as normas e associações, e os diferentes caminhos que as teias sociais podem gerar. Um exemplo capaz de ilustrar essas diferenças de percurso é o fato de as bengalas serem associadas aos esportes e deslocamentos em alguns países e a apenas deambulação de doentes em outros. Basta considerar as características climáticas que são fortemente presentes durante todo o ano em um país e configuram os esportes e a locomoção a pé em um local. Essas mesmas características não são iguais em outros países e podem gerar diferentes percepções nos praticantes.

Percebe-se, nas aproximações metodológicas descritas a partir dos estudos relatados, uma forte presença dos *affordances* apresentados por Halkier

e Jensen (2011), em suas considerações teórico-metodológicas. A complexidade das práticas relatadas, como objetos, nos trabalhos apresentados, foi trabalhada em uma abordagem qualitativa que procurou contemplar a profundidade das questões por meio de entrevistas, ora individual, ora em grupos, realizadas com os consumidores ligados às práticas estudadas. Porém, em grande parte dos trabalhos, as entrevistas foram estudadas em triangulação com análise documental e observação participante. Entrevistas com empresas fabricantes de produtos e pontos de vendas também foram realizadas, assim como associações que, de certa forma, contribuía no processo de configuração das práticas.

As descrições realizadas nos estudos se constituíram nos resultados das pesquisas que, em alguns casos, foram retratados a partir de modelos que visaram ilustrar o campo empírico na base do corpo teórico. O modelo teórico de análise de três camadas de Crivits e Paredis (2013) situou a prática entre a ação e as estruturas: material – funcional e social – cultural. E o circuito da prática, proposto por Magauda (2011), foi utilizado como ferramenta de análise das reconfigurações das práticas. Por fim, destacam-se as práticas integrativas apresentadas no modelo de Gram-Hansen (2011), em relação à economia de energia elétrica em residências.

Não foi objetivo deste tópico, esgotar as aproximações metodológicas adotadas em sua totalidade por estudos utilizando a teoria da prática. Nem mesmo justificar uma única opção para o presente estudo, mas sim compor possibilidades de aproximações para a presente pesquisa que pretende observar a complexidade das práticas, tendo como campo empírico as corridas de rua.

### **3.4 As práticas e seus elementos**

As práticas sociais são diferenciadas e não apresentam planos uniformes nos quais os agentes participam de formas idênticas. A forma como as pessoas percebem o mundo, a partir de suas individualidades, depende de experiências

passadas, do conhecimento técnico, da maneira como se aprende, de como as oportunidades e recursos surgem, de incentivos de terceiros e assim por diante. Nesse sentido, presume-se que a *performance* da prática acontecerá por meio das pessoas que possuem, por conseguinte, características, competências e capacidades diferenciadas.

Essas pessoas, ou agentes, podem se diferenciar dentro de uma prática por diversas características, como por exemplo, os participantes de longa data ou iniciantes, os teóricos ou técnicos, os generalistas ou especialistas, os conservadores ou radicais, os visionários ou seguidores, os profissionais ou amadores. As diferenças podem ser relevantes para fins distintos ao analisar tanto o papel de participantes quanto a própria estrutura de suas posições na prática (WARDE, 2005). Pode-se então, segundo Warde (2005), diferenciar os agentes por sua contribuição potencial para a reprodução e o desenvolvimento da prática. A diferenciação dentro de uma prática é, em parte, uma questão de engajamento, pois existem indícios da distinção analítica entre as pessoas ao desempenhar certas rotinas (GRAM-HANSSSEN, 2011).

Evidências empíricas indicam diferenças entre os grupos de pessoas com relação aos seus entendimentos sobre uma prática, dos procedimentos que eles adotam e dos valores que aspiram. As diferenças podem acontecer, em razão dos três principais componentes do nexa entre *doings and sayings* (SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001). Quando os indivíduos constituem uma prática, podem variar independentemente um do outro por meio das vias de ligação do nexa. Existe assim, a probabilidade de que os agentes variem em seus entendimentos, habilidades e objetivos e que a relação entre esses três componentes também variem.

Nesse sentido, as pessoas podem aprender de maneiras diferentes. A partir daí sugere-se a possibilidade positiva de se realizar um exame em detalhes sobre a forma como os entendimentos, os procedimentos e os valores de

engajamento são adquiridos individualmente e depois adaptados para as *performances* (WARDE, 2005). Segundo Warde (2005), as questões filosóficas relativas às práticas implicam em uma aplicação complexa para o campo empírico. Os elementos das práticas não são simplesmente transpostos para o campo de análise. O esforço maior de transposição tem sido discutido com base na utilização das práticas como aporte teórico que transita entre o holístico e o individual.

Os elementos das práticas devem ser analisados diante do pressuposto de que indivíduos e grupos têm a mesma prática. Porém esta prática comporta diferenças, conflitos sociais, alianças políticas. A aplicação empírica da prática não é impossibilitada na visão de Warde (2005), entretanto, o conceito aplicado necessita de igualdade entre a persistência e a mudança.

Nesse sentido, esforços empíricos de aplicação da teoria da prática agruparam os elementos das práticas como sustentação analítica e empírica. Em sua investigação, Gram-Hanssen (2011) propôs elementos chave no entendimento das práticas. Em seguida, uma adaptação do quadro teórico utilizado pela autora foi sugerida por Borelli (2012) que acrescentou novas referências e elementos, conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2 - Elementos das Práticas.

Referências	Elementos chave
Schatzki (2002)	Entendimentos práticos Regras Estruturas <i>teleoaferivas</i> Entendimentos gerais
Warde (2005)	Entendimentos Procedimentos Engajamentos Itens de consumo
Shove e Patzar (2005)	Competências Significados Produtos
Reckwitz (2002)	Estruturas e Processo Rotinas Conhecimento Discurso/Linguagem Objetos (pertences)
Truninger (2011)*	Habilidades Imagens (símbolos e significados) Objetos (pertences)
Gram-Hanssen (2011)*	<i>Know-how</i> e hábitos incorporados Conhecimento institucionalizado e regras explícitas Engajamentos e significados Tecnologias
Arsel e Bean (2013)*	Objetos (pertences) Significados Ações

Nota: \*Adaptações propostas por Borelli (2012)

Fonte: Adaptado de Gram-Hanssen (2011) e Borelli (2012)

Diante da caracterização das práticas como ponto central de uma teoria passível de aplicação, os elementos demonstrados no quadro acima podem ser mais bem compreendidos se agregados em um modelo teórico que permita uma visualização global do que vem sendo entendido por práticas e seus elementos. Como suporte inicial da proposta, apresenta-se uma conceituação recorrente dentre os trabalhos relacionados às práticas e ao consumo:

A prática é, portanto, uma forma rotineira em que os corpos são movidos, os objetos são manuseados, os assuntos são tratados, as coisas são descritas e o mundo é compreendido.

Para dizer que as práticas são "práticas sociais" é de fato uma tautologia: A prática é social, é um 'tipo' de comportamento e compreensão que aparece em diferentes locais e em diferentes pontos do tempo e é executada por diferentes corpos / mentes (RECKWITZ, 2002, p. 250).

Nesse sentido, destaca-se que, para se configurar uma prática, a ação ou comportamento deve ser habitual, deve estar contextualizado, de alguma forma, em uma rotina. Portanto, o primeiro elemento que destacamos é o “comportamento rotineiro” que parece ser uma espécie de condição primária de análise do que pode ser considerado ou não como uma prática (CRIVITS; PAREDIS, 2013; ECHEVERRI; SKALEN, 2011; GRAM-HANSSSEN, 2011; HALKIER; KATZ-GERRO; MARTENS, 2011; HUI, 2012; LIPSCHUTZ; WIT; BELL, 2015).

Entretanto, cabe ressaltar que práticas não devem ser reduzidas a uma simples repetição. Para se abarcar todo o conceito das práticas, estas precisam ser compreendidas ao longo de um período ou de uma história. Nesse sentido, considera-se a “trajetória” como mais um elemento das práticas.

As práticas, segundo Warde (2005), configuram trajetórias, um caminho de desenvolvimento, uma história que será diferenciada a partir das formas substantivas que essas práticas vão tomar. As práticas estão condicionadas aos arranjos institucionais característicos de tempo, espaço e contexto social, como a organização familiar ou as tradições culturais. As práticas são construídas socialmente a partir da aprendizagem coletiva na interpretação de competências e no exercício do poder na formação de definição de condutas. Diversos autores sustentam e apresentam em suas análises aspectos relacionados às trajetórias das práticas (HAND; SHOVE, 2007; MAGAUDDA, 2011; SHOVE; PANTZAR, 2005; TRUNINGER, 2011).

Os modos e os conteúdos de apropriação de bens e serviços são modificados por essas trajetórias e, conseqüentemente, o consumo é modificado

(WARDE, 2005). Segundo Warde (2005), a principal implicação da teoria da prática é que as fontes de mudança de comportamento residem no desenvolvimento das próprias práticas.

Apesar de as convenções ditarem uma espécie de entendimento mais central do que é estar envolvido em uma prática, as práticas geralmente se diferenciam não sendo iguais em todos os casos (SHOVE; PANTZAR, 2005). Em um determinado tempo, as convenções podem ser impugnadas ou mantidas. Praticantes executam diferentes *performances* que poderão constituir conjuntos de ações satisfatórias ou suscitem substituições (WARDE, 2005). A *performance* em uma prática pode gerar diferenças consideráveis em seu campo possibilitando a manutenção, a inovação ou até mesmo a extinção do que se idealiza como satisfatório. São contrapontos entre o impulso das mudanças ou a aceitação do mesmo.

Entretanto, ao realizar uma prática o indivíduo exerce um ato performático, uma atuação em um determinado campo. As práticas configuram representações sociais. Assim como a expressão “prática social” soa como tautológica sob o conceito de Reckwitz (2002), pensar em práticas sem as representações seria negligenciar o meio pelo qual os indivíduos expressam seus entendimentos e percepções das regras e convenções. Nesse sentido, as “representações” também configuram um elemento das práticas. As representações agregam os aspectos performáticos de uma prática, o desempenho em certas rotinas e as encenações, conforme a postura do indivíduo em relação à prática. Indiferentemente de uma postura de manutenção ou transgressão, as práticas são caracterizadas por *performances* em um lugar social. As representações foram consideradas por diversos autores ao estudar o consumo por meio das práticas (GREGSON; METCALFE; CREWE, 2009; HUI, 2012; SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001; WARDE, 2014).

As atitudes performáticas dos indivíduos acontecem em mais de uma prática. Ao considerarmos as rotinas das pessoas ao longo de um contexto histórico, podemos especular sobre a quantidade de práticas que compõem o cotidiano, o passado e o presente. Para Warde (2005), a busca pela variedade é influenciada pela quantidade de práticas que são consideradas como parte de uma vida normal. Para Reckwitz (2002), os agentes entendem o mundo e a eles mesmos e utilizam o conhecimento motivacional e o *know-how* de acordo com as práticas particulares.

A quantidade de práticas existentes no mundo traçam um horizonte grandioso de mega proporções e possibilidades de engajamento. O aumento da quantidade de ofertas em conjunto com o engajamento de pessoas em diversas práticas têm consequências econômicas. Essas consequências podem estar relacionadas com a multiplicidade de práticas em que cada indivíduo se envolve gerando uma limitação.

Como exemplo, no campo empírico, a prática de se ouvir música pode ser realizada por meio de uma diversidade de equipamentos como um mp3, ou o *cd player*, ou o ainda, através do resgate de aparelhos antigos que reproduzem o *long play* (MAGAUDDA, 2011). Cada uma dessas utilizações pode estar relacionada a outras práticas, como a de ir para o serviço de bicicleta, receber amigos ou discutir sobre música com um grupo de estudiosos do assunto. Além disso, cada uma dessas práticas pode estar inter-relacionada a outras como a promoção de jantares para apreciação de álbuns raros e assim por diante. Nesse sentido, Reckwitz (2002) apresenta o indivíduo como um ponto de cruzamento de práticas. Baseado no conceito de *crossing-point* de Simmel (1992) apud Reckwitz (2002), o autor considera indivíduos como pontos de interseções de práticas.

Para Warde (2005), a verificação das interligações entre as mudanças na prática e na demanda por *commodities* revela um emaranhado de forças. Novas

ferramentas ou técnicas exigem produtos complementares gerando demandas, muitas vezes indiretas, para uma adoção efetiva da prática. Nesse sentido, pode-se entender que dentro de uma prática possam existir hierarquias baseadas em conhecimentos ou até mesmo na posse de certos implementos.

O autor ainda argumenta que o conjunto de práticas de um indivíduo pode colocá-lo em uma posição cultural de juízo de valor de seu gosto, como bom ou ruim, conforme o entendimento coletivo. Uma espécie de “hierarquia cultural” (WARDE, 2005, p. 142), na qual o conteúdo cultural da prática pode gerar prestígio e reconhecimento externo para o indivíduo. Algumas práticas proporcionam aos praticantes o acesso a redes sociais privilegiadas, atribuições culturais de honra e até mesmo vantagens econômicas. O autor ainda considera que o poder social de alguns grupos dominantes exclui outros, por meio de práticas nas quais a experiência e vivência são consideradas sinônimos de prestígio.

Pode-se compreender que as práticas possuem entre si uma espécie de hierarquia atribuída pelas pessoas. Essa hierarquia acontece no momento de escolha do conjunto de práticas que será incorporada nas rotinas das pessoas. O poder econômico pode influenciar nesse conjunto de práticas.

Outro aspecto hierárquico está relacionado às questões internas da prática. Algumas pessoas podem possuir conhecimento ou capacidade de desempenho que as diferenciam na execução de tarefas dentro das práticas. No mesmo sentido, a posse de implementos ou de recursos econômicos pode estar relacionada à capacidade de ações diferenciadas. Uma prática pode compreender níveis variados de ações e o engajamento de seus atores pode estar relacionado a características ligadas ao “*know-how*” e aos “conhecimentos prévios” e até mesmo a questões financeiras (WARDE, 2005).

As hierarquias das práticas e nas práticas acabam por compor um elemento importante na caracterização de uma prática. Pois a forma, o

engajamento e o aprendizado gerado em uma prática podem influenciar o comportamento do indivíduo em outras práticas (GRAM-HANSEN, 2011).

Uma nova explicação sobre as identidades contemporâneas e o papel do consumo na formação do indivíduo é sugerida por Warde (2005), quando argumenta que o padrão de consumo de um indivíduo é a soma dos momentos de consumo que ocorrem na totalidade de suas práticas. Parte-se das premissas de que a base do consumo são as práticas e também de que a interseção das práticas torna-se componente do indivíduo.

Cada indivíduo adquire itens de práticas diferentes como padrões de consumo, padrões de despesas, posses, carteiras de atividades culturais. Engajamentos sequenciais e simultâneos em diversas práticas podem levar a uma discussão sobre a fragmentação do *self*, especialmente quando envolvem pessoas pertencentes a redes sociais diferentes e heterogêneas. Ou seja, os estilos de vida são resultados de vários compromissos sociais e locais diferenciados em uma pluralidade de práticas. Como o número de práticas cresce e muitas se tornam mais variadas internamente, torna-se cada vez mais difícil interpretar sinais e símbolos que deveriam comunicar a identidade pessoal para os outros (WARDE, 2005).

Segundo Warde (2005), esse é um ponto paradoxal tendo em vista que o indivíduo tem momentos de consumo mapeados por padrões que resultam da mistura e do encontro de diferentes formas e combinações. Entretanto, o significado de uma prática tem certo relacionamento com o conhecimento desta, ou seja, símbolos e sinais existentes em uma prática podem ser evidentes para quem dela é próximo, mas pode não significar nada para quem dela não se aproxima. Ressalta-se então que:

ao analisar práticas é importante reconhecer a variabilidade na medida em que as práticas são compartilhadas e compreendidas entre um público amplo, as preferências são muitas vezes aprendidas dentro de uma esfera particular de

uma prática e sua justificativa tem jurisdição localizada (WARDE, 2005, p. 145).

As hierarquias e interseções de práticas acabam por possuir conceitos inter-relacionados pela forma com a qual as pessoas organizam as práticas em seus cotidianos. Não se trata de uma forma estática, mas sim de como as forças internas e externas de elementos das práticas são percebidas e configuradas pelo indivíduo. O indivíduo como portador de práticas vai conduzindo experiências de aprendizagem e relações entre múltiplas práticas que se influenciam entre si. Entretanto, esse jogo acontece diante de influências externas, uma vez que as práticas são percebidas e compreendidas por olhares externos e se tornam passíveis de classificação e julgamentos. Propõem-se, nesse sentido, as “hierarquias” e as “interseções” como elementos aproximados no contexto das práticas. Busca-se com isto, a possibilidade de se analisar o jogo de forças e complementos entre as práticas que um indivíduo transporta. Além disso, busca-se compreender nesses elementos como as práticas são ordenadas e como as pessoas percebem ou pensam ser percebidas por meio do ordenamento de suas práticas.

Alguns estudos utilizando as bases conceituais da prática citaram aspectos relacionados a hierarquias culturais (BUGGE; ALMAS, 2006; RAFFERTY, 2011). Entretanto a interseção das práticas é mais discutida e utilizada (HAND; SHOVE, 2007; MAGAUDDA, 2011; SCHREIBER, 2014; TOFT-NIELSEN; STINNE GUNDER STRØM, 2015; TRUNINGER, 2011).

O indivíduo, como portador de práticas adquire, pelo conjunto de experiências vividas, aspectos relacionados à qualidade de desempenhos em um grupo de práticas. Cada pessoa traz consigo o conhecimento tácito que por meio das práticas vivenciadas ao longo de sua história formam o *know-how*. Entretanto, cabe ressaltar que o *know-how* influencia na própria execução das práticas. Considera-se uma espécie de ciclo virtuoso entre prática - apropriação

tácita de conhecimento - prática. E como proposto por Gram-Hanssen (2011), os conhecimentos adquiridos em uma prática podem ser utilizados em outras práticas. O *know-how* como elemento da prática pode estar relacionado a algumas diferenças na qualidade da execução de algumas práticas. Além da presença do *know-how* como elemento das práticas presentes nas conceituações de Reckwitz (2002) e Ward (2005), algumas pesquisas descreveram o *know-how* como elemento presente em campos empíricos (GRAM-HANSSSEN, 2011; SHOVE; PANTZAR, 2005; TRUNINGER, 2011).

O *know-how* é um elemento das práticas relacionado ao conjunto de conhecimentos diferentes do conhecimento previamente constituído pelos indivíduos em sua forma de compreensão de mundo. Este último está ligado às estruturas mais racionais das vias de ligação entre os *sayings* e *doings*. O conhecimento prévio constitui um elemento que compreende as regras, as instruções ligadas aos princípios e preceitos do sujeito. Uma espécie de grupo conceitual entre o que se entende por “o que dizer” e o “que fazer”. Nesse sentido, a parte não subjetiva da finalidade da prática pode estar mais próxima deste elemento.

O conhecimento prévio como elemento se encontra nas conceituações de Schatzki (2002), Warde (2005) e Reckwitz (2002) e é utilizado nas análises realizadas por Shove e Pantzar (2005) que discutiram diferentes contextos de reprodução relacionados à caminhada nórdica. Nesse estudo, diferentes percepções em relação aos *sticks*, uma espécie de bengala, que eram compreendidos como apoio e elementos ligados ao esporte em determinado país, remetiam a implementos relacionados à doença e à deambulação de pessoas com algum tipo de problema de saúde (SHOVE; PANTZAR, 2005). Outros estudos utilizaram o conhecimento prévio como elemento de práticas (GRAM-HANSSSEN, 2011; HARGREAVES, 2011; RAFFERTY, 2011; SCHREIBER, 2014; TOFT-NIELSEN; STINNE GUNDER STRØM, 2015).

O “conhecimento prévio” e o *know-how* são elementos das práticas que podem estar relacionados, de forma mais próxima, aos elementos “atividades corporais” e “objetos e suas utilizações”. O *know-how* pode auxiliar no entendimento das atividades corporais e dos objetos quanto à forma de utilização mais adequada no desempenho de esforços mais eficientes para determinadas práticas. Segundo Warde (2005), a forma com a qual um indivíduo exerce uma prática pode ser especializada a ponto de levá-lo a outro patamar de execução e engajamento. Entretanto, o conhecimento prévio diz respeito à forma como o indivíduo compreende o mundo a partir de regras e padrões de conduta que também vão interferir em ações, sejam elas por meio do corpo e ou por meio de objetos. A colocação das “atividades corporais” e de “objetos quanto a sua utilização” como elementos das práticas está registrada por diversos trabalhos (GRAM-HANSEN, 2011; RECKWITZ, 2002; SHOVE; PANTZAR, 2005; WARDE, 2005). Esses elementos podem gerar uma avaliação precipitada quanto a maior proximidade com o consumo por envolver pertences e ações do praticante, mas o consumo envolve os elementos da prática como um todo em uma espécie de ação de permeabilidade das práticas (BORELLI, 2012). Cabe considerar, portanto, que a compreensão do consumo como parte integrante das práticas não pode ser reduzida a apenas um ou dois de seus elementos.

Diante dos elementos já expostos, faz-se necessária uma breve contextualização da posição do engajamento na teoria da prática. As práticas são o principal dispositivo de direção do consumo, porque são a principal fonte de desejo, conhecimento e julgamento. Nesse sentido o engajamento para a prática se torna uma questão explicativa principal. Este engajamento ou inscrição em práticas pode variar desde a infância até a idade adulta, ou desde as atividades domésticas até a própria trajetória pessoal dentro de uma carreira formal. A mudança de posições ou engajamentos em um conjunto de práticas cotidianas pode estar relacionada à mudança da forma de consumo. O “engajamento” foi

adotado como elemento das práticas por Warde (2005) e reforçado por Gram-Hanssen (2011) que o posicionou de forma conjunta com os significados.

O engajamento em uma prática parece estar relacionado de maneira próxima com outro elemento descrito nas práticas por Reckwitz (2002) como “conhecimento motivacional”. Segundo Warde (2005), para o entendimento da variação de comportamento de consumo, fatores isolados parecem ser insuficientes como a estratificação sociodemográfica ou diferenças nas atitudes, interpretações ou motivações. Entretanto o conjunto de elementos das práticas e o componente motivacional aparentam potencial por demonstrar estruturas de práticas hierarquizadas em função de benefícios internos e externos. Uma espécie de entendimento contrastante entre o nível de competência prática e o grau de envolvimento que pode gerar a variação comportamental.

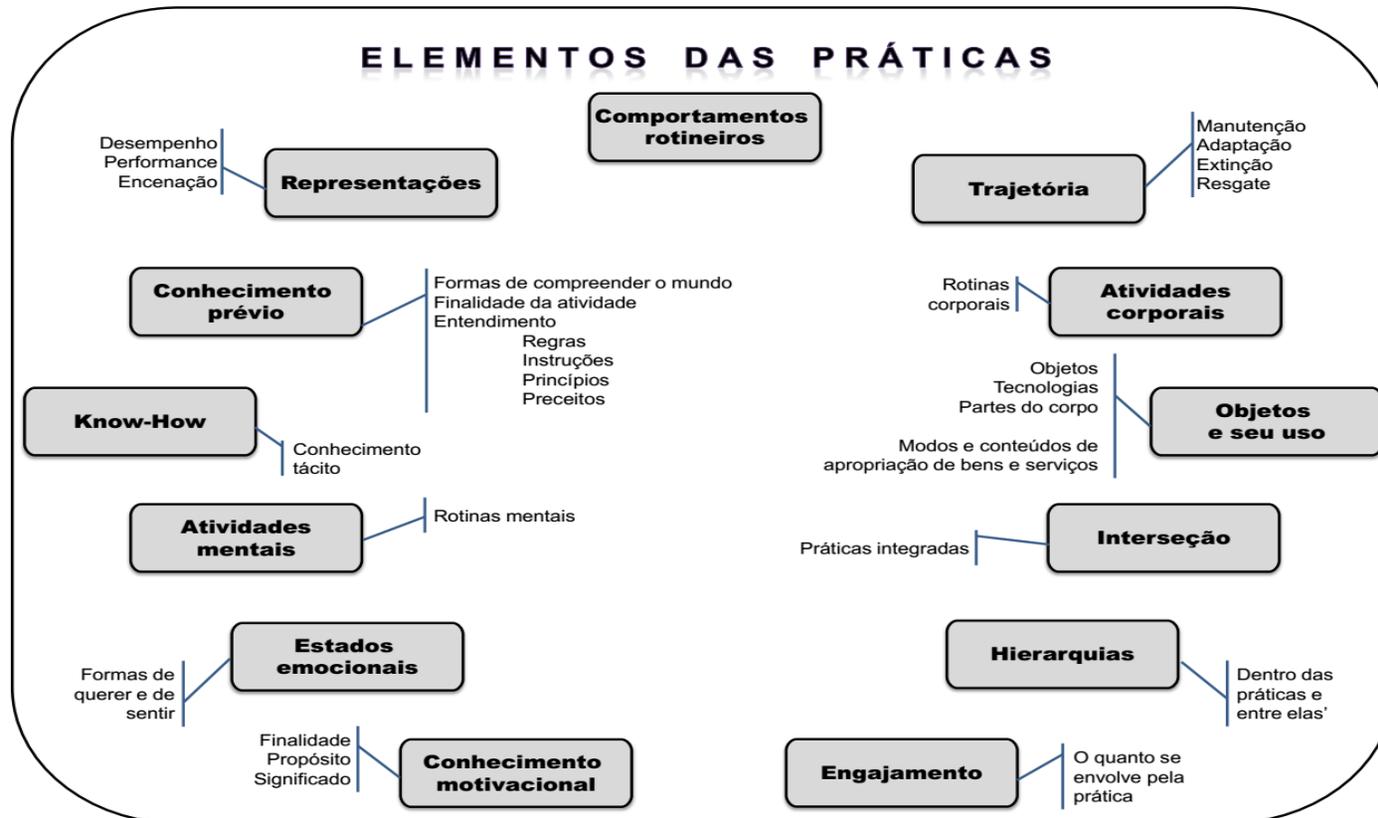
Nesse sentido, o conhecimento motivacional é um elemento que agrega a expertise adquirida ao longo da história do sujeito à variação comportamental que não se descreve de forma simples. Entretanto, quando se recuperam as vias de ligação entre os *saings* e *doings* das práticas, as estruturas *teleoafetivas* explicam os comprometimentos por meio de uma forma mais subjetivada, baseada nos meios de se engajar em uma prática ou uma espécie de motivação do caminho e não do fim. O conhecimento motivacional como elemento parece resumir os caminhos do nexos entre o que se diz e o que se faz por reunir os entendimentos e procedimentos como antecedentes do comprometimento como motivador da prática.

Os componentes subjetivos da prática parecem se complementar pelos elementos “estados emocionais” e “atividades mentais”. O conjunto de elementos das práticas pareceria incompleto se não abrangesse a questão mental e emocional. Os estados emocionais muitas vezes são mal interpretados por terem natureza abstrata, por terem sua ocorrência generalizada em uma natureza aleatória e por não se atentar de forma adequada a localizá-los dentro de um

contexto psicossocial (RAFFERTY, 2011). Apesar da crítica quanto a sua utilização, a quantidade de elementos necessários para a compreensão da prática pode contribuir para situar os estados emocionais de praticantes em um cenário conjunto de interpretação. Esse cenário pode contribuir para uma compreensão não isolada dos estados emocionais e, por conseguinte, das práticas e momentos de consumo.

As atividades mentais descritas por Reckwitz (2002) compõem o rol dos elementos das práticas (Figura 6). Esse elemento possui diversas aproximações com os outros elementos das práticas apresentados na imagem. Considera-se que por mais que uma prática possa ser automatizada, ela compreenderá alguns elementos presentes no modelo e, dentre eles, as atividades mentais estarão presentes, indiferentemente do nível de racionalização ou de automação com que a rotina seja internalizada por uma pessoa.

Figura 6 - Elementos das práticas



Fonte: Adaptado de Reckwitz (2002), Schatzki (2002), Warde (2005), Gram-Hanssen (2011) e Borelli (2012)

Pretendeu-se com este tópico, apresentar a teoria da prática por meio dos elementos. O trabalho foi baseado nos esforços de Gram-Hansen (2011), Borelli (2012), nas conceituações propostas por Ward (2005) e Schatzki (2002). Entretanto cabe o destaque aos conceitos propostos por Reckwitz (2002) que entende as práticas como se descreve a seguir:

[...] um tipo de comportamento rotineiro que consiste de vários elementos, interligados uns aos outros: formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, ‘objetos’ e seu uso, conhecimento prévio na forma de compreensão, *know-how*, estados emocionais e conhecimento motivacional. Uma prática – uma maneira de cozinhar, de consumir, de trabalhar, de investigar, de cuidar de si ou dos outros, etc. – constitui, por assim dizer um ‘bloco’, cuja existência depende necessariamente da existência e interconectividade específica destes elementos, e que não pode ser reduzido a qualquer um destes elementos individuais (RECKWITZ, 2002, p. 249-250).

Por meio do conceito apresentado, destacam-se as práticas como um conjunto integrado de elementos agregados por uma prática integrativa ou uma esfera da vida cotidiana. Considera-se ainda o caráter não redutível de seus elementos. Nesse sentido é reforçado o pressuposto sobre o consumo, por conseguinte, não ser reduzido a alguns de seus elementos.

Outros autores foram citados neste tópico por utilizar os elementos ou descrevê-los a partir de campos empíricos. Muitas vezes, esforços foram engendrados em focos distintos de análise, apropriados por métodos de pesquisa mais adequados às realidades dos objetos investigados.

O que se pretendeu, todavia, foi agrupar a maior quantidade de elementos relacionados às práticas ilustrando-os sob as perspectivas conceituais, empíricas e sob a guia da adaptação dos trabalhos previamente realizados por Gram-Hanssen (2011) e Borelli (2012).

Nesse sentido, o modelo dos elementos das práticas tem a função ilustrativa e explicativa de um corpo teórico recente e de reforços de aplicação

desta teoria no campo empírico. Cabe, portanto, ressaltar a complexidade da tarefa de levar as práticas para o campo empírico (WARDE, 2005). Entretanto, Warde (2005) foge da impossibilidade e valoriza a aplicação da Teoria da Prática em estudos do consumo valorizando a possibilidade que essa aplicação teórica proporciona por permitir compreender “uma noção não instrumentalizada de conduta, mas observar a regra da rotina em uma mão e da emoção, da personificação e do desejo em outra” (WARDE, 2005, p. 136).

Nesse sentido, os elementos das práticas identificados e descritos nesta sessão devem ser utilizados sob a cautela dos pressupostos das práticas. Os *affordances* discutidos no tópico anterior podem subsidiar as incursões empíricas.

A apresentação das aproximações metodológicas realizadas no tópico anterior em conjunto com os elementos das práticas organizados pela presente pesquisa nortearam os procedimentos metodológicos que foram adotados pela presente pesquisa.



## **4 METODOLOGIA**

Apresentam-se neste capítulo os procedimentos metodológicos. Para tanto, esta sessão foi subdividida nos tópicos referentes à caracterização da pesquisa, aos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, às técnicas utilizadas para o tratamento e análise dos dados e por fim descreve-se como foi procedida a análise de conteúdo.

### **4.1 Caracterização da pesquisa**

A presente pesquisa buscou investigar o fenômeno do consumo de corredores de rua por meio da abordagem da teoria da prática. A aproximação entre o corpo teórico que embasou a presente pesquisa e o campo empírico permite classificar este estudo como exploratório. Os objetivos contemplados visaram o aprimoramento do entendimento do comportamento do consumidor envolvido na preparação e participação em provas de corrida de rua.

Nesse sentido, as técnicas de análise empregadas são de natureza qualitativa. A natureza da pesquisa fundamenta-se na base da interpretação mais densa e qualificada do consumo de corredores de rua, a partir de suas práticas.

A pesquisa qualitativa trata de uma descrição em profundidade e considera a interconexão entre a análise do comportamento e do sentido. Uma particularidade da pesquisa qualitativa é a sequência não linear e a interdependência das partes isoladas do processo. O investigador atua como instrumento principal, na descrição como fim do processo investigativo, no processo como ponto de interesse, na indução, e em destaque, no significado (FLICK, 2014).

## 4.2 Procedimentos metodológicos

Com o intuito de buscar a profundidade do fenômeno performativo das práticas relacionadas à corrida de rua, foi realizada uma incursão que buscou triangular os resultados por meio dos métodos de análise documental, observação não participante e grupos de foco.

O conjunto de métodos objetivou buscar as nuances da prática da corrida de rua e foi guiado com base em dois destaques do embasamento teórico que sustenta a presente pesquisa. Os *affordances* (Figura 2, p. 51) propostos por Halkier e Jensen (2011) e os elementos das práticas apresentados no tópico 3.4 da revisão de literatura desta tese e assumidos como categorias de análise conforme Figura 7. Nesse sentido, a utilização dos vários métodos visa contemplar a complexidade dos estudos do consumo baseado na teoria da prática.

Figura 7 - Elementos das práticas como categorias de análise.



Fonte: Adaptado de Reckwitz (2002), Schatzki (2002), Warde (2005), Gram-Hanssen (2011) e Borelli (2012)

#### **4.2.1 Observação não participante**

A observação não participante é uma técnica de pesquisa que permite ao pesquisador observar os indivíduos, sem se fazer passar, no entanto, por uma das pessoas envolvidas na pesquisa. A interação e o comportamento das pessoas seguem da mesma forma, uma vez que a presença do pesquisado não é informada (FLICK, 2014). Segundo o autor, em alguns casos, a observação acontece de forma secreta, uma vez que os observados não são informados do procedimento desenvolvido. Essa ação geralmente é contestada sob o ponto de vista da ética, entretanto, em ambientes abertos como nos espaços públicos, não se pode chegar ao acordo ou consentimento dos observados.

A técnica foi utilizada na presente pesquisa em provas de corridas de rua realizadas no Distrito Federal e em parques com grande concentração de praticantes desse esporte. Buscou-se observar hábitos e ações rotineiras como forma de enriquecimento das análises realizadas por meio dos demais métodos.

Durante os anos de 2015 e 2016, foram realizadas observações em dois parques localizados em Brasília, Distrito Federal (DF). Um localizado na região administrativa de Águas Claras e o outro no Plano Piloto. Pelo menos duas vezes por semana, nos períodos de fevereiro a agosto e de outubro a dezembro de 2015, e de fevereiro a abril de 2016, o pesquisador caminhou pelos parques e narrou o objeto das observações para posterior transcrição e análises. Nesses locais, a observação foi feita com base nos elementos das práticas apresentadas como categorias de análise acrescidas de todo o conjunto de ações que remetesse à rotina dos praticantes da corrida nos parques.

As provas de rua também foram observadas seguindo o mesmo método de registro em áudio dos fenômenos e das particularidades observadas em cada evento. Buscou-se compreender as ações e as rotinas desempenhadas como elementos da prática das corridas de rua. Os nomes das corridas observadas e as

respectivas datas estão dispostos no Quadro 3. Buscou-se observar eventos com distâncias e horários de largada diferenciados. Entretanto, para ser considerado um evento válido para observação, alguns critérios foram estabelecidos. Os eventos deveriam estar registrados em mais de um *site* de calendários de corrida e os eventos deveriam possuir histórico de pelo menos duas edições anteriores.

Quadro 3 - Caracterização das provas de corrida de rua observadas.

<b>Prova</b>	<b>Data</b>	<b>Inscrição</b>	<b>Participantes</b>
Corrida de Reis de Brasília – 6 e 10 Km	31/01/2015	Gratuita	8.000*
Maratona de Brasília – 5, 10 e 42 Km	01/03/2015	Paga	1.000*
Circuito das Estações – Etapa Outono – 5 e 10 Km	22/03/2015	Paga	5.000*
Night Run – Etapa Fogo – 5 e 10 Km	09/05/2015	Paga	7.000*
Volta do Lago 2015 – 100 Km (revezamento de 2, 3, 4 e 6 integrantes)	14/06/2015	Paga	3.000*

Nota: \*números estimados

Fonte: Do autor (2016).

#### **4.2.2 Análise documental**

Para Bardin (2011), o método de análise de conteúdo pode ser utilizado para análise de documentos e possui início em uma etapa de organização dos dados. Essa organização por si só é constituída por três polos cronológicos, a saber: a pré-análise, a exploração do material com o tratamento dos resultados, e a inferência e interpretação.

A pré-análise dos documentos é balizada por três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação de hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final. Cabe ressaltar que as etapas não são cronologicamente separadas e possuem um estreitamento que as liga entre si (BARDIN, 2011).

Inicialmente, foi utilizada por base a trajetória da prática, que consiste em uma relação constante entre o que se compreende por um conjunto de atividades e a verificação de como o desempenho por seus praticantes vai compondo uma construção histórica de seus elementos (RECKWITZ, 2002). Nesse sentido e com o objetivo de identificar como os corredores de rua buscam informação sobre a prática e como a prática vai sendo retratada e reproduzida em seu entendimento coletivo, adotou-se a leitura de diversas fontes de informação sobre as corridas de rua. A busca por informações foi realizada de forma a contemplar a escolha de documentos que seriam submetidos às análises. Para melhor compreensão de quais documentos formariam a base de dados, foram adotadas duas estratégias: a) a busca por meio do termo “corridas de rua” no *site* de buscas Google e na rede social Facebook. b) a realização de conversas informais com corredores de rua e com profissionais que trabalhavam em assessorias de corrida, por meio das quais se procurou identificar os *sites* ou revistas mais consultados pelos corredores de rua. Essas ações aconteceram entre os meses de setembro e novembro de 2014.

Após agrupar um conjunto de informações sobre as fontes de consulta dos corredores, optou-se por selecionar três revistas que circulam em mídia impressa e digital. O primeiro critério seguido para compor a relação das revistas foi a condição de possuir tiragem impressa e algum tipo de conteúdo veiculado na internet. Em seguida, analisou-se a clareza do tema da revista e se era restrito a corridas de rua, excluindo-se aquelas revistas de temas mistos como saúde, estética e revistas dedicadas a mais de um esporte. Por fim, foi verificada a popularidade dos títulos junto aos profissionais que atuam na área.

As revistas selecionadas, conforme as características analisadas, foram as seguintes:

- a) Revista O2, publicada pela empresa Norte MKT. Agrega cerca de 280.000 seguidores na rede social *Facebook* e publica 12 edições

- por ano, sendo que as de janeiro e fevereiro circulam em volume único.
- b) Revista *Contra Relógio*, publicada pela Redijo Produções e Editora Ltda. Possui cerca de 15.000 seguidores na rede social *Facebook*. Publica 12 edições ao ano e disponibiliza o conteúdo de suas publicações *on-line* de forma gratuita após dois meses da circulação do material impresso.
  - c) *Runner's World Brasil*, publicada pela Rocky Mountain Editora. É uma revista de origem norte-americana, com publicações em diversos países do mundo. No Brasil, a revista possui cerca de 160.000 seguidores na rede social *Facebook*. Além de sua publicação impressa de 12 edições anuais, com as de janeiro e de fevereiro circulando em volume único, a revista disponibiliza um intenso conteúdo de reportagens e notícias em seu *website*.

A primeira atividade relativa à pré-análise é a fase de organização do material chamada de leitura flutuante (BARDIN, 2011). Essa atividade deve propiciar o primeiro contato com os documentos permitindo que o pesquisador aproxime-se dos textos por meio de impressões e orientações. A leitura flutuante do material impresso e digital de cada revista permitiu identificar três estilos diferentes de comunicação com os corredores e leitores.

A revista O2 apresenta seu conteúdo de forma mais tradicional por meio de mídia impressa e paga. Entretanto, alguns conteúdos das edições podem ser acessados após seis meses de sua circulação impressa. O *site* da revista O2 é parte de um portal de uma empresa denominada Grupo Ativo, que é especializada em serviços esportivos com foco na organização e na comercialização de eventos, produtos e serviços esportivos, e tem como principais segmentos, a corrida de rua e o ciclismo. O conteúdo do portal parece

sobrepor-se ao da revista ao se navegar pelo *site*. Nesse sentido, optou-se por analisar somente o texto da revista impressa, descartando-se o material do *site* da revista.

Já a revista *Contra Relógio* apresenta, além da mídia impressa tradicional com a comercialização da revista em bancas ou por assinatura, a forma gratuita e integral das reportagens, inserida na internet após o intervalo de dois meses de sua publicação impressa veiculada pela revista. Como o intervalo de publicação da revista e a disponibilização do conteúdo gratuito na internet é relativamente curto, optou-se por analisar somente o conteúdo das revistas disponível no *site* da revista.

A revista *Runner's World Brasil* apresenta a versão impressa tradicional e um rico conteúdo disposto na aba notícias no *menu* de seu *site*. A frequência de reportagens gira em torno de cinco publicações diárias em diferentes temas. Esse conteúdo de acesso gratuito possui um formato mais próximo das plataformas tecnológicas de comunicação atuais como celulares e *tablets*, com reportagens mais objetivas e dispostas em textos menores. Essa característica peculiar entre as demais revistas citadas fundamentou a escolha do material disponibilizado no *site* da revista como base de análise.

Delimitou-se como recorte temporal de análise as reportagens referentes ao ano de 2015, quando se tratou da revista *O2* e da revista *Contra Relógio*. Para a revista *Runner's World* foram consideradas as reportagens postadas no *site* entre os meses de novembro de 2015 e março de 2016. Optou-se por considerar um recorte temporal diferenciado em razão de a análise do material indicar conteúdo e rotinas distintos nos meses finais e iniciais de um ano, o que pareceu relevante para o entendimento das práticas de corrida nesses períodos.

Após a caracterização dos três estilos de comunicação integrada das revistas, percebe-se que a diversificação da base de extração dos documentos permite acessar dados disponíveis em grande abrangência de acesso pelos

corredores. Esta abrangência é justificada porque a informação atual nem sempre é comprada em forma de revistas ou *sites* pagos. Bem como, muitas consultas na internet são feitas por meio de equipamentos portáteis que associam um formato de mídia diferenciado. Nesse sentido, apresentamos o quadro com a caracterização final das fontes de pesquisa.

Quadro 4 - Caracterização dos documentos pesquisados

Nome da revista	Característica do conteúdo analisado	Recorte temporal	Nº de reportagens
Revista O2	Impresso	01 a 12/2015	297
Contra Relógio	Impresso disponibilizado na internet	01 a 12/2015	183
Runner´s World	Exclusivo da internet	11/2015 a 03/2016	244

Fonte: Do autor (2016).

Os documentos foram escolhidos, após a fase de pré-análise, por meio da leitura flutuante, de modo a atender aos objetivos da presente pesquisa. O *corpus* formado objetivou fornecer informações sobre o problema em questão. Os prosseguimentos das análises realizadas nas fases que constituem a exploração do material e de tratamento e interpretação dos resultados obtidos serão tratados no tópico “Tratamento e análise de dados”.

#### 4.2.3 Grupos de foco

O grupo de foco como técnica de pesquisa visa coletar dados a partir de um tópico lançado pelo pesquisador para que seja discutido coletivamente. O papel do pesquisador é ativo na criação e na condução desse ambiente de discussão. Uma das recomendações de cuidado ao se conduzir grupos de foco é manter a discussão entre os participantes dentro dos interesses do pesquisador e sua aplicação pode ser realizada com grupos já existentes (MORGAN, 1996). A

técnica do grupo de foco foi proposta como forma de triangulação de dados não só entre técnicas quanti-qualitativas, mas dentro de técnicas qualitativas como entrevistas e observação (MORGAN; SPANISH, 1984).

Em considerações mais recentes sobre a técnica, foram realizadas recomendações sobre a análise das interações entre os participantes, uma vez que respostas em grupos focais são permeadas por diferentes contextos e reações de seus participantes. Ou seja, podem-se ter respostas rápidas com a concordância de todos os participantes ou, ao mesmo tempo, um único respondente pode demorar mais tempo ao responder uma determinada questão e a mesma resposta pode não ser muito bem aceita pelos demais participantes (MORGAN, 2010). Segundo Morgan (2012), essas interações devem ser narradas a fim de proporcionar melhor entendimento dos objetivos pesquisados ao utilizar-se dessa técnica.

Em complemento, os grupos de foco podem ser potencialmente frutíferos ao se tratar de práticas cotidianas, pois permitem que novos dados possam emergir principalmente em relação a significados, convenções e organizações sociais, bem como nas conexões, através das interseções das práticas (BROWNE, 2015). Browne (2015) argumenta ainda que o tipo de conversa promovido pela técnica acerca das práticas sociais e da vida cotidiana incentiva a curiosidade sobre os outros. Ainda segundo o autor, quando a abertura e o humor são promovidos, permitem aos participantes explorarem sobre as práticas uns dos outros o que desafia normas de realizações sociais e significados.

Foram conduzidos dez grupos de foco com corredores de rua no período entre novembro de 2015 e abril de 2016. Pretendeu-se com essa técnica detectar as práticas dos corredores de rua através da narrativa desenvolvida de forma coletiva dentro dos grupos. Foram seguidas as recomendações da técnica realizadas por Morgan (2010) e Browne (2015), que argumentam a favor de uma

incursão que permita uma conversa aberta e bem humorada a respeito dos tópicos lançados, buscando-se registrar a interação entre os participantes. Nesse sentido, optou-se por entrevistar os grupos de corridas já constituídos. Muitos corredores de rua se organizam em grupos de pessoas que são orientadas ou não por profissionais ligados à Educação Física e áreas afins.

Os grupos foram contactados por intermédio de seus professores ou por meio de um de seus integrantes durante a fase de observação da presente pesquisa. O pesquisador se identificou e deixou com um representante de cada grupo uma carta de apresentação esclarecendo os objetivos da pesquisa e os procedimentos acerca da realização da técnica. Uma data foi marcada e o pesquisador se dirigiu ao local de treino do grupo. Em acordo com os voluntários, procedeu-se à entrevista, sendo algumas antes e outras após o treinamento do dia. Uma exceção ao local da entrevista foi aberta para o grupo MA, que tem por hábito sair para o treino após deixar os filhos em uma determinada escola, local que foi adotado para a realização da entrevista.

Os grupos variaram em número de participantes e tiveram no mínimo quatro e no máximo de oito voluntários e as entrevistas tiveram duração média de 30 minutos. Sua caracterização pode ser visualizada no Quadro 5. Adotou-se como guia para condução dos grupos de foco um roteiro elaborado pelo autor (Apêndice A). O roteiro nem sempre foi conduzido na sequência disposta, uma vez que muitos dos entrevistados respondiam as questões ligando-as a outras provocações ordenadas no texto, permitindo ao pesquisador optar por dar segmento com o tópico relacionado para deixar a conversa mais fluida.

Quadro 5 - Caracterização dos grupos de foco.

Grupo (n)	Características
GTO (8 pessoas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Período de treino: Manhã</li> <li>▪ Grupo exclusivo de mulheres</li> <li>▪ Corredoras iniciantes: a maioria treina há dois meses para conseguir disputar a primeira prova de 5 km</li> <li>▪ Local de treino: Parque de Águas Claras – DF</li> </ul>
SRT 1 (7 pessoas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Período de treino: Manhã</li> <li>▪ Grupo exclusivo de mulheres</li> <li>▪ Corredoras com pouca experiência: a maioria participou ou está prestes a participar da primeira prova de 5 km.</li> <li>▪ Local de treino: Parque de Águas Claras – DF</li> </ul>
SRT 2 (4 pessoas)	
MA (4 pessoas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Período de treino: Manhã</li> <li>▪ Grupo de corredores que treinam sem supervisão profissional. O vínculo é a escola dos filhos.</li> <li>▪ Corredoras com pouca experiência: todas participaram de provas de 5 km e buscam provas maiores.</li> <li>▪ Local de treino: Parques e academias</li> </ul>
CP1 (4 pessoas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Período de treino: Manhã</li> <li>▪ Corredores com experiência relevante: a maioria corre por qualidade de vida e as provas variam entre 10 km e a meia maratona.</li> <li>▪ Local de treino Parque de Águas Claras – DF</li> </ul>
CP2 (5 pessoas)	
TM (7 pessoas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Período de treino: Manhã</li> <li>▪ Corredores com experiência moderada: a maioria tentando correr a primeira meia maratona ou maratona.</li> <li>▪ Local de treino: Parque da cidade – Plano Piloto</li> </ul>
MR1 (8 pessoas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Período de treino: Noite</li> <li>▪ Corredores com ampla experiência: a maioria corre em outros estados ou em corridas fora do Brasil.</li> <li>▪ As provas variam entre a meia maratona, maratona e corridas em trilhas e provas de revezamento.</li> <li>▪ Local de treino: Bosque do Sudoeste</li> </ul>
MR2 (4 pessoas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Período de treino: Noite</li> <li>▪ Corredores com ampla experiência: a maioria corre em outros estados ou em corridas fora do Brasil.</li> <li>▪ As provas variam entre a meia maratona, maratona e corridas em trilhas e provas de revezamento.</li> <li>▪ Local de treino: Parque da cidade – Plano Piloto</li> </ul>
MR3 (4 pessoas)	

Fonte: Do autor (2016).

Os procedimentos de coleta de dados, bem como o projeto em que esta pesquisa se inclui foram submetidos e apreciados pelo Comitê de Ética em

Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. A aprovação está arquivada sob o número CAAE 55505616.0.0000.0030. Os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa, leram e preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Nesse sentido, os entrevistados tomaram ciência da participação voluntária e de possíveis riscos na participação da pesquisa, como o desconforto ou o constrangimento ao responder e compartilhar informações pessoais ou confidenciais sob alguns tópicos que pudessem ser abordados. Os participantes também foram informados sobre a possibilidade de se recusarem a responder qualquer questão que lhes trouxesse algum constrangimento, bem como que poderiam desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, sem nenhum prejuízo aos mesmos.

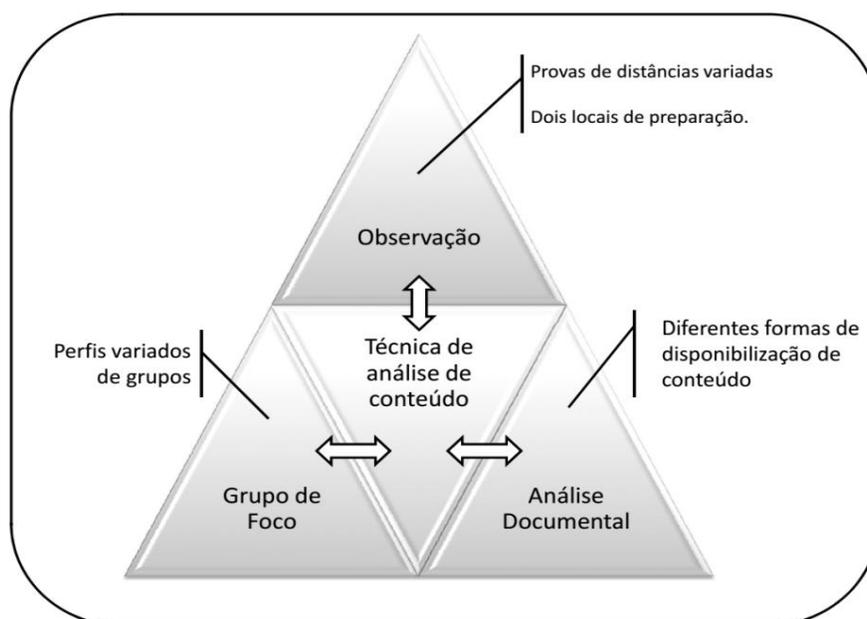
Por fim, os participantes assinaram um termo de autorização para a utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa. Todos os documentos serão arquivados e posteriormente destruídos após o período recomendado pelo CEP.

#### **4.3 Tratamento e análise dos dados**

Para a realização da presente pesquisa coletou-se dados em diferentes fontes. Para Vergara (2015), a triangulação de dados consiste na utilização de fontes de dados diferentes que podem ser obtidos a partir de momentos, locais e pessoas diferentes. De forma a contemplar mais de uma fonte de informações, coletou-se os dados em documentos a partir de três revistas diferenciadas pela disponibilidade do conteúdo dirigido aos corredores de rua. No mesmo sentido, buscou-se diferenciar o perfil dos grupos de foco realizados conforme a caracterização apresentada anteriormente e, por fim, dividiu-se a observação em dois locais de preparação e perfis de provas de rua variados.

Em seguida, buscou-se triangular os métodos de pesquisa utilizados. Dados secundários foram acessados por meio da análise documental. Os dados primários foram coletados por meio de grupos focais e, durante grande parte do processo de pesquisa, foi realizada a observação não participante nos momentos de participação e de preparação para provas de corrida de rua. Entretanto, cabe ressaltar que a técnica de análise do conjunto dos dados coletados e acessados foi centrada na técnica de análise de conteúdo (Figura 8).

Figura 8 - Modelo de triangulação de métodos, dados e técnica de análise.



Fonte: Do autor (2016).

A técnica de análise de conteúdo foi utilizada de forma a unificar todo o processo de análise da quantidade de dados gerada pela pesquisa. Um total de 724 reportagens, cerca de 300 minutos de gravações de grupos de foco, 60 minutos de gravações de observações em eventos e aproximadamente 90 minutos de gravações das observações nos locais de preparação. Como uma das

atividades da fase de pré-análise de dados descrita por Bardin (2011), após a leitura flutuante e a escolha dos documentos, devem ser realizadas as fases de criação de indicadores e de preparação do material.

Quanto à preparação do material, as reportagens das revistas que estavam disponíveis em meio digital foram convertidas para arquivos de texto. Já as revistas impressas foram digitalizadas em arquivos de imagem. Os debates colhidos por meio dos grupos de foco foram gravados e transcritos por meio de um editor de texto. Por fim, as observações realizadas nos locais de preparação e nos dias dos eventos foram gravadas e, posteriormente, transcritas em arquivos de texto.

Os arquivos de texto e imagem foram anexados em um *software* denominado Dedoose versão 6.1.18, um aplicativo *web* para gerenciar analisar e apresentar dados de pesquisas qualitativas e mistas. Esse *software* permitiu a classificação dos tipos diferentes de dados por meio de indicadores determinados pelo pesquisador.

As reportagens foram classificadas quanto à sua origem (nome da revista), tipo de disponibilização de conteúdo, mês e ano da publicação. Já os grupos de foco foram classificados quanto às características de cada grupo, nome do grupo de corrida e data de realização das entrevistas. As observações foram classificadas quanto à origem dos dados, se realizada em locais de preparação ou em provas de corrida de rua, pelo nome da corrida observada e pela data da observação realizada.

Em nenhuma circunstância nomes reais de pessoas, ou situações que caracterizem profissionais ou grupos de corrida foram divulgadas. Sempre que possível, tentou-se não caracterizar os eventos citados. Entretanto, cabe ressaltar que alguns desses eventos possuem forte identidade associada entre o nome da prova e da marca patrocinadora que, mesmo omitida, pode ser identificada por pessoas que possuem afinidade com a prática.

Descrevem-se a seguir os procedimentos da análise de conteúdo e o percurso de utilização dessa técnica que culminou nos resultados da presente pesquisa.

#### **4.4 Análise de conteúdo**

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas, um leque de recursos adaptável a um campo de aplicação vasto que são as comunicações (BARDIN, 2011). Segundo Bardin (2011, p. 38), “qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo”.

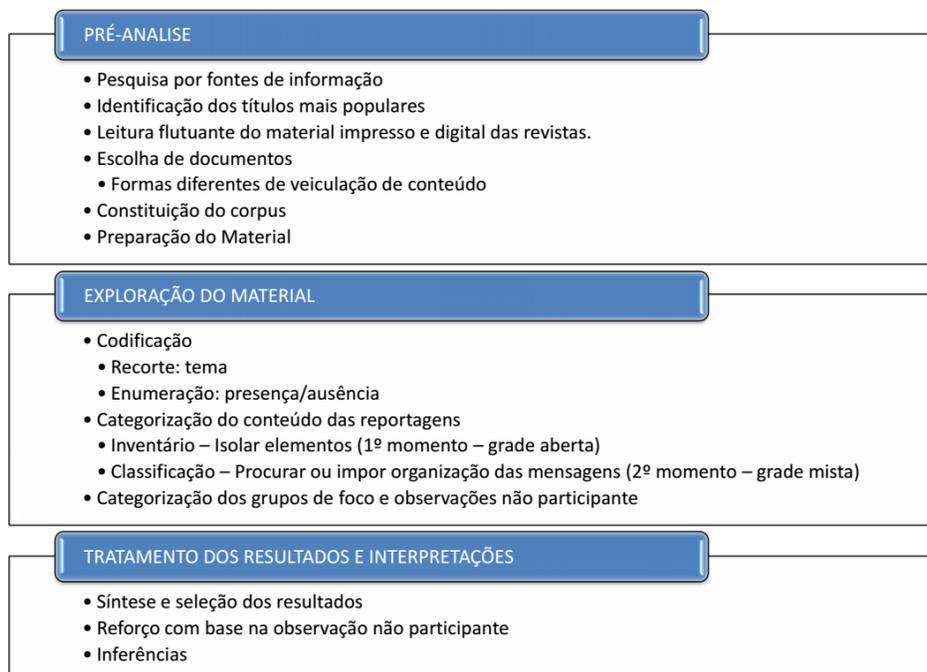
Em seus primórdios, essa técnica era substancialmente utilizada no tratamento de materiais jornalísticos, entretanto a evolução de sua aplicação abarcou transcrições de entrevistas, documentos institucionais e outras formas de comunicação (VERGARA, 2015).

A aplicação de análise de conteúdo permite abordagens tanto quantitativas quanto qualitativas, entretanto ambos os casos são guiados por categorizações. Seus procedimentos iniciais são relacionados à enumeração das características do texto e a finalização de sua aplicação diz respeito à interpretação por parte do pesquisador dos significados concedidos às características dos textos analisados. A inferência sobre os conteúdos acontece de forma intermediária entre as caracterizações das mensagens e suas interpretações (BARDIN, 2011; VERGARA, 2015). Quanto à análise das expressões emitidas nas mensagens, utilizou-se da análise de conteúdo que permitiu inferir sobre as questões relevantes aos objetivos da presente pesquisa (BARDIN, 2011).

Após a realização da análise documental e da pré-análise dos textos das reportagens das revistas, deu-se início às demais etapas da exploração do

material e do tratamento dos resultados obtidos e interpretação que serão descritas a seguir conforme o modelo abaixo (Figura 9).

Figura 9 - Modelo das etapas da análise de conteúdo.



Fonte: Do autor (2016).

Dentro da fase de exploração do material procedeu-se à codificação que, segundo Bardin (2011), é a transformação dos dados brutos do texto. Essa fase permite atingir a representação da expressão de um conteúdo. Ainda segundo a autora, a codificação compreende três escolhas (BARDIN, 2011, p. 133):

- a) O recorte: escolha das unidades;
- b) A enumeração: escolha das regras de contagem e
- c) A classificação e agregação: escolha das categorias.

Entretanto, antes de descrever as escolhas realizadas na presente pesquisa, destaca-se o fato de o paradigma interpretativo utilizado neste estudo merecer alguns destaques embasados no texto da própria autora.

A abordagem não quantitativa permite, quanto ao emprego da técnica, a liberdade de utilização de indicadores livres de frequências, bastando sua presença para a construção de índices. Enquanto as abordagens de cunho quantitativo se prendem a métodos estatísticos de análise de contagem, a abordagem qualitativa corresponde a um procedimento mais intuitivo, o que por consequência, aproxima-a da aplicação de índices e categorias mais maleáveis e até mesmo não previstos (BARDIN, 2011).

Essa situação acarreta a necessidade de compreensão do sentido em detrimento de outras técnicas como a de contagem de palavras. Nesse sentido, tem-se o risco aumentado de que elementos importantes possam ser deixados de lado, ocasião em que deve ser evitada, considerando-se o contexto e sua importância no momento da análise. Nesse sentido, cabe a releitura do material, novas interpretações e a busca por evidências contrárias ao resultado assumido como final. Como forma de minimizar as possibilidades do risco citado, as análises realizadas pelo pesquisador foram revisadas pelo orientador da presente pesquisa. Esse procedimento permitiu rediscutir categorias e reinterpretar de maneira conjunta os elementos apresentados como resultado deste trabalho.

Por fim, a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de contagem. Entretanto, cabe frisar que os índices são retidos de maneira não frequencial. No mesmo sentido, as inferências não foram baseadas em quantificações (BARDIN, 2011).

Com base na exposição sobre a abordagem do estudo e questões pertinentes à análise de conteúdo, optou-se por não adotar regras de contagem e sim por considerar a presença dos índices na presente pesquisa.

Quanto ao recorte, adotou-se o tema por unidade de registro das codificações. Segundo Bardin (2011), o tema corresponde a uma unidade de recorte que diz respeito ao sentido e não a manifestações formais reguladas. A natureza das práticas não está sempre manifestada na compreensão ou na ação do sujeito e, como explica Reckwitz (2002), as práticas muitas vezes estão posicionadas no nexo do que se diz e do que se faz. Nesse sentido, a apropriação do tema como unidade pareceu mais próxima do aporte teórico da pesquisa e do objeto escolhido como campo empírico.

A categorização é o processo em que são criadas rubricas ou classes nas quais os recortes são agrupados. Essas categorias devem possuir um título genérico capaz de identificar aquele conjunto que ali foi reunido por algum critério (BARDIN, 2011). Em função do recorte adotado pela presente pesquisa ser o temático, o critério adotado para a configuração das categorias foi o semântico, que classifica as unidades por meio de seu significado.

Ainda em relação aos critérios para a criação de boas categorias, a autora recomenda alguns cuidados a saber: “a) a exclusão mútua; b) a homogeneidade; c) a pertinência; d) a objetividade e a fidelidade e e) a produtividade” (BARDIN, 2011, p. 150).

Segundo Vergara (2015), um dos passos da análise de conteúdo é a definição do tipo de grade para análise entre os tipos: fechada, aberta e mista. Na grade fechada definem-se de forma preliminar as categorias de análise e, durante a análise do material, os recortes são atribuídos às categorias predeterminadas. Já na utilização da grade aberta, identificam-se categorias de análise conforme os recortes são agrupados pelo pesquisador. Esse método também é conhecido como procedimento por acervo e o de grade fechada por procedimento por caixas (BARDIN, 2011).

Um terceiro processo é apresentado por Vergara (2015) como grade mista, que trata da definição preliminar das categorias, conforme objetivos da

pesquisa, entretanto, a inclusão de categorias que possam surgir durante o processo de análise é permitida.

O processo de categorização da presente pesquisa foi realizado em duas etapas, diferenciadas pela origem dos dados coletados. Em um primeiro momento, foram analisados os conteúdos das reportagens agrupadas como fonte de dados secundários. Com base na grade constituída pelo primeiro momento, foram iniciadas as análises dos dados primários coletados por meio das entrevistas realizadas com a técnica de grupo de foco.

A categorização é um processo que comporta duas etapas. A primeira trata do inventário que é um procedimento constituído pelo isolamento dos elementos. Já a segunda etapa é constituída pela classificação dos elementos isolados. Este trabalho de classificação trata da procura de uma organização das mensagens ou da imposição de critérios de organização (BARDIN, 2011).

Os processos que constituíram a análise das reportagens das revistas foram desenvolvidos em dois momentos de análise. Inicialmente, por meio da grade aberta na qual se objetivou inventariar categorias mediante a repetição de temas presentes nas reportagens das revistas.

Em um segundo momento, os códigos foram revistados por meio da grade mista na qual foram assumidos, como categorias de análise predeterminadas, os elementos das práticas (Figura 7, p. 87). Ressalta-se que os elementos das práticas foram assumidos como categorias de classificação e que as categorias resultantes da primeira análise poderiam ser concentradas na forma de subcategorias dos elementos das práticas ou formar novas categorias, representando os critérios da grade mista de análise.

Após essa primeira etapa, que envolveu as duas rodadas de categorização dos dados acessados nas reportagens das revistas, foram promovidas as análises dos dados coletados por meio dos grupos de foco. Essa sequência visou analisar o quanto dos resultados encontrados nas reportagens era

reproduzido na rotina dos entrevistados. Não se pretendeu realizar um processo de validação de resultados. Entretanto, buscou-se compreender quais os aspectos da prática da corrida de rua, retratados pela mídia especializada, estão presentes na rotina dos grupos de corredores investigados.

Nesse sentido, durante a categorização dos dados coletados por meio dos grupos de foco, foi mantida a mesma grade mista utilizada na segunda rodada de análise das reportagens. Essa escolha foi baseada nas considerações de Bardin (2011) sobre a maleabilidade dos índices e categorias diante de uma abordagem de pesquisa qualitativa. Nesse sentido, procurou-se evitar que um elemento da prática ou um aspecto sobre as rotinas das pessoas entrevistadas pudessem ser negligenciados diante de uma postura diferente ao se aplicar o método.

O material coletado por meio das observações também foi analisado e utilizado como reforço durante a síntese dos resultados encontrados pela presente pesquisa. Os resultados pertinentes à trajetória das análises de conteúdo das fontes de dados utilizadas na presente pesquisa são descritos no próximo capítulo.



## **5 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Descrevem-se neste capítulo os resultados provenientes da técnica de análise de conteúdo realizada nas fontes de dados da presente pesquisa. Inicialmente os dados analisados foram os provenientes das reportagens de revistas especializadas no tema - corrida de rua. Em um segundo momento analisou-se a transcrição das gravações geradas por meio dos grupos de foco e das observações não participante. O produto das transcrições das observações foi submetido à análise de conteúdo sob os mesmos critérios e momento relativo aos grupos de foco.

### **5.1 Categorização do conteúdo das reportagens**

A categorização de um conjunto de dados é um processo de diferenciação e reagrupamento por critérios previamente definidos (BARDIN, 2011). Para aplicação da técnica nos dados provenientes das reportagens adotou-se o critério de categorização semântico.

A categorização do conteúdo das reportagens foi realizada em duas etapas, conforme recomendação de utilização da técnica de análise de conteúdo. Na fase de inventário, os elementos foram isolados e analisados conforme questões elaboradas pelo pesquisador. Estas questões visaram guiar a inclusão ou descarte das unidades de registro para futuras análises. As questões foram elaboradas com base nos objetivos da pesquisa e foram pautadas pelos pressupostos teóricos da prática e pelo consumo em uma forma ampliada, em conformidade com o conceito proposto por Warde (2005) que trata do consumo como processo de apropriação ou contemplação. Nesse sentido, se questionou sobre as unidades de registro o seguinte:

- a) O objeto ou tema de referência descrito configura-se como rotineiro para os corredores de rua?

b) O objeto ou tema de referência tratado remete ao consumo?

A indicação positiva em pelo menos uma das questões era suficiente para a inclusão da unidade de registro no inventário dos elementos. A classificação do inventário foi realizada em dois momentos subsequentes.

### **5.1.1 Categorização das reportagens**

No primeiro momento, realizou-se uma incursão por meio da grade aberta de análise. Durante esta etapa, as categorias foram criadas e analisadas em um processo que procurou organizar as mensagens por meio de seu significado, sem categorias pré-estabelecidas.

O *software* utilizado como ferramenta de análise permite que os dados sejam facilmente organizados por meio da criação e fusão de categorias, bem como o livre ajuste da condição de categoria ou subcategoria. À medida que as leituras foram realizadas, as categorias foram criadas e posteriormente o processo de agrupamento foi sendo constituído por repetição de análise das categorias que eram realocadas ou agrupadas.

Este processo gerou um total de 55 categorias, sendo que quatro destas foram divididas em subcategorias conforme os quadros apresentados a seguir.

Quadro 6 - Resultado parcial da categorização das reportagens.

<b>Categorias resultantes da grade aberta de análise</b>	
1. Ações Promocionais das Corridas	29. Ouvir Música
2. Adaptações ao Clima	30. Patrocínio
3. Admirar Paisagens / Arquiteturas	31. <i>Performance</i> - Alto rendimento
4. Apoio de amigos/família/público	32. Persistência
5. <b>Aprendizado*</b>	33. Pessoas com Deficiência
6. Automedicação	34. Planejamento
7. Benefícios Percebidos	35. Práticas Alimentares
8. Causas Sociais e Ambientais	36. Práticas Amadoras
9. Chamar pessoas para correr	37. Práticas Familiares
10. Comemorar	38. Práticas Femininas (Dif. Gênero)
11. Correr com Bebê (Carrinho)	39. Prazer
12. Correr com Cachorro	40. Preparação Mental
13. Correr Fantasiado	41. Prevenção e Recuperação de Lesões
14. Corridas como promoção de outros negócios	42. <b>Produtos*</b>
15. Corridas em trilhas e montanhas	43. Profissionalização da organização dos eventos
16. Corridas para Crianças	44. Quadro de Medalhas
17. Depressão / Stress / Ansiedade	45. Relações Amorosas antes das provas
18. Descanso	46. Resistência ao Consumo e Economia
19. Exageros	47. Resultados de Competições
20. Horários/Adaptação à rotina	48. Se comparar/competir com o outro
21. Idosos	49. Segurança
22. Incentivar Pessoas	50. <b>Serviços*</b>
23. Incentivo Corporativo ou Institucional	51. Socialização e Redes Virtuais
24. Inovações	52. Sono
25. Melhor desempenho profissional	53. Superação/Dever cumprido
26. <b>Motivações*</b>	54. Valor percebido
27. Mudança de Hábitos	55. Viagens e Turismo
28. Outros Esportes	

Nota: **\*Categorias divididas em subcategorias.**

Fonte: Do autor (2016).

As categorias foram descritas em ordem alfabética. A explicação detalhada das unidades de análise das categorias será realizada nos tópicos seguintes em função de uma nova rodada de categorização realizada com base nos elementos das práticas. Entretanto, quatro categorias relacionadas no primeiro momento foram divididas em subcategorias: Produtos, serviços, aprendizado e motivações.

O processo de divisão dessas categorias foi novamente revisitado e cada item presente nas subdivisões foi reavaliado. Este procedimento foi realizado com base nas recomendações de Bardin (2011) e Vergara (2015) para análise da qualidade de categorias. Nesse sentido, se verificou mais uma vez exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade e a produtividade de cada subcategoria das quatro categorias que são detalhadas a seguir.

No Quadro 7, são apresentadas as subcategorias relacionadas às unidades de registro categorizadas como produtos. Cabe ressaltar que foram descartados das análises todos os anúncios veiculados pelas revistas. Entretanto, os produtos citados por meio de reportagens que os abordavam como tema foram considerados. Ressalta-se ainda que, foram consideradas as citações de produtos dentro de outros contextos nos quais os mesmos não eram temas centrais de reportagens.

Quadro 7 - Subcategorias da categoria Produtos.

Produtos	
a) Alimentos	b) Alimentos Saudáveis
c) Bebidas Alcoólicas	d) Chapéus/Bonés
e) Cosméticos/Maquiagem	f) Doping e Anabolizantes
g) Equipamentos p/ Hidratação	h) Filmes
i) Food/Fruit cases	j) GPS
k) Inscrições e Kits p/ Corridas	l) Livros
m) Meias de compressão	n) Óculos de Sol
o) Planilhas	p) Protetor Solar
q) Relógio	r) Remédios
s) Revistas	t) Suplementos e Repositores
u) <i>Smartphones</i>	v) Tênis
w) Vestuário	

Fonte: Do autor (2016).

O Quadro 8 apresenta as unidades de registro agregadas sob a categoria serviços. Identificou-se em contextos diretos e indiretos, a presença do consumo de serviços consumidos pelos corredores de rua.

Quadro 8 - Subcategorias da categoria Serviços.

Serviços	
a) Aplicativos	b) Assessorias / Treinadores
c) <i>Cross-fit</i>	d) Feiras e exposições
e) Fisioterapia	f) Médicos
g) Locais da prática	h) Natação
i) Musculação	j) Pilates
k) Nutricionista	l) Tatuagens
m) <i>Podcasts e play lists</i>	n) Treinamento funcional
o) <i>Spinning</i>	

Fonte: Do autor (2016).

Durante a fase de classificação das unidades informativas, foi comum encontrar nas reportagens a característica informativa de conteúdos relacionados a diversos temas que compõem o conjunto de conhecimentos relativos à corrida de rua. O conhecimento diretamente relacionado ao ato de correr e o funcionamento do corpo possuem destaque dentre outros assuntos como história de corredores e provas famosas, bem como o esclarecimento de mitos e formas adequadas de utilização de equipamentos. Agruparam-se então estas e demais subcategorias presentes no Quadro 9 sob a categoria aprendizado.

Quadro 9 - Subcategorias da categoria aprendizado.

Aprendizado	
a) Biomecânica	b) Cuidados Pessoais - Estéticos
c) Culturas locais (Viagens)	d) Doping
e) Equipamentos	f) Fisiologia
g) Hidratação	h) Histórias de provas e de corredores
i) Lesões	j) Maus hábitos
k) Mitos	l) Nutrição
m) Pesquisas científicas	n) Prevenção de doenças
o) Treinamento esportivo	

Fonte: Do autor (2016).

Em estudos sobre o comportamento do consumidor, é comum encontrarmos considerações sobre as motivações para a prática de determinadas rotinas associadas a processos de decisão de compra (LADEIRA; DALMORO,

2012; NIADA; BAPTISTA, 2013). Parte dos contextos abordados nas reportagens aborda a história de corredores e grande parte cita as motivações que levaram os corredores de rua a engajarem na prática. Descrevem-se então as subcategorias associadas às motivações (Quadro 10).

Quadro 10 - Subcategorias da categoria Motivações,

Motivações	
a) Competir	b) Emocionais / psicológicas
c) Estéticas	d) Perder peso
e) Qualidade de vida / saúde	f) Terceira idade / aposentadoria
g) Sociais	

Fonte: Do autor (2016).

As categorias resultantes da aplicação da grade aberta de análise foram descritas nesse tópico com o objetivo de ilustrar o primeiro momento de categorização das reportagens das revistas. Não foi objetivo desse tópico, explicar cada categoria elaborada, uma vez que estas serão detalhadas nas próximas sessões.

Após a realização da categorização das reportagens por meio da grade aberta, as categorias geradas foram revisitadas com o objetivo de verificação do enquadramento conceitual por meio da teoria da prática. Os procedimentos e resultados alcançados serão descritos no próximo tópico com o detalhamento das análises geradas.

### 5.1.2 Elementos das práticas como categorias de análise

A presente pesquisa apresentou em capítulo anterior o tópico referente aos elementos das práticas. Este modelo conceitual foi elaborado com base nos pressupostos da utilização das teorias das práticas em estudos de fenômenos do consumo (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001; SHOVE; PANTZAR, 2005; WARDE, 2005).

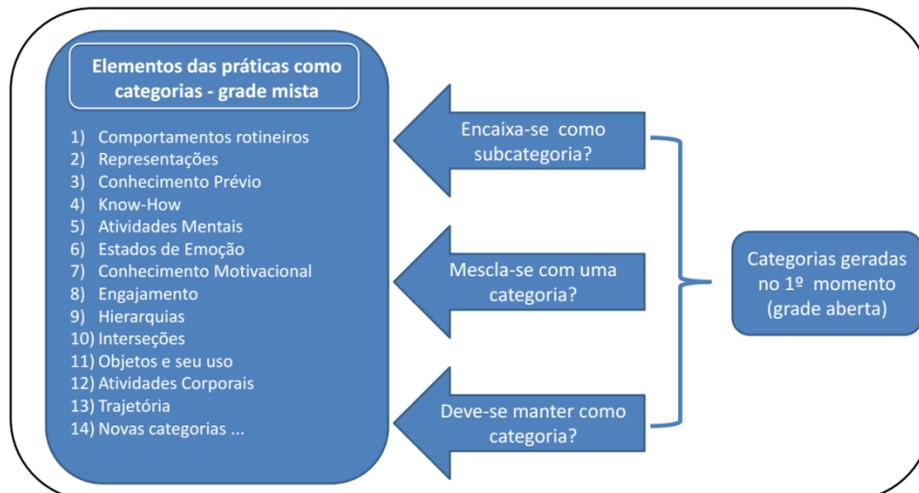
Entretanto, esforços de aproximações empíricas ainda não são numerosos e algumas propostas de aproximação foram realizadas por meio de modelos conceituais (GRAM-HANSSSEN, 2011; MAGAUDDA, 2011; MORAES et al., 2015).

Com o intuito de atender aos objetivos desta investigação, foram utilizadas como categorias preestabelecidas, os elementos das práticas descritos pela presente pesquisa. Sua aplicação se deu por meio de uma segunda visita às categorias encontradas no primeiro momento da análise de conteúdo das reportagens. Cada categoria criada foi revisitada e analisada mediante três questões norteadoras:

- a) A categoria pode ser mesclada a um dos elementos das práticas?
- b) A categoria se encaixa como uma subcategoria de um dos elementos das práticas?
- c) A categoria deve ser mantida como distinta das demais para melhor entendimento das práticas?

Nesse sentido, possibilitou-se a manutenção das categorias obtidas no primeiro momento, bem como, se necessária, a efetuação de rearranjos entre as categorias poderia acontecer durante o processo. As categorias foram incorporadas como subcategorias, quando compunham, de forma explicativa, os elementos das práticas. As categorias inicialmente propostas na grade mista de análise e a representação dos procedimentos realizados estão apresentadas na Figura 10.

Figura 10 - Procedimentos de categorização por grade mista.



Fonte: Do autor (2016).

Para responder as perguntas descritas nos procedimentos demonstrados na figura, efetuou-se a releitura das unidades de registro de cada categoria em questão, constituída no primeiro momento da análise. Essas unidades foram confrontadas com os elementos das práticas e seus conceitos descritos na revisão de literatura da presente pesquisa.

Uma nova grade de categorias foi constituída em conformidade com a abordagem da teoria da prática (Quadro 11). Os elementos das práticas formaram a base do índice que foi reestruturado pelo confronto individual das categorias anteriormente identificadas.

Inicialmente foram propostas 13 categorias relativas aos elementos das práticas. Entretanto, durante o processo de análise de conteúdo e diante da utilização do princípio da maleabilidade dos índices (BARDIN, 2011), uma categoria foi excluída da grade.

Quadro 11 - Resultado da categorização das reportagens.

Categorias e Subcategorias resultantes da grade mista de análise			
Categorias	Subcategorias	Categorias	Subcategorias
Atividades Corporais	Adaptações ao Clima	Interseção	Automedicação
	Descanso		Melhor desempenho profissional
Preparação Física e Prevenção	Namoro/Flertes		
Treinamento	Outros Esportes		
Atividades Mentais	Admirar Paisagens / Arquiteturas		Ouvir Música
	Corrida como terapia		Práticas Alimentares
	Planejamento		Práticas Familiares
	Preparação Mental		Práticas Femininas (Dif. Gênero)
Conhecimento Motivacional	Benefícios Percebidos		Recuperação de Lesões
	Causas Sociais e Ambientais		Sono
	Motivações	Viagens e Turismo	
Conhecimento, Entendimentos e Aprendizado	Valores	Know-how	Performance - Desempenho
	Biomecânica		Resultados e Participações em Competições
	Cuidados Pessoais - Estéticos	Objetos, apropriações e suas utilizações	Produtos
	Culturas Locais (Viagens)		Serviços
	Dopping		Resistência ao Consumo e Economia
	Equipamentos	Representações (Atuações)	Chamar pessoas para correr
	Fisiologia		Comemorar
	Hidratação		Exageros
	História de Provas e de Corredores		Incentivar Pessoas
	Lesões		Quadro de Medalhas
	Maus Hábitos		Redes Sociais (virtuais ou não)
	Mitos		Se comparar/competir com o outro
	Nutrição	Trajetória	Ações Promocionais das Corridas
	Pesquisas Científicas		Correr fantasiado
	Prevenção de Doenças		Corridas como promoção de outros negócios
Treinamento Esportivo	Incentivo Corporativo/Institucional		
Engajamento	Disciplina, determinação, persistência		Inovações
	Frequência em provas		Patrocínio
	Mudança de Hábitos		Práticas Amadoras
Estados de Emoção	Apoio de amigos/família/público	Profissionalização da organização dos eventos	
	Críticas e falta de entendimento	Segmentos Específicos	
	Alegria, Felicidade	Segurança	
	Superação/Dever cumprido	Valor percebido	
Hierarquias	Concorrência com outras práticas	Variáveis das provas	
	Correr com Bebê (Carrinho)		
	Correr com Cachorro		
	Horários/Adaptação à rotina	<i>Possibilidade de novas categorias...</i>	

Fonte: Do autor (2016).

O elemento “comportamentos rotineiros”, assumido inicialmente como categoria de análise, foi interpretado como uma condição da prática e de seus elementos. Nesse sentido, a rotina foi considerada como aspecto relacionado aos elementos das práticas e não como uma categoria por si. O comportamento rotineiro guiou a interpretação das unidades de análise de conteúdo para compor as demais categorias relacionadas na grade. Esse elemento foi utilizado como balizador, como uma dimensão de inclusão na qual se questionou sobre o que faz parte da rotina, direta ou indireta, de se preparar para, ou de participar em

uma prova de corrida de rua. A base dessa condição de análise está no conceito de prática de Reckwitz (2002), que trata primeiro a prática como uma forma rotineira de fazer diversas coisas.

A continuidade do processo de análise resultou na modificação de duas categorias por um processo de mescla que resultou na renomeação de dois elementos das práticas propostos inicialmente. Este processo permitiu a melhor compreensão de como os elementos das práticas foram compreendidos e delimitados como categorias de análise.

A categoria previamente estabelecida como “aprendizado” foi confrontada com os elementos das práticas e uma forte proximidade com o elemento denominado como conhecimento prévio foi identificada. O conhecimento prévio diz respeito às regras, às instruções e aos princípios e preceitos de uma pessoa. Esse elemento não aparenta ser estático, mas maleável ao longo da vida das pessoas, uma vez que as práticas são modificadas quanto as suas formas de entendimento e de reproduções. Nesse sentido, o aprendizado como categoria pareceu complementar de forma adequada o elemento apresentado.

O aprendizado como categoria englobou assuntos sobre a história de provas realizadas em diversos locais do mundo, bem como relatos de experiência de corredores famosos. Informações sobre fisiologia do corpo em exercício, treinamento esportivo, biomecânica e equipamentos foram constantemente veiculadas pelas reportagens. Outro interesse recorrente e ao mesmo tempo contraditório são as dicas sobre hidratação, suplementação e cuidados com a saúde e estética. Esses temas se contrastam com informações sobre *doping* e atletas flagrados em exames, mitos em relação a diversas questões que envolvem o desempenho de atletas profissionais e amadores e práticas relacionadas a maus hábitos em provas.

Fora do contexto mais específico da corrida, desempenho e preparação, é possível encontrar uma riqueza de informações referentes às características dos locais onde as corridas são disputadas. Informações culturais, dicas de roteiros turísticos e gastronômicos promovem o conhecimento dos praticantes da corrida sobre os lugares já frequentados ou que podem ser visitados ao se participar das competições.

O conjunto de informações presentes nas reportagens analisadas constitui, de forma direta e indireta, o conhecimento compartilhado pelos corredores de rua. Os assuntos destacados pelas unidades de análise foram agrupados em 15 subcategorias para melhor visualização e compreensão do elemento ao analisar as corridas de rua.

A categoria de análise foi renomeada para “Conhecimento, entendimentos e aprendizado”. Justifica-se a união com base em alguns pressupostos da prática. Em suas bases conceituais, as práticas são constituídas por um processo de configuração coletiva por meio de entendimentos que são apreendidos pelas pessoas em função da estrutura. Entretanto, as formas de reprodução das práticas podem ser modificadas pelos indivíduos que podem, inclusive, abandonar certas ações ou costumes (SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001). As práticas promovem aprendizados e experiências que podem, inclusive, influenciar nas atuações dos indivíduos em outras práticas (GRAM-HANSSSEN, 2011). Acredita-se, portanto que a nova categoria reflete de forma apropriada a dinâmica de aprendizado, entendimento e conhecimento para a reprodução de rotinas que constituem a prática da corrida de rua.

O processo de mescla também aconteceu com as categorias “produtos”, “serviços” e “resistência ao consumo e economia”. Essas categorias foram confrontadas com o elemento objetos e seu uso. O elemento das práticas “objetos e seu uso” está presente nos conceitos das práticas de forma a

contemplar o entendimento de como as práticas são constituídas por apropriação de objetos, por manipulações de tecnologias e, até mesmo, pela utilização de partes de corpo na execução de rotinas.

As categorias previamente constituídas nesta pesquisa como produtos, serviços e resistência ao consumo e economia demonstraram uma proximidade com o tema consumo em sua forma mais simples, baseada na troca propriamente dita. Nesse sentido, a categoria produtos concentrou todas as unidades de análise que tratavam de utensílios e implementos que de alguma forma, foram interpretados como objetos utilizados nas corridas ou na fase de preparação de treinamento. As apropriações intangíveis encontradas nas unidades de análise foram agrupadas sob a rubrica serviços.

A proximidade dessas categorias sempre esteve presente nas interpretações desde o primeiro momento. No entanto, como cada categoria apresentou um número relevante de subcategorias na primeira rodada de análise, optou-se por mantê-las em separado. Entretanto, o elemento das práticas “*objetos e seu uso*” engloba, além dos objetos, os meios de apropriação de bens e serviços (HUI, 2012; MYLAN, 2015). Nesse sentido, os serviços foram agrupados aos produtos, mas mantidos divididos por meio de subcategorias que visam proporcionar melhor entendimento desse elemento.

Em continuidade às análises, a categoria “resistência ao consumo e economia” também foi incluída como subcategoria do elemento “*objetos e seu uso*”. A proximidade com as demais subcategorias que remetem ao aspecto da troca propriamente dita, pela apropriação de objetos ou coisas intangíveis, guiou o posicionamento de uma rubrica que demonstra a resistência ao consumo e a adequação econômica, relacionadas às práticas. Apesar da carência de referências que suportem esta aproximação, indícios de que as práticas podem configurar posturas de resistência às trocas e constituir formas alternativas de consumo foram relatados (BORELLI, 2013). Nesse sentido, o elemento passou a

ser denominado como “Objetos, apropriações e suas utilizações” e por meio de suas subcategorias representou uma dimensão mais pragmática da troca incluindo a resistência ao consumo e elementos relativos à economia.

Após a realização do processo de reinterpretação das categorias conforme a aplicação da grade mista de análise, grande parte das categorias constituídas na análise das reportagens por meio da grade aberta formou conjuntos de subcategorias dos elementos das práticas. O resultado apresentado demonstrou possibilidade de utilização dos elementos das práticas como categorias de análise. A possibilidade foi constatada pela presente pesquisa pela capacidade dos elementos englobarem as demais categorias encontradas nas reportagens que retratam a prática da corrida de rua.

A grade de análise resultou em 12 categorias de análise, sendo que 10 elementos das práticas foram mantidos conforme a proposição inicial e receberam subcategorias. Dois elementos foram modificados devido à reinterpretação do conjunto de suas subcategorias com o objetivo de melhor explicar a prática da corrida de rua. Apenas um elemento foi excluído da grade e reposicionado como um critério de inclusão das unidades de análise. A rotina demonstrou se adequar como uma característica comum ao universo das práticas, presentes em todos os elementos analisados.

As categorias resultantes desta etapa serão detalhadas no próximo tópico que abordará a explicação detalhada de cada conjunto (categoria e subcategorias) por meio da descrição das unidades de análise presentes nas reportagens, grupos de foco e observações realizadas.

## **5.2 Categorização dos grupos de foco e das observações não participante**

Os dados coletados por meio dos grupos de foco e das observações não participante foram submetidos à grade mista de análise resultante da categorização das reportagens descrita no tópico anterior. A incursão no

conjunto de dados primários possibilitou nova análise das categorias, uma vez que a grade não foi considerada fechada.

A nova avaliação das categorias não teve por objetivo a confirmação ou exclusão dos índices. Entretanto, quando o conjunto de unidades de análise referente a cada rubrica foi analisado, as subcategorias poderiam ser repensadas. Esse procedimento teve por objetivo a melhor compreensão dos elementos das práticas como categorias de análise. Segundo Bardin (2011), a resistência a mudanças de índices não deve estar presente na perspectiva qualitativa da análise de conteúdo. Diversas releituras dos materiais analisados são recomendadas pela autora e um constante questionamento sobre a evidência contrária aos resultados encontrados deve guiar todo o processo de análise.

As categorias não foram modificadas durante os processos de análise, entretanto algumas subcategorias foram adicionadas à grade de análise, mediante a relevância de algumas unidades de análise para o entendimento das práticas relacionadas à corrida de rua.

Na categoria engajamento, a subcategoria persistência foi acrescida por aspectos relativos à disciplina e determinação e passou a ser denominada “Disciplina, determinação e persistência”. Os aspectos relacionados à frequência da participação em provas de corridas de rua foram anexados como nova subcategoria da rubrica. Essas ações visaram complementar o entendimento do elemento engajamento dentro do contexto analisado.

Enquadrar as unidades de análise relativas ao engajamento na preparação e na participação em uma única subcategoria não se adequava de forma pertinente ao critério de homogeneidade dos índices (BARDIN, 2011).

A categoria “Estados emocionais” continha, dentre outras, a subcategoria “Apoio de amigos/família/público”. Esse conjunto de categoria e subcategorias apresentou-se insuficiente para abarcar um estado emocional relatado nos grupos de foco. Por mais de uma vez, foi compartilhado dentre os

corredores de rua entrevistados um estado emocional relativo à sensação de incompreensão e crítica em razão do olhar de outras pessoas que não compartilhavam das mesmas rotinas de sua prática. Diante das unidades de registro analisadas, optou-se por acrescentar uma nova subcategoria denominada “Críticas e falta de entendimento” à categoria “estados emocionais”.

Novamente se obedeceu ao critério de pertinência (BARDIN, 2011). A nova subcategoria posiciona unidades de análise que apresentaram oposição à subcategoria “Apoio de amigos/família/público.

A subcategoria “Combate ao estresse, depressão...” presente na categoria “Atividades Mentais” foi renomeada para “Corrida como terapia”. A categoria *know-how* passou a ser denominada como “Experiências adquiridas (*know-how*)” Esses ajustes semânticos foram realizados para atender a pertinência da categoria ao conteúdo das unidades de análise nela representadas.

O processo de categorização dos grupos de foco e observação não participante não resultou em grandes modificações da grade de análise. Entretanto, as recomendações pertinentes a técnicas de análise de conteúdo foram respeitadas durante todo o processo de análise.

As análises já descritas retrataram o processo de categorização em sua forma estrutural. Para fins de melhor descrição das categorias, os conteúdos e significados presentes nas unidades de registro serão tratados no próximo tópico.

### **5.3 Descrição e análise das categorias**

Foi buscado por esta pesquisa, no primeiro momento, um processo de categorização que verificasse como a prática das corridas de rua é retratada por veículos de comunicação especializados. Em um segundo momento, buscou-se confrontar os resultados da primeira categorização com os elementos das práticas propostos como categorias principais de análise dos dados coletados. Neste sentido, foi realizada uma segunda categorização dos dados acessados por

meio das reportagens selecionadas e a grade resultante deste processo foi utilizada nos dados coletados por meio dos grupos de foco e observações.

O percurso metodológico procurou valorizar a triangulação de métodos de coleta de dados, bem como a variação das fontes de dados coletados. Entretanto, as unidades de registro foram analisadas durante todo o processo com o objetivo de constituir rubricas que auxiliem na compreensão do consumo dos corredores de rua pela abordagem da teoria da prática.

As aproximações entre os pressupostos teóricos da prática e o objeto de análise foram realizadas por meio da utilização dos elementos das práticas como categorias passíveis de abarcar as rubricas inicialmente constituídas pela análise de conteúdo. O conjunto de significados presentes nos dados resultou na configuração final das categorias que são descritas a seguir.

### **5.3.1 Conhecimento, entendimentos e aprendizados**

A categoria conhecimento, entendimentos e aprendizados e suas subcategorias é representada no quadro abaixo. As subcategorias foram dispostas por proximidade e representam o conjunto de entendimentos que se constituem sobre uma determinada prática. Entretanto, os entendimentos sobre uma prática possuem uma dinâmica que se completa pelo aprendizado em outras práticas e pelo conhecimento adquirido ao longo da vida (GRAM-HANSEN, 2011; SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001).

A categoria engloba as regras, as instruções e os preceitos sobre determinada prática. Entretanto, a dinâmica da prática promove o aprendizado constante de aspectos relacionados aos preceitos e formato atual de uma prática.

Essa categoria aproxima-se do modelo teórico de análise de três camadas proposto por Crivits e Paredis (2013) que consideram a prática como um conjunto de rotinas entre três dimensões: Estrutura material, estrutura social e agência.

Percebem-se nas subcategorias, elementos que compõem a estrutura material da prática como os equipamentos, a alimentação e o funcionamento do próprio corpo. Já a estrutura social é apreendida por meio de história das provas e de corredores, por mitos e pesquisas científicas. A agência aparece por meio do aprendizado voltado para aspectos do treinamento, da prevenção, de cuidados e maus hábitos.

Quadro 12 - Subcategorias para conhecimento, entendimentos e aprendizados.

<b>Conhecimento, entendimentos e aprendizados</b>	
Biomecânica	Lesões
Fisiologia	Pesquisas Científicas
Treinamento Esportivo	
Equipamentos	Prevenção de Doenças
Hidratação	Cuidados Pessoais - Estéticos
Nutrição	
	Doping
Culturas Locais (Viagens)	Maus Hábitos
História de Provas e de Corredores	Mitos

Fonte: Do autor (2016).

Os corredores aprendem noções sobre a fisiologia do corpo e como os conceitos do treinamento esportivo podem contribuir para melhora de seu rendimento.

O treino é a base da evolução no esporte. Se você quiser melhorar seu tempo, seja nos 10, 21 ou 42 km, é fundamental investir em todo tipo de trabalho: os longos, os treinos de velocidade progressiva e os intervalados. Essa diversidade é importante para estimular as diferentes variáveis que melhoram a performance. Assim, o corredor consegue aumentar seu VO2 máximo, melhorar sua economia de corrida (sua eficiência em determinado ritmo, gastando menos energia) e seu limiar de lactato (ponto em que o ácido láctico passa a se acumular no organismo de maneira mais intensa), otimizando as respostas fisiológicas ao longo dos treinos e provas (RUNNER'S WORLD, 18 nov. 2015).

Aplicações de conhecimentos sobre biomecânica são comuns entre os assuntos compartilhados, como tipos de pisada, postura ideal de corrida e tipos de terrenos e impacto causado nas articulações.

Os treinos educativos ensinam o seu corpo a correr de forma correta. Saiba em quais exercícios investir. Você aposta em exercícios educativos? Como o próprio nome sugere, eles ensinam o seu corpo a correr com postura adequada e equilíbrio, melhorando as capacidades físicas e motoras do seu corpo (REVISTA O2, abr. 2015).

A utilização de equipamentos como tênis apropriados para terrenos e distâncias variadas, bermudas e meias de compressão que proporcionam a melhora de questões fisiológicas, referentes à circulação e musculatura também constituem a relação de tópicos de aprendizado.

O Tênis é o carro chefe, mas no começo você compra qualquer um e depois você já começa a pesquisar para comprar [pausa], [todos concordam] e conversa com pessoal. Outros produtos, assim eu já tô olhando um protetor solar [pausa], qual protetor tenho que usar eu não sei direito, mas eu já tenho que procurar. Com o passar do tempo você acaba descobrindo um calçado específico. Tem um tênis para distância curta outro só para a longa (GRUPO DE FOCO MR3).

Percebe-se que o aprendizado adquirido pelos corredores exerce influência sobre processos de compra. O conhecimento aparece no relato anterior, por duas vezes, qualificando diferentes classes de produtos. Os equipamentos utilizados na corrida e cosméticos como o protetor solar específico. O aprendizado parece promover um processo de refino de informações.

Quando eu comecei a correr eu tentei três tênis até acertar (GRUPO DE FOCO MR2).

As fontes de informação dos corredores podem variar. Dentre as fontes informais, podem ser citados os diálogos com companheiros de treinamento e conhecidos e as ações de seguir pessoas em redes sociais virtuais. Entretanto, informações mais especializadas e confiáveis são frequentemente encontradas por meio da divulgação de resultados de pesquisas científicas em revistas especializadas.

Um estudo dinamarquês recente, divulgado em uma importante publicação científica – o Jornal do Colégio Americano de Cardiologia – concluiu que correr de forma leve ou moderada pode proteger sua saúde, diminuindo o risco de mortalidade [...].

[...] O estudo, que tinha como um dos objetivos alertar para o risco de “altas doses” de corrida, caiu como uma bomba na comunidade científica, colocando em cheque a prescrição de atividades extenuantes (RUNNER’S WORLD, 28 nov. 2015).

As informações costumam ser acessadas por meio de diferentes fontes. Entretanto, a checagem das informações junto aos profissionais ou corredores mais experientes são elementos presentes nas unidades de registro.

Eu li um livro. Sigo perfil de corredor. Assino revista também. Aprendo muito sobre prevenir lesões. Dicas de provas (GRUPO DE FOCO MR1).

Eu assinei a revista, mas não agrega muito... Agora nós pegamos muitas dicas com os colegas, de tênis, como respirar, postura (GRUPO DE FOCO CP2).

Eu aprendo nas redes sociais, mas eu costumo conferir com meu professor. Internet aceita qualquer informação! Não sei se o que está “lá” é certo (GRUPO DE FOCO TM).

A hidratação e nutrição incorporam os temas presentes na categoria. Além das formas tradicionais de alimentos e líquidos, discute-se sobre

suplementação, repositores eletrolíticos e formas diferenciadas de transporte e consumo destes produtos.

A alimentação muda muito também. Você não pensa muito, mas vai mudando aos poucos. Como eu comecei a correr para me encaixar no emagrecimento, você pensa no que pode comer para se preparar para o próximo treino. Tem muita coisa que você passa a comer. Tem muita gente que levantava e não comia nada, agora o pessoal tem comer para poder treinar. Antes eu melhorava só para perda de peso, mas agora eu tenho que comer pra correr. Depois que Você muda o hábito, quando você chuta o balde, você passa a semana inteira sentindo o que você chutou (GRUPO DE FOCO CP1).

Maus hábitos ou ações que não são aceitos pela maioria das pessoas que compartilham as rotinas das corridas compõem os aspectos de entendimento da estrutura dessa prática. Dentre elas destaca-se o *doping*, por ser um hábito questionável pela maioria, mas que envolve conhecimento para sua utilização.

Para a gente que vibra com cada conquista (literalmente) suada na corrida, fica difícil entender o que leva um atleta a usar substâncias ilícitas para turbinar a *performance*. Mas a lógica do *doping* é relativamente simples. Para atletas de elite, é questão de (muito) dinheiro, fama e poder (RUNNER'S WORLD, 10 nov. 2015).

Outros maus hábitos foram destacados pelas revistas e pelos grupos, como a trapaça ou atitudes abusivas de homens em relação às corredoras. Dentre elas, destacam-se as cantadas e relatos de situações desconfortáveis como grupos de corredores que correm propositalmente atrás de mulheres para observar seus corpos. Percebe-se que algumas configurações das rotinas são alteradas e que o entendimento sobre a trajetória da prática também se modifica.

Você pode achar que estou de mimimi, exagerando ou até delirando, mas, sim, ter de ouvir “fiu-fiu”, “que pernã” ou “ô lá em casa” só porque você está de shorts curtos é de lascar. Quando a moda das corridas exclusivas para

mulheres começou, lembro de ter ficado indignada. Achei absurdo separar homens e mulheres, ainda mais em um esporte tão democrático – sem falar na overdose de cor-de-rosa e cosméticos de brinde. Até que uma amiga retrucou que, para ela, as provas tinham sido libertadoras [...] (RUNNER'S WORLD, 07 mar. 2016).

Apesar da manifestação da resistência presente no relato da corredora, posteriormente é narrada à compreensão e o contraponto que justifica a alteração de uma rotina da organização de provas de corridas de rua. O relato permite classificar a coocorrência com a categoria trajetória. A história das corridas não contempla a participação das mulheres em seus primórdios. A inclusão feminina foi massificada em um passado recente e percebem-se nos segmentos atuais a presença de corridas exclusivas para mulheres.

Questões de gênero também se fazem presentes na categoria interseções das práticas, e apesar de controversas, produtos destinados a corredoras também são relatados com frequência e maior variedade.

A categoria conhecimento, entendimentos e aprendizado aparenta remeter a parte do processo de evolução dos corredores e da própria prática. Relaciona-se a outros elementos, como já descrito, e quando aproximada da ação do sujeito, destaca as formas de entendimento e de compreensão de mundo que cada indivíduo transporta.

Procurar evoluir deveria ser a máxima não só no esporte, mas em todas as esferas da nossa vida. Mas, para progredir, temos que entender nossa condição inicial e, principalmente, saber identificar os principais pontos a serem trabalhados. Na corrida, procure passar por uma avaliação e manter um diálogo franco com seu treinador. E, assim, construa com ele uma rotina saudável, motivadora e eficiente (RUNNER'S WORLD, 18 nov. 2015).

Parte do conhecimento que o indivíduo transporta não se relaciona ao aprendizado formal, mas se posiciona por um aspecto tácito do aprendizado, a experiência que se acumula ao longo da vida. O entendimento da condição

inicial apresentado na reportagem acima aproxima a categoria descrita neste tópico com o elemento “Experiências adquiridas (*know-how*)”.

### **5.3.2 Experiências adquiridas (*know-how*)**

O *know-how* ou experiência adquirida pelo indivíduo é caracterizado por meio de vivências que somadas, colaboram para a execução de certas atividades. O conjunto de práticas que uma pessoa desenvolve é capaz de gerar um corpo de conhecimento não transmitido, embora relevante para a compreensão da constituição de uma prática. Essa prática pode ser específica ou pertencer a um conjunto de práticas que se relaciona por aspectos comuns.

A forma com a qual uma pessoa lida com tecnologia parece afetar diferentes práticas que tem por característica comum a presença deste conjunto de conhecimento necessário para a sua execução (GRAM-HANSSSEN, 2011). Indivíduos que apresentam diferentes conjuntos de experiências com maior envolvimento com as tecnologias formam as experiências adquiridas, ou seja, o *know-how* relativo a essas questões.

A corrida de rua, por ser uma prática corporal, compreende um conjunto de experiências relativas à cultura do corpo em movimento que nem sempre é aprendida e compreendida de forma explícita.

Esse conhecimento, apreendido por meio das vivências similares às características necessárias para uma dada rotina ou ato performático, está relacionado à categoria “Experiências adquiridas (*know-how*)” apresentada no Quadro 13. O acúmulo de *know-how* pode se dar por meio da experiência adquirida em participações em competições e por meio de *performances* relativas à preparação para participação em eventos e a própria participação em si.

Quadro 13 - Subcategorias para experiências adquiridas (*know-how*).

<b>Experiências adquiridas (<i>know-how</i>)</b>
<i>Performances</i> (em preparações e em competições)
Experiência e participações em eventos

Fonte: Do autor (2016).

Esse elemento apresenta-se como uma categoria associada às experiências implícitas dos corredores de rua. A presença ou ausência deste conjunto de saberes influencia o desempenho e a atuação do corredor de rua na prática. Entretanto, seu aprendizado não se dá de outra forma que não seja pela vivência.

Mas talvez a reação adversa mais preocupante seja a síndrome da alta *performance*. Acontece quando o amador está tão inebriado com as quantidades a mais de esporte que se considera um atleta profissional, mesmo que tenha começado a treinar há poucos meses como *hobby* e mesmo sem ter o preparo e o potencial para um dia chegar a um grupo de elite. Nessa fase, é comum ignorar os sinais que o corpo dá, como dores, lesões recorrentes, cansaço permanente, imunidade sempre baixa e queda no rendimento (REVISTA CONTRA RELÓGIO, 26 jun. 2015).

Aspectos relacionados ao desempenho fisiológico e motor e o conhecimento do próprio corpo que são aprendidos somente com a experiência. Geralmente as reportagens exemplificam capacidades e habilidades utilizando a imagem de corredores de destaque no cenário esportivo.

É verdade que a imensa maioria dos corredores não foi abençoada com os músculos rápidos ou o dom nato do relâmpago *Usain Bolt*. Mas algumas das características que você admira na elite – autoconfiança, concentração e comprometimento – estão dentro de você. Só é preciso acessá-las. As estratégias mentais a seguir são baseadas em estudos clássicos com atletas de ponta e nas mais recentes descobertas científicas em psicologia da *performance*. Estas dicas vão ensiná-lo a pensar, sentir e agir como um

campeão, para que você consiga atingir todo seu potencial na corrida (RUNNER'S WORLD, 15 fev. 2016).

O *know-how* relaciona-se ao saber como fazer uma determinada tarefa com o menor dispêndio de energia. Essa categoria trata de questões intrínsecas ao rendimento. Rotinas que são implementadas na preparação dos corredores. Entretanto, o resultado parece não ser facilmente percebido.

Essa já seria uma razão suficiente para você querer incluir os movimentos em sua rotina de treinamento... Afinal, ter uma melhor técnica da corrida é essencial para que você corra melhor e vá mais longe. Mas, se você ainda não está convencido de que esse tipo de exercício é importante para o seu rendimento, saiba que ele melhora a qualidade da corrida e a técnica de execução dos movimentos, promovendo um menor desgaste muscular e cardiovascular. Ou seja, você terá grande economia de energia enquanto corre (REVISTA O2, abr. 2015).

Então precisava resolver o problema no tornozelo para correr a maratona. Decidi procurar um acupunturista, já que os tratamentos tradicionais continuavam em curso e a melhora era singela. Já nas primeiras sessões senti que melhorava. Fui treinando aos pouquinhos e bem devagar. Não consegui fazer nenhum treino longo, mas confiei nas minhas 26 meias [meias-maratonas] já realizadas (CONTRA RELÓGIO, jul. 2015).

As experiências adquiridas podem contribuir para percepções mais apuradas ao se relacionar consumo e desempenho. À medida que se vivencia a prática, a posse de objetos simbólicos no contexto das corridas de rua parece receber novos significados.

Relógio [pausa], esses relógios são caros demais; às vezes o tênis também. Mas tem gente que é elite e corre com tênis doado, tênis rasgado. Tem gente que chega cheio de meia de compressão, cheio de equipamento [pausa] não rendeu nada! [todos do grupo acenam a cabeça em sinal de concordância] (GRUPO DE FOCO CP1).

A categoria de análise “Experiências adquiridas (*know-how*)” pode ser relacionada à categoria “Representações”. As representações trazem como subcategoria a rotina “Se comparar/competir com o outro” que apresenta coocorrências relevantes ao se analisar o *know-how*.

Igual o T [corredor de destaque do grupo] ele é um fiozinho, parece que não pesa nada. Eu sou muito pesado. Parece que ele não sofre [todos concordam]. Você vê a pessoa passar correndo, parece que é tão fácil, mas é difícil eu não conseguir fazer ainda 5 km (GRUPO DE FOCO MR2).

Durante a observação não participante das corridas, pode-se compreender que o consumo de grande parte dos produtos e serviços não é proporcional ao desempenho nas competições. Muitos corredores amadores que se aproximam dos melhores resultados de uma competição correm com relógios simples, diferentes de alguns “computadores de bordo” que corredores de rua costumam conhecer.

Se, em qualquer um dos casos, você ficar olhando obsessivamente para o pulso, vai se estressar. “É melhor sintonizar com o seu ‘GPS interno’ primeiro e principalmente”, diz Jenny. “Quando você leva em conta sua percepção de esforço, dá o melhor de si naquele dia” (RUNNER’S WORLD, 25 nov. 2015).

O tempo de prática parece proporcionar aos corredores a experiência prática, ou seja, a vivência sobre o que funciona ou não para melhorar o desempenho de sua corrida e a eficiência de seu treinamento. Assemelha-se a um processo de autoconhecimento. O consumo aparenta ficar mais seletivo, dentre os praticantes que adquirem maiores experiências e *know-how*.

### **5.3.3 Atividades mentais**

As práticas são atividades rotineiras que não podem ser separadas das compreensões de seus executantes. Por mais instrumental que seja uma prática,

não se separam as atividades mentais de seu praticante no momento de seu desempenho. No mesmo sentido, uma atividade essencialmente mental, como o hábito de estudar, não acontece de forma separada das rotinas corporais do momento de estudo. (MORING; LLOYD, 2013). Os autores ressaltam ainda que as atividades mentais complementam o processo de significação das experiências cotidianas. As atividades mentais foram subdivididas em subcategorias conforme são apresentadas no Quadro 14.

Quadro 14 - Subcategorias para atividades mentais.

<b>Atividades mentais</b>
Admirar Paisagens / Arquiteturas
Corrida como terapia
Planejamento
Preparação Mental

Fonte: Do autor (2016).

Os corredores de rua manifestaram frequentemente a busca por novos cenários para sua prática. Destacaram ainda que, as corridas de rua disputadas sempre nos mesmos locais passam a ficar enfadonhas. Essa rubrica aproxima-se de outras, uma vez que corredores buscam diferentes locais para disputarem suas provas. As viagens possuem associação significativa com essa subcategoria. Corredores que não podem exercer essa prática com frequência, optam por variar percursos em suas rotinas de treino. Em geral, optam pela variação durante o treino de sábado, que costuma ser chamado de “*longão*” por ser de distância maior do que os praticados durante a semana. Todavia, as viagens estão presentes nos objetivos de grande parte dos corredores de rua que associam essa prática à admiração das arquiteturas e paisagens.

[...] A minha foi a do Rio no final de semana passada. O visual é incrível [...] (GRUPO DE FOCO MR1).

As viagens movimentam parte relevante das informações compartilhadas entre os corredores e veiculadas pelas revistas. Outro termo que compõe a rotina dos corredores é o “*review*”, uma espécie de guia com dicas sobre a corrida e opções turísticas que o corredor pode experimentar em uma corrida. Além das dicas sobre as provas, encontram-se descrições da paisagem, recomendações de restaurantes e locais de hospedagem, análise da história local e características arquitetônicas e culturais do destino.

O percurso é outra atração. Praticamente todo plano, com avenidas bem largas (o que evita qualquer tumulto, desde os primeiros quilômetros) e alguns dos pontos turísticos da capital argentina, como Obelisco, Casa Rosada, Plaza de Mayo, Teatro Colón, Estádio La Bombonera (Boca Juniors), Puerto Madero e Reserva Ecológica, entre outros. Apenas a região do porto, entre os km 30 e 35, acaba destoando. A área da chegada, com muitos jardins, serve como confraternização, com os argentinos ficando horas após o término da maratona, conversando, descansando, fazendo piquenique, tomando cerveja, mate ou com a família (REVISTA O2, fev. 2015).

A rotina de correr por locais abertos e longe das tradicionais academias foi associada a um aspecto interessante das atividades mentais da corrida de rua. Essa prática parece contribuir para o combate a problemas relacionados à mente como depressão, estresse, ansiedade, dentre outros. A corrida parece proporcionar uma atividade de higienização da mente, um processo terapêutico narrado por diversos praticantes em grupos variados.

Eu estava com depressão e consegui com a corrida sair dos remédios. Quem tem pré-disposição a ter problema de depressão. [rubor facial]. Eu descobri na corrida que dá para sair dos remédios (MR2).

Pra mim tem um efeito que não sei se tem para os outros [pausa] é que eu comecei a correr por causa da depressão então a corrida é o remédio... Eu já tomei vários tipos de remédio e nenhum tem o efeito que a corrida tem. É pra mim também [concordando]. E o meu é imediato, o dia que

eu venho eu sou outra pessoa e é a corrida! Não é a bicicleta, não é a musculação é os hormônios, eu não sei o que acontece! (GRUPO DE FOCO ST).

Durante as análises, um processo mental que esteve fortemente presente nas rotinas dos corredores foi o planejamento. Essa característica parece estar presente na rotina das pessoas engajadas na prática da corrida de rua. O que parece mudar é a quantidade de detalhes planejados, entretanto essa rotina parece fazer parte de outros elementos da corrida.

Eu acabei de chegar da maratona do Rio na semana passada, eu me inscrevi no começo do ano aí desde janeiro que eu venho treinando aí foi à parte de suplementação e alimentação com nutricionista, toda a parte de treino eu tive que mudar. Tentei bem fechar para conseguir planejar e fechei com a agência de turismo para fechar hospedagem avião e tudo mais... ai foi tudo programadinho (GRUPO DE FOCO MR1).

Durante o processo de observação, notou-se que as pessoas que parecem persistir na prática incorporam algumas características do planejamento a outras rotinas. É possível perceber que alguns praticantes de corrida possuem o dia programado para que a atividade se encaixe na rotina. Alguns corredores de rua narraram detalhes desse planejamento em atividades diferentes das voltadas para a corrida de rua.

Ah, eu lavo roupa no sábado por causa do “longão” de hoje eu tive que lavar na sexta-feira, quando eu tenho que treinar mais cedo no sábado eu lavo roupa na sexta-feira a noite (GRUPO DE FOCO MA).

Eu levo, eu preparo um dia antes. Tem o que seu nutricionista te passa, mas tem o que você olha e pensa assim: “olha a tentação!” Mais comum, é levar a marmita. Na empresa em que eu trabalho, ela deu de presente, assim, uma marmitinha (GRUPO DE FOCO TM).

A preparação mental parece estar presente nos momentos em que se traçam desafios que são considerados difíceis. Esse elemento também é relatado de forma associada a períodos de recuperação de lesão, nos quais a pessoa não pode treinar.

[...] ai meu Deus! Eu nunca corri mais de 10 km! Ele [marido]: “- não... mas você vai fazer a de dezembro, porque se for para você fazer a meia [meia-maratona], esta tem que ser a primeira, porque Brasília é a mais fácil.” Assim, eu tô preparando o psicológico [risos] para isto (GRUPO DE FOCO TM).

O conteúdo encontrado nas revistas apresenta dicas e práticas de preparação mental. A presença de estratégias de preparação mental parece estar relacionada à busca da superação e ao combate a sinais físicos percebidos durante uma prova.

O que fazer: ter pensamentos positivos e criar rotinas emocionais para os momentos de pré, durante e pós-treino, simulando a prova. Extremamente importante é o corredor mostrar para o seu corpo que quem esta no comando no momento da prova é a mente [...]. Com isso, possíveis desconfortos musculares poderão ficar esquecidos neste processo de negociação entre corpo e mente (CONTRA RELÓGIO, jul. 2015).

Nesse sentido, o consumo pode estar direcionado para aspectos relacionados a serviços especializados, voltados para atividades de auxílio a questões emocionais e psicológicas da prática da corrida de rua. A contratação de serviços de psicólogos e psiquiatras foi pouco citada em detrimento de aulas de yoga e outras atividades associadas à preparação mental.

Diversos relatos abordaram o abandono da utilização de medicamentos para o combate da ansiedade e depressão. Indicações de profissionais para que pacientes procurassem a prática da corrida de rua também estiveram relacionadas às categorias dessa rubrica.

A corrida de rua como prática parece despertar estados emocionais positivos em seus adeptos. Por meio da observação participante realizada nos parques foi percebido que, quando a frequência era mantida em horários regulares, as mesmas pessoas costumavam passar pelo observador ao longo dos dias. Atitudes cordiais não foram raras, dentre as quais, cumprimentos na forma gestual ou verbal aconteciam com certa frequência. Algumas pessoas são conhecidas por grupos que treinam regularmente nos locais observados.

Vocês já viram aquele casal de velhinhos que passa por aqui toda manhã? Ele de sunga e ela de biquíni? Imagina se acontece na minha cidade natal, lá no interior! [risos do grupo] [todos afirmaram conhecer o casal] (GRUPO DE FOCO ST1).

Corredores descreveram o ambiente da corrida de rua como aconchegante. Essa descrição parece refletir um dos estados emocionais que a prática da atividade proporciona para grande parte de seus praticantes.

Os estados emocionais vivenciados pelos corredores de rua serão descritos no próximo tópico. Eles são diferentes das atividades mentais descritas uma vez que essas atividades são processos imateriais com objetivos definidos.

#### **5.3.4 Estados emocionais**

Os estados emocionais podem ser caracterizados em um primeiro momento como situações ou variações emocionais relativas ao indivíduo. Entretanto, segundo Reckwitz (2002), cada prática contém certa especificidade e emotividade característica. O que se deseja e o que se sente, em uma rotina, pertencem à prática e não ao praticante. Esses estados emocionais da prática são registrados na forma de conhecimento do indivíduo quando ele experimenta a prática e suas variações. Os estados emocionais presentes nas rotinas da corrida de rua estão subdivididos conforme se demonstra no Quadro 15.

Quadro 15 - Subcategorias para estados emocionais

<b>Estados emocionais</b>
Apoio de amigos / família / público
Críticas e falta de entendimento
Alegria, felicidade
Superação / dever cumprido

Fonte: Do autor (2016).

A prática da corrida de rua desperta estados emocionais em sua maioria positivos. Entretanto, existe uma situação controversa quanto aos sentimentos de apoio e compreensão que são as críticas e falta de entendimento por parte de pessoas que não estão inseridas na prática. Essas situações de apoio ou crítica acontecem por parte de não praticantes da corrida em relação aos corredores. É possível encontrar esses sentimentos de apoio e suporte ou crítica e falta de entendimento à prática da corrida em relatos dos corredores.

Aliás, estava tão bem nos primeiros 10 km, planos, que achei que iria bater meu recorde de 3h10 nesta prova. Ledo engano. Foi só começar o 11º km que o quadro começou a mudar. Pernas para que te quero! Subida e mais subida, intermináveis, com poucos e curtos trechos planos onde uma multidão de gregos se concentrava para recepcionar os corredores ao grito de "bravo!", aplausos sem parar, sorrisos, palavras incompreensíveis que deviam ser motivadoras, mães, pais, e muita, mas muita criança com as mãozinhas posicionadas para que os atletas nelas batessem [...] (CONTRA RELÓGIO, fev. 2015).

Eu sofro bastante crítica dos meus amigos, eles são todos solteiros, então eles falam: “-Vamos sair, não sei o que...” Ai eu falo: - mano eu tenho um “longão” e vou fazer 25 km. Eles falam assim: “-Você é louco!” Tem gente que fala: “-O quê!” Pior que todo sábado tem “longão”! [...] (GRUPO DE FOCO TM).

As situações antagônicas refletem os estados emocionais dos corredores que optam por rotinas diferenciadas e práticas incomuns aos não praticantes da corrida. Despertam admiração e estranhamento. Esse elemento pode estar

associado a posturas diferentes em relação a espectadores da prática da corrida de rua. As corridas costumam atrair um público de não corredores que costuma incentivar os participantes e valorizar suas conquistas. No mesmo sentido, muitos corredores que terminam a prova, costumam ficar na linha de chegada para incentivar os colegas mais lentos.

Outras características dos estados emocionais parecem contribuir para o melhor entendimento desse elemento das corridas de rua.

A emoção de cruzar a linha de chegada foi tanta que GVN [corredora] nem lembra direito o que aconteceu: "Eu não sabia se abraçava o Mk [personagem do parque temático onde foi realizada a corrida] ou se cruzava a linha de chegada". Como os campeões têm como premiação o direito do retorno no ano seguinte, com todas as despesas pagas, a brasileira, que comanda uma assessoria esportiva, promete voltar o ano que vem para defender o título e com uma novidade: uma tatuagem do Mk [personagem] (CONTRA RELÓGIO, fev. 2015).

A alegria e a felicidade de completar uma prova, superar um limite, vencer um desafio foi um tipo de estado emocional citado em diversos momentos e observado em grande parte das corridas. Esse elemento parece contrabalançar a ausência de entendimento dos não corredores presente em algumas relações sociais dos corredores.

Algumas pessoas não entendem, não compreendem, porque às vezes você sai domingo 5 horas da madrugada para correr e volta 12 horas. Você já saiu, correu e a outra pessoa está acordando. Aí você já está chegando naquela agitação (GRUPO DE FOCO MR1).

Algumas pessoas parecem compensar dificuldades vivenciadas em outras situações com os estados emocionais proporcionados pela corrida. O relato abaixo descreve o trecho final da história de um corredor de 60 anos que disputou sua primeira maratona após passar por dificuldades pessoais ao cuidar da esposa que tinha sucessivos ataques convulsivos.

Por tudo isso que passou, a corrida com certeza não poderia deixar de ter um significado especial para sua vida e é difícil não lembrar do que aconteceu quando bate aquele cansaço da maratona, no km 32, quando parece que as forças acabaram. "É aí que começo a pensar na esposa, nos filhos e hoje nos netos. Não há nada que me derrube. Em todas as provas que corri a M [esposa] estava lá presente. Jamais vou fazer uma maratona sem a companhia dela porque o abraço que recebo ao final me diz que tudo isso valeu muito a pena" (REVISTA CONTRA RELÓGIO, mar. 2015).

Os estados emocionais que remetem ao dever cumprido e superação complementam a relação descrita nesse tópico. A associação da superação de limites e dificuldades nas corridas de rua parece estar relacionada a questões pessoais como descritas na reportagem anterior. O conhecimento motivacional associado a corridas de rua parece estar associado a benefícios percebidos pelos corredores, bem como a causas que são consideradas nobres.

Entretanto o aprendizado proporcionado pelos estados emocionais vivenciados parece extrapolar a prática e agregar em outras rotinas dos indivíduos. Associações entre a superação vivenciada nas corridas e percepções positivas em relação a outras esferas foram abordadas como o melhor desempenho profissional, a melhora na vida amorosa e a melhor disposição para tratar questões familiares, como cuidar dos filhos.

Os estados emocionais nem sempre estão associados às primeiras motivações que levaram os corredores a iniciarem a prática. Essas motivações são descritas no próximo tópico.

### **5.3.5 Conhecimento motivacional**

O comportamento de consumo de um indivíduo compreendido pela abordagem da prática apropriada de um conjunto de elementos que extrapolam as estratificações sociodemográficas, as diferenças de atitudes e as motivações como componentes isolados (WARDE, 2005). O elemento que compreende o conhecimento motivacional (QUADRO 16) das práticas demonstra um rico

potencial de explicação dos momentos de consumo. Quando associados às hierarquias das práticas que estruturam a agenda de ações dos indivíduos ao longo dos dias, semanas ou até mesmo em frequências mais espaçadas. O conhecimento motivacional pode explicar o grau de envolvimento das pessoas em cada ação desenvolvida em blocos temporais de rotinas.

Quadro 16 - Subcategorias para conhecimento motivacional.

<b>Conhecimento motivacional</b>
Benefícios Percebidos
Causas sociais e ambientais
Motivações
Valores

Fonte: Do autor (2016).

Os benefícios percebidos pelos praticantes da corrida de rua são amplamente citados nos grupos de foco e relatados nas reportagens das revistas. Alguns já foram relatados em coocorrência com outras categorias de análise, como o término da utilização de medicamentos, o apoio de amigos e parentes, a alegria de conquistar um objetivo ou da superação de limites e expectativas.

Mais que citar todos os benefícios percebidos pelos corredores é importante compreender como esses benefícios são posicionados na compreensão da prática. Os benefícios fisiológicos da prática de exercícios são conhecidos e citados por grande parte da população, entretanto, o seu conhecimento, parece não influenciar na aderência das pessoas a um estilo de vida saudável.

Os benefícios da corrida parecem óbvios para quem já criou uma rotina: nós nos sentimos mais saudáveis, mais bem humorados, com mais pique para tudo. Mas esse começo em que o fôlego falta e o prazer com a corrida está nascendo é capaz de fazer com que alguns iniciantes desistam do esporte. E você pode ajudar, mesmo que ainda se considere um principiante. Ao fazer companhia, dar apoio e até

algumas dicas, você aumenta as chances de um novo corredor continuar firme e forte – e ainda enriquece a relação entre vocês. Saiba como ajudar quem está dando os primeiros passos na corrida (RUNNER'S WORLD, 14 mar. 2016).

Alguns benefícios foram citados de forma direta como o fortalecimento dos ossos e articulações, pelo aumento da produção de vitamina D; a melhoria do humor, pela maior produção de serotonina; aumento do bem estar e relaxamento; a melhoria da qualidade do sono; o combate de doenças, como a insônia, a obesidade e as dislipidemias.

Entretanto, a maior ênfase atribuída aos benefícios percebidos pelos corredores entrevistados pareceu estar associada à capacidade de enfrentar as adversidades e atribuições do cotidiano. Seja no trabalho, nas rotinas domésticas ou nos relacionamentos com outras pessoas, como no cuidar dos filhos. Os corredores de rua relataram diferenças no ritmo e na disposição para realização de tarefas diversas como efeito imediato e diário da prática.

A disposição de vir para cá muda, antes eu acordava as nove agora eu acordo as sete. Eu chego “em casa” sem nem me trocar eu já vou lavando a louça, passo o pano na casa e tipo assim, coisa que eu demoraria duas horas para fazer a gente faz “rapidão” e no pique [todos concordam] (GRUPO DE FOCO GBT).

Muda os hábitos e muda o dia “né”, porque o dia que “a gente” vem parece que “a gente” fica mais disposta o dia inteiro. O dia que não venho, “pra mim”, eu já sinto que está faltando alguma coisa. Eu não venho para o treino e o dia muda (GRUPO DE FOCO SRT 2).

As causas de cunhos sociais ou ambientais merecem destaque dentre as subcategorias analisadas. As ações sociais relacionaram causas variadas, como campanhas beneficentes e de arrecadações para tratamento de doenças, sejam para beneficiar pessoas ou organizações.

Foi possível observar que grandes eventos são marcados pela utilização de algumas dessas campanhas para sua promoção. Bem como, ações de menor escala, acabam por conseguir mobilizar quantidades razoáveis de corredores que ao se inscrever nas grandes provas ou nas pequenas, auxiliam no cumprimento dos objetivos das campanhas.

Ao descobrir que sua mãe foi diagnosticada com Alzheimer, doença causada pela morte de células cerebrais e ainda é incurável, o corredor carioca KB resolveu criar o desafio “Correndo contra o Alzheimer”, lançado nesse mês. O desafio também vai levantar fundos para a ABRAZ (Associação Brasileira de Alzheimer), instituto que ministra atendimentos às famílias que possuem algum portador da doença. Quer contribuir? Então basta escolher o quilômetro dos 800 km e seguir a metodologia de que cada km será multiplicado por 2, ou seja, o km 1 vale 2 reais o km 2 vale 4 reais e assim até o final (RUNNER’S WORLD, 06 jan. 2016).

Se a Maratona de Londres, mesmo hoje consolidada e no rol das grandes e mais desejadas competições do mundo, ainda é eclipsada em carisma e público por Nova York e Boston, o mesmo não pode ser dito quanto a sua importância na angariação de fundos. E, nesse ponto, é indiscutível que não há corrida no mundo que se aproxima da londrina. Segundo a organização, até 2014, o evento levantou mais de 53 milhões de libras para caridade. Talvez seja essa uma das características mais marcantes da maratona inglesa. A Maratona de Londres é recordista mundial no Guinness como o maior evento de arrecadação de fundos no mundo (CONTRA RELÓGIO, abr. 2015).

As motivações citadas pelos corredores foram acessadas por meio da pergunta: o que te levou a praticar a corrida de rua? As respostas compreenderam a seguinte relação: Vontade de competir, motivações sociais, motivações estéticas, motivações emocionais e psicológicas, entrar para a terceira idade e se aposentar, buscar qualidade de vida e saúde e a simplicidade da prática.

As corridas de rua evoluíram conforme a variação dos componentes de sua trajetória, porém a essência de sua prática é simples, conforme relataram os seus praticantes.

[...] pode ser realizada em qualquer lugar, basta colocar um tênis e sair para correr (GRUPOS DE FOCO CP2, TM, MR1, MR2).

A fase de vida relativa à aposentadoria foi relatada como uma motivação por alguns corredores que acrescentaram considerações sobre as práticas das corridas preencherem o vazio social da aposentadoria. Outro aspecto destacado em relação à aposentadoria foi a dificuldade de administrar a atividade física na rotina atribulada pelo período anterior à aposentadoria. Alguns entrevistados parecem conseguir inserir a prática da corrida de rua somente após as rotinas inerentes ao trabalho não figurarem na hierarquia das práticas em seu cotidiano.

A organização das rotinas aparenta estar associada a questões motivacionais, conforme defendeu Warde (2005) ao argumentar sobre a importância do conhecimento motivacional da prática explicar a configuração das rotinas das pessoas.

Os valores constituíram uma subcategoria que reuniu algumas unidades de registro que puderam ser agrupadas em algumas rubricas, a saber: hedonismo, benevolência, universalismo, realização, liberdade e estimulação.

O aspecto hedônico das corridas de rua está presente em algumas categorias de análise em grande parte relacionado aos valores estimulação e realização. O valor estimulação compreende a busca do novo e do desafio e parece estar ligado de forma próxima à conquista ou superação. Nesse sentido, destaca-se um conjunto de valores que conduzem a situações hedônicas. Quanto ao cumprimento de metas estabelecidas no planejamento dos corredores, o valor realização integra esse conjunto.

Quão é difícil começar e continuar [pausa]. Agora no final de uma prova, você fica motivado para a próxima. Um amigo acaba incentivando o outro e ajuda a superar. (GRUPO DE FOCO MR2).

O valor universalismo traduz um sentimento de pertencimento por parte dos corredores. Algumas reportagens e relatos costumam destacar os corredores de rua como um estilo de vida ou como uma tribo.

O valor benevolência parece estar associado ao valor universalismo. A benevolência apareceu como um valor de destaque, tendo por base diversas citações da característica destacada pelos corredores como solidariedade.

Agora uma coisa que eu fiquei impressionada na corrida é que todo mundo se apoia, tem gente que abaixa o ritmo e vai junto incentivando. As pessoas que correm na trilha costumam ser até mais solidárias que no asfalto. Já desisti de prova para ajudar pessoas! Na trilha você vê mais (GRUPO DE FOCO MR2).

O valor liberdade foi encontrado em narrativas relacionadas ao momento da corrida e também foi destaque em relação ao vestuário. Os corredores de rua descreveram o sentimento de liberdade em relação a poder escolher roupas que não os deixam constrangidos. No mesmo sentido, declarações sobre executar outras rotinas com vestuário mais despojado foram narradas.

Os valores destacados nessa categoria formam um paradoxo com aspectos relacionados à categoria de análise “representações” por meio da subcategoria se comparar/competir com o outro. Muitos corredores de rua competem com os demais em aspectos relacionados ao desempenho e *performance*, posse de produtos e experiências vivenciadas como viagens ou conquistas de distâncias.

### 5.3.6 Engajamento

O engajamento em uma prática diz respeito a quanto um indivíduo está envolvido com os demais elementos que a constitui. Nas corridas de rua, o engajamento foi subdividido em três subcategorias (Quadro 17).

Quadro 17 - Subcategorias para engajamento.

<b>Engajamento</b>
Disciplina, determinação, persistência
Frequência em provas
Mudança de Hábitos

Fonte: Do autor (2016).

A subcategoria disciplina, determinação e persistência demonstra o quanto um indivíduo se dedica às rotinas que compõem o universo da preparação para participação em uma prova de corrida de rua.

Quando se começa é muito difícil porque no primeiro mês você fica muito cansado, tem algumas dores, mas depois você se acostuma. O treinamento ajuda a conviver com a dor [...] (GRUPO DE FOCO MR1).

No começo tem que calejar, mas a dor pode ser uma questão psicológica. Mas quebrar a barreira dos 5 [cinco quilômetros], acho que é a mais difícil. Mas a dor da “canelite” [dor característica de corredores, localizada na parte frontal da perna] eu insisti e não consegui. É, tem dor que passa, mas tem dor que vai um dia, dois, três aí você tem que olhar (GRUPO DE FOCO MR2).

O engajamento parece estar presente nas rotinas de corredores independentemente de sua experiência ou do nível dos objetivos almejados. Entretanto, a fase inicial da prática parece exigir maior atenção nas adaptações que o esporte exige. Dentre eles, destacaram-se os aspectos relacionados à dor e a possíveis lesões.

Alguns presumem que a única maneira de se tornar um corredor melhor é aumentando a quilometragem. Mas a verdade é que corredores precisam, de uma forma bem equilibrada, trabalhar a musculatura exigida no esporte fazendo outras atividades. E devem cuidar do fortalecimento para reduzir o risco de lesões e melhorar o desempenho, lição que geralmente se aprende ao se sofrer as consequências [...] (REVISTA CONTRA RELÓGIO, out. 2015).

Percebe-se que a dedicação dos corredores é proporcionalmente aumentada, à medida que novos planos vão sendo traçados. A complexidade da prática parece aumentar, fato que pode refletir em outros elementos da prática e, por conseguinte, podem modificar os momentos de consumo.

Lá em casa, nos dias de treino, minha filha levanta mais cedo. Então já falo: amanhã é dia de levantar mais cedo, senão eu chego atrasada no treino. A disciplina melhora muito (GRUPO DE FOCO GBT).

O relato acima demonstra como o engajamento da mãe reflete na rotina da filha. As rotinas podem sofrer alguma influência pela variação do engajamento dos corredores de rua. No mesmo sentido, o engajamento parece estar relacionado com o aprendizado.

O treino é a base da evolução no esporte. Se você quiser melhorar seu tempo, seja nos 10, 21 ou 42 km, é fundamental investir em todo tipo de trabalho: os longos, os treinos de velocidade progressiva e os intervalados. Essa diversidade é importante para estimular as diferentes variáveis que melhoram a *performance*. Assim, o corredor consegue aumentar seu VO2 máximo, melhorar sua economia de corrida (sua eficiência em determinado ritmo, gastando menos energia) e seu limiar de lactato (ponto em que o ácido láctico passa a se acumular no organismo de maneira mais intensa), otimizando as respostas fisiológicas ao longo dos treinos e provas. Procurar evoluir deveria ser a máxima não só no esporte, mas em todas as esferas da nossa vida [...] (RUNNER'S WORLD, 18 nov. 2015).

O trecho destacado acima foi mantido em sua totalidade, para demonstrar como o conteúdo analisado permite identificar a complexidade da prática. Percebe-se que uma conjunção de elementos é apontada como necessária, para que haja evolução e melhora de desempenho. Foram destacados elementos relacionados ao treinamento e preparação física, aspectos relativos à fisiologia do exercício e ao treinamento esportivo. E ainda, relacionou-se a busca por evolução a aspectos cotidianos da vida.

Além da disciplina diária, a frequência de participação em provas de rua também pode caracterizar o engajamento. Cabe ressaltar que não foi percebida uma relação direta entre o número de provas disputadas e o nível de engajamento. Mas a quantidade de participações em eventos não deixa de refletir uma parte do que se compreendeu por engajamento dos corredores de rua.

Todo final de semana [risos do grupo]. A minha frequência é financeira [risos do grupo], isso, agora ficou muito mais caro! Então a gente seleciona, escolhe uma boa [pausa].

- É! [outro entrevistado interrompe concordando] “Vê” a do mês, qual é a melhor. Eu vejo mesmo, pelo local da prova e estrutura, porque assim a maioria das provas acontece no mesmo lugar, aí eu vejo “um outro” percurso [pausa] É, um outro percurso é interessante porque senão fica tudo igual, uma banana, uma maçã e um isotônico [gargalhadas do grupo] (GRUPO DE FOCO CP2).

Percebe-se que a questão financeira atua como limitante para a participação de eventos. E que a busca pelo novo aparece como um contraponto à monotonia e parece exercer mudanças na percepção do valor investido.

Eu corro aqui em Brasília e corro fora. Esse ano eu corri Florianópolis, corri em gramado [pausa]. Que eu saí só para correr mesmo [pausa], eu vou para *Punta Del Leste* e, em janeiro [2017], eu vou para D [maratona em parque temático dos EUA], vou correr na chapada também e vou correr na volta do lago [pausa], mais ou menos duas por mês. Agora na chapada é uma ultra [ultramaratona] são 80 km, então, “é

mais ou menos” umas duas por ano. Agora na volta do lago eu vou correr uns trinta e poucos [distância] (GRUPO DE FOCO MR1).

É possível notar características de exagero nos relatos que remetem a participação em eventos. Foi comum encontrar esclarecimentos a respeito dos exageros de alguns corredores nas reportagens analisadas. Entretanto, o consumo gerado pela participação de eventos por meio das viagens, taxas de inscrição e demais atividades de turismo podem limitar a participação de pessoas. Parte dos entrevistados relatou que, na ausência da limitação financeira, participariam em mais eventos do que o habitual.

Os exageros de participação em competições e outras rotinas parecem constituir um elemento da trajetória das corridas de rua e serão descritos como parte da trajetória das práticas.

O engajamento pode ser compreendido por uma força que mantém ou direciona hábitos. O direcionamento de hábitos em uma prática parece provocar mudança de hábitos relativos a outras práticas. O engajamento pode configurar mudança na organização das rotinas, na forma de compreender algumas questões. Por conseguinte, o engajamento está relacionado ao consumo e à economia por meio do abandono de rotinas ou da mudança do conjunto de práticas que um indivíduo incorpora.

Quando você entra nesse negócio de corrida, você muda sua vida, muda seu guarda-roupa, você não come nada, você esquece sua turma, você só tem camisa colorida, e seus sapatos são “só” tênis [Risos]. Você só fala em *pace*<sup>1</sup>. [Gargalhadas] [Todos concordam] (GRUPO DE FOCO CP2).

Tudo começou quando M. A. viu uma foto sua, em 2010. A barriga saliente o deixou alarmado: era hora de mudar de

---

<sup>1</sup> Pace é a expressão relativa ao ritmo de corrida, pode ser expressa em minuto/quilômetro ou quilômetro/hora

hábitos. Três anos antes, ele, que sempre praticara esportes, havia relaxado totalmente a rotina devido ao nascimento da filha, S., hoje com 8 anos. Como viajava muito a trabalho, o administrador de empresas escolheu a corrida como sua nova atividade física. E o esporte não só o livrou da barriga como levou M. a desafios inimagináveis [...] (RUNNER'S WORLD, 07 mar. 2016).

As mudanças de hábitos parecem contribuir com outras atividades desenvolvidas pelos corredores de rua. Foi percebida nos relatos, a presença da superação de dificuldades em esferas diferentes das rotinas das corridas.

Hoje eu sou outra pessoa comparando aquela pessoa de dez anos atrás, hoje eu sou outra pessoa! Você fica mais esperta [pausa] [todas concordam]. Para acompanhar os filhos eles chegam nervosos, estressados e eu consigo me controlar mais [risos]. Antes eu ficava estressada junto [ansiedade]. Tudo é mamãe! E eu não consigo mais ficar estressada com eles (GRUPO DE FOCO MA).

As mudanças de hábitos parecem acontecer, mediante a negociações entre as rotinas, uma espécie de jogo de forças entre os engajamentos como elementos de práticas distintas.

Bebe menos, você, na hora de sair com os amigos, “daí” vai o cara e pede uma cerveja, “daí” eu vou tomar um suco. Então muda porque você pensa assim: “Se eu beber, vai cair meu ritmo amanhã”. “Então”, assim, diminui muito! Mas não é uma coisa “assim”, que me dói! Assim [pausa]. Porque se você toma um copinho de cerveja, você já está satisfeita. Porque é muito desafio pessoal, a corrida “né”. E aí, quando você vê que “de um” final de semana que você tem um “longão” e que você melhora um pouquinho, é muito motivador! Então quando você sai, “que” toma um copo de cerveja, eu já estou “super” satisfeita! “Assim”, feliz [pausa] eu não me importo em abdicar de um. “Assim”, dormir tarde! Às vezes eu tenho no domingo a corrida de manhã e às vezes eu abro mão de sair no sábado. Você começa a dedicar e a pesar outras coisas “assim” (GRUPO DE FOCO TM).

É possível perceber o excesso de expressões que demonstram uma espécie de desconforto no relato. No mesmo sentido, a negociação aparece em grande parte do relato. Esse conflito parece estar relacionado ao apoio ou às críticas descritos como subcategorias do elemento “estados de emoção”.

Já fiz muitas loucuras quando o assunto é esporte, principalmente quando voava e precisava conciliar os treinos com o trabalho. Uma vez eu tinha um treino de 30 km na planilha, mas ia voar para a França. Saí para correr em Paris à meia-noite do horário local. Corri no escuro e sozinha! (RUNNER'S WORLD, 03 dez. 2015).

As rotinas são constituídas por uma organização do cotidiano. Essas rotinas parecem ser organizadas por uma hierarquia entre o conjunto de práticas de cada indivíduo. O engajamento, descrito nessa categoria, parece balizar o ordenamento dinâmico das práticas, pois ele parece variar conforme o conjunto de práticas que desempenhamos em um espaço de tempo.

O engajamento na prática da corrida de rua parece estar fortemente associado à forma como estabelecemos hierarquias entre a corrida e outras práticas do cotidiano. Essa associação pode contemplar a compreensão de quanto os demais elementos das práticas associam-se a momentos de consumo.

As análises da hierarquia como categoria relacionada à corrida de rua são descritas no próximo tópico.

### **5.3.7 Hierarquias**

As hierarquias das práticas compreendem processos de ordenamento de atividades desempenhadas por um indivíduo. O indivíduo visto como um portador de práticas (RECKWITZ, 2002), parece optar por um conjunto limitado de práticas em esquemas temporais. Este conjunto nem sempre é ordenado de maneira estática ou linear (WARDE, 2005). As práticas aparentam constituir um jogo de forças que podem se opor, no caso de hierarquias, ou se complementar nas interseções das práticas.

As hierarquias foram divididas por Warde (2005) entre as práticas e dentro das práticas. Algumas habilidades aparentam ser reconhecidas dentre as pessoas que compartilham de uma mesma prática (TOFT-NIELSEN; STINNE GUNDER STRØM, 2015). Algumas diferenças entre as habilidades dos praticantes da corrida de rua parecem se adequar à classificação dentro da prática. Os corredores de rua observados e entrevistados relataram e demonstraram certos tipos de barreiras, representadas pela capacidade percorrer algumas distâncias simbólicas.

Nesse sentido, as provas ou a distância de cinco quilômetros apareceram como um símbolo, uma espécie de ritual de iniciação dos corredores. Grande parte dos iniciantes apresentou por meta, correr sem caminhar todo o percurso de uma prova de “5 km”. A distância mais frequente que sucedeu a conquista dos cinco quilômetros foi a de 10 que poderia caracterizar os corredores com certa experiência por serem capazes de vencer a distância dos cinco.

O próximo nível que parece elevar o engajamento das pessoas à prática da corrida de rua é cumprir uma meia maratona que consiste na distância de 21 quilômetros. Esse nível pode ser considerado intermediário para quem consegue cumpri-lo e ainda almeja a maratona como maior desafio.

A prova da maratona (42.195 metros) é a mais tradicional das corridas de rua. Essa distância costuma ser o maior desafio para grande parte dos corredores. Cabe relatar sobre a classe dos ultramaratonistas que correm distâncias superiores a da maratona.

Observou-se que alguns símbolos que representam essas conquistas são utilizados nas rotinas de treino dos corredores. Camisas, bonés e acessórios que identificam algumas provas consideradas difíceis são facilmente identificados entre os praticantes dessa modalidade.

Entretanto, a experiência dentre os corredores parece ser um elemento de admiração e respeito. Como já descrito, a benevolência parece estar presente em grande parte das relações entre os corredores experientes e os inexperientes.

Esses elementos levaram à criação de uma nova subcategoria denominada “Hierarquias dentro da prática”. Corroborada pelas descrições de Warde (2005) que considera as diferenças de hierarquias internas e entre outras práticas.

As subcategorias presentes nas hierarquias da prática corrida de rua estão apresentadas no quadro abaixo. As hierarquias analisadas na prática da corrida de rua foram organizadas conforme destaques observados nas rotinas dos corredores de rua e narrados durante os grupos de foco.

Quadro 18 - Subcategorias para hierarquias

<b>Hierarquias</b>
Concorrência com outras práticas
Horários/Adaptação à rotina
Hierarquias dentro da prática

Fonte: Do autor (2016).

As hierarquias entre a corrida de rua e outras práticas concorrentes foram observadas durante as rotinas de preparação dos corredores. Pessoas foram observadas correndo com carrinhos de bebês, com animais de estimação em coleiras e com crianças que andavam de patins ou bicicleta. Essas unidades de registro foram agrupadas na subcategoria “Concorrência com outras práticas”.

Essas práticas pareceram concorrer com o que se compreendeu necessário para desempenhar a corrida de rua. Foi possível verificar, inclusive, incidentes envolvendo as crianças e os pets e outros corredores durante as observações.

Em algumas narrativas dos corredores colhidas nos grupos de foco, as práticas relacionadas aos pets e à rotina de crianças demonstraram relação de disputa com as rotinas da corrida de rua.

Com relação à rotina, sim [pausa]. Eu tenho três filhos e tá difícil conciliar a rotina. É difícil por causa da casa [pausa], por conta de conciliar (GRUPO DE FOCO MR1).

A minha atividade é a terceira porque eu levanto, levo meu cachorro para passear, e venho correr. Porque eu costuro, então, gosto de ir comprar as coisas. Eu tenho uma amiga que costura comigo, então, ela me chama e eu falo que vou, mas só depois do treino (GRUPO DE FOCO CP1).

Percebe-se a noção do jogo de forças quando uma classificação de atividades rotineiras é apresentada pelos corredores de rua. Existe uma tendência de posicionar o horário da prática da corrida de rua como primeira atividade do dia. Entretanto, parte dos entrevistados classificou a corrida, por sua importância, como a atividade que vem após as obrigações do trabalho e das rotinas familiares.

Faço meus treinos pela manhã, vou trabalhar, acompanho as crianças nas tarefas da escola e depois tem a segunda parte de treinos. À noite ligo a TV para ver o que está passando ou assistir (RUNNER'S WORLD, 10 fev. 2016).

A prática da corrida de rua parece concorrer com situações específicas de outras práticas como a alimentação em ocasiões especiais e, como já descrito nas categorias anteriores, a diversão em encontros sociais geralmente realizados à noite por grupos de amigos ou familiares.

[...] mas agora eu começo a postar no *facebook*, aí “cai a ficha” deles. É que no início eles não aceitam que você troque aquela balada x que você sempre gostou e que agora você está abrindo mão porque você tem treino no dia seguinte. Tipo assim sábado, a gente treina todo sábado, então a gente perdeu a balada de sexta-feira. “Assim” na

viagem, “assim”, o pessoal não entende muito que você não pode comer qualquer coisa, então eles falam: “poxa, mas você vai viajar para ficar regrado”! (GRUPO DE FOCO MR3).

O conteúdo de muitas reportagens destacou questões hierárquicas da rotina e relações de gênero. Entretanto, ao serem confrontadas nos grupos de foco, inclusive em grupos exclusivamente femininos, as mulheres demonstraram pouca concordância com as diferenças de gênero dificultarem o enquadramento da corrida em suas rotinas. Grande parte das dificuldades narradas em relação a essa questão foi relacionada à maternidade e não ao gênero.

Nesse sentido as diferenças de gênero foram incluídas em conjunto com outras subcategorias às interseções das práticas, descritas no próximo tópico. Apesar da proximidade entre hierarquias e interseções de práticas, os dados da presente pesquisa pareceram refletir as diferenças tênues entre estes elementos.

As hierarquias apresentadas atenderam ao critério de concorrência com a prática principal analisada. Já as interseções que serão apresentadas no próximo tópico, demonstraram pontos comuns, elementos de ligação com as corridas de rua.

### **5.3.8 Interseções**

As interseções das práticas se apoiam no conceito do indivíduo como portador de práticas (RECKWITZ, 2002). Algumas práticas presentes nas rotinas dos corredores de rua aparentam colaborar com peculiaridades presentes na prática da corrida de rua. As rubricas dessa categoria, presentes no quadro abaixo, representam o mapa da interseção da corrida de rua em relação a outras práticas.

Quadro 19 - Subcategorias das interseções.

<b>Interseções</b>	
Desempenho profissional	Práticas familiares
Namoro / flertes	Práticas femininas (Diferenças de gênero)
Outros esportes	Recuperação de lesões
Ouvir música	Sono
Práticas alimentares	Viagens e turismo

Fonte: Do autor (2016).

As corridas de rua foram relacionadas a elementos presentes em outras práticas que constituem as rotinas de seus praticantes. Nesse sentido, algumas das subcategorias apresentadas neste tópico não contemplam a totalidade dos elementos que podem envolver a prática citada.

As associações positivas entre as práticas guiaram a inclusão dessas rubricas no grupo das interseções relacionadas à corrida de rua. No entanto, as práticas alimentares e as práticas familiares demonstram certa dualidade e poderiam ser classificadas como pertencentes às interseções ou às hierarquias. As interpretações do conjunto das unidades de registro de cada rubrica foram conduzidas em função dos contextos. Nesse sentido, cabe registrar que a interseção desses elementos com outras práticas não acontece em sua totalidade. Porém, parte da prática da corrida de rua é constituída por interações positivas das práticas alimentares e das práticas familiares.

As interseções parecem demonstrar uma influência mútua entre as práticas relacionadas. As corridas de rua parecem ser influenciadas pelos elementos das práticas apresentadas no Quadro 19. Não obstante, as práticas parecem receber contribuições de elementos presentes na prática da corrida em uma relação dinâmica e instável, porém aparentemente perenes.

O quarto mesociclo é para manutenção e descanso. Você pode investir em outras atividades para manter o condicionamento e descansar da rotina de treinos, mas, em casos de cansaço extremo, recomenda-se o repouso total. O foco na meta a ser alcançada é muito importante e, às vezes,

para se atingir um objetivo, temos que abandonar alguns hábitos, mesmo que temporariamente [...] (RUNNER'S WORLD, 06 dez. 2015).

Eu não fazia não, mas hoje eu faço musculação. Eu já fiz pilates e sentia diferença muito boa. Isso é bom para evitar lesão. Eu achava que quem ia só correr era só correr e agora eu fui compreendendo que é necessário (GRUPO DE FOCO CP1).

Como já mencionado, o engajamento parece exercer influência como balizador dessas relações.

A corrida me ajudou na falta de ar que eu tinha. Eu morava em fortaleza e sofri muito com a seca. Lá tem o contra de ter que levantar às 5h. As provas lá começam às 6h. É uma disciplina muito grande [pausa], o triátlon tem que ter muito força de vontade porque quem treina em Fortaleza sai às 4h30min [horário de início dos treinos] (GRUPO DE FOCO MR2).

O desempenho profissional foi destacado como subcategoria das interseções pelo estreito compartilhamento de elementos das corridas serem narrados com associações nas rotinas de trabalho.

Outra conexão encontrada com as corridas de rua foi com os namoros e flertes que foram relatados nas reportagens e observados nos eventos. Alguns eventos e rotinas das corridas de rua parecem concorrer e, até mesmo, substituir hábitos semelhantes aos desempenhados nas “baladas” presentes nas rotinas sociais dessa prática.

A associação da corrida de rua com outros esportes foi encontrada de forma mais próxima ao triátlon quando os entrevistados narraram que praticavam a corrida para ajudar em outras práticas esportivas. Entretanto, uma grande relação de modalidades de práticas de exercícios é incorporada nas rotinas dos praticantes da corrida de rua. A relação dessas práticas será descrita na forma de serviços contratados pelos corredores de rua em sessão subsequente.

O hábito de ouvir música foi relatado pelos corredores de rua e reportagens que relataram a existência na internet de listas de músicas específicas para a prática da corrida em diferentes níveis de treinamento. Essas listas também costumam ser distribuídas por meio de aplicativos de celulares. Durante as observações nos parques, foi possível verificar que grande parte das pessoas utiliza algum tipo de dispositivo de reprodução de música.

No conteúdo analisado das revistas, verificou-se que boa parte de assuntos relacionados à corrida de rua remetem a práticas adequadas de nutrição. Nas entrevistas em grupo, os corredores relataram mudanças nas práticas alimentares. A relação de influência mútua parece ser relevante nas rotinas dos praticantes que relataram que maus hábitos alimentares podem “jogar fora” os investimentos despendidos na prática da corrida de rua.

As práticas familiares aparecem relacionadas às corridas de rua unidades de registro que destacam o apoio de familiares aos corredores. Em algumas entrevistas e reportagens, foi percebido que alguns familiares acabam aderindo à prática. Em outras situações, familiares atuam como apoiadores e até mesmo patrocinadores.

Rotinas familiares como as viagens de férias, costumam ser modificadas para contemplar o lazer da família e uma prova considerada especial pelo corredor de rua. Nesse sentido, percebe-se que o universo do lazer associado ao turismo passa a receber influência marcante da corrida de rua promovendo conjunções dessas práticas.

As rotinas foram apresentadas em relatos destacados na presente pesquisa, como um hábito que é modificado e melhorado. Os corredores de rua procuram dormir mais cedo, quando engajados em programações que os levam a treinar nas manhãs dos finais de semana. Entretanto, os corredores relataram percepções positivas da qualidade do sono.

Cabe ressaltar que o que determinou a inclusão dessas subcategorias foram os questionamentos sobre as rubricas constituírem práticas independentes das corridas de rua. Diante da positividade dessas considerações a subcategoria foi associada como elemento de interseção das corridas de rua.

Após a realização dessas análises, a subcategoria automedicação foi excluída da relação inicialmente proposta para a relação das interseções. As unidades de registro agrupadas sob essa rubrica foram reavaliadas e reconsiderou-se a automedicação como um mau hábito e não como uma prática em interseção com as corridas de rua.

A subcategoria, recuperação de lesões, também foi reanalisada, sob o questionamento dessa prática ser provocada pelas corridas de rua e não existir como uma rotina em si. Entretanto, coube considerar que elementos que remetem a recuperações de estados saudáveis podem compor práticas independentes dos elementos encontrados nas corridas de rua.

A busca pela qualidade de vida e pela saúde foi relatada como motivação que levou pessoas a procurarem a corrida de rua como meio de praticar exercícios. Entretanto, grande parte das unidades de registro da subcategoria, remete a lesões ocasionadas durante a prática da corrida de rua. Esse elemento aparece associado a ações preventivas que são destacadas nos serviços consumidos pelos corredores de rua.

Grande parte das análises apresentadas nessa categoria encontra-se ilustrada em narrativas anteriores e posteriores destacadas pela presente pesquisa. As interseções das práticas aparentam ser encontradas por meio dos elementos das práticas que foram assumidos como categorias de análise.

### **5.3.9 Atividades corporais**

A corrida de rua como campo empírico possui a particularidade de ser uma prática essencialmente corporal. Outra característica é a essência

minimalista de sua prática destacada anteriormente pela subcategoria simplicidade da prática.

As atividades corporais identificada nos dados utilizados nesta pesquisa estão apresentadas no Quadro 20. As subcategorias constituídas demonstraram quatro conjuntos relativos à corrida de rua.

Quadro 20 - Subcategorias para atividades corporais.

<b>Atividades corporais</b>
Adaptações ao Clima
Descanso
Preparação Física e Prevenção
Treinamento

Fonte: Do autor (2016).

Parte das rotinas corporais da corrida de rua está associada às adaptações climáticas. Foi constatada a preferência, por grande parte dos corredores de rua, por desenvolver a prática ao ar livre, o que condiciona ao corpo, constantes estados de adaptação às condições climáticas da prática. Cabe ressaltar que as características climáticas de alguns locais podem ser consideradas como atrativos de certas provas. Nesse sentido, as alternativas para a preparação em relação ao clima se reduzem ao treinamento em condições similares buscando-se assim, as adaptações do corpo para a prática.

É natural! É o momento de festas e confraternizações e, além disso, o tempo dos extremos das estações; nos trópicos o verão escaldante, do outro lado do mundo o inverno inclemente (CONTRA RELÓGIO, fev. 2015).

O descanso compreende uma atividade corporal associada a qualquer prática esportiva. As adaptações fisiológicas provocadas pelo esporte que geram os benefícios físicos e o aumento da *performance* acontecem durante os períodos de descanso. Entretanto, essa atividade é cercada de tabus nem sempre é bem executada na prática da corrida de rua.

Para muitos corredores, a fase de polimento gera bastante ansiedade. É como se, ao reduzirmos o volume, pudéssemos perder todo o condicionamento conquistado em meses. “Mas correr menos é crucial para os músculos se recuperarem, para o corpo reestocar energia e para a mente descansar da fase de treinos intensos”, diz Jim McGehee, treinador e fisiologista do exercício norte-americano (RUNNER’S WORLD, 13 jan. 2016).

Associadas ao descanso ideal, às práticas de preparação física e de prevenção de lesões também foram demonstradas pelos dados da presente pesquisa. Destaca-se dentre estas rubricas a proximidade da prática da corrida de rua com especificidades de rotinas de atletas profissionais.

Uma musculatura forte estabiliza e protege as articulações de tornozelos, joelhos e quadris, tão exigidos na corrida. - Até exercícios para os pés, como os conhecidos elásticos, pegar a toalhinha com os dedos e correr um pouco na areia podem trazer benefícios, protegendo essas extremidades de lesões. - *Core* e abdome fortes geram boa postura, boa mecânica de corrida e conseqüentemente uma economia de energia, e isso também é um ponto a favor da corrida [...] (CONTRA RELÓGIO, mar. 2015).

Esses aspectos de preparação física e prevenção de lesões funcionam como uma espécie de “treinamento” para se realizar o “treinamento” propriamente dito para a corrida. Como o desempenho necessário para se conseguir concluir algumas provas é extenuante, o engajamento nessa prática aproxima-a das rotinas de atletas por exigir características relativas à dedicação e envolvimento.

Assim, para uma pessoa participar de uma maratona, considero que precisa já ter um bom tempo de treinamento, um lastro de corrida. E pelo menos umas 5 ou 6 meias-maratonas no currículo. Feito isso, o tempo de preparação de 4 meses, ou 16 semanas, funciona muito bem, porque dá para fazer um bom planejamento para a prova, uma boa base. Sobre as distâncias dos longos, quatro treinos de 25 km, dois de 30 km e apenas um de 35 km, este muito importante (CONTRA RELÓGIO, ago. 2015).

As observações realizadas nas provas de rua puderam gerar dados interessantes sobre a participação de pessoas não preparadas em eventos competitivos. Esses dados foram confirmados pelas reportagens e estão associados a um componente da trajetória das provas de rua. Muitos eventos disputados pelos corredores de rua constituem um calendário com predominância das distâncias de 5 e 10 quilômetros.

As distâncias e seu componente simbólico foram abordados na sessão relativa às hierarquias e estão associados a esta categoria de forma mais próxima à preparação e treinamento para atuação em um evento.

O treinamento é a principal rotina da prática da corrida de rua. Nesse sentido, todos os elementos descritos na presente pesquisa caracterizam o treinamento como categoria de coocorrência. O treinamento contempla desde as motivações para a prática da corrida de rua até o desempenho final conseguido por meio da atuação do praticante em uma prova.

A maior parte das rotinas dos corredores de rua acontece na forma de preparação para atuação nas competições. Nesse sentido, as atuações e representações realizadas pelos praticantes das corridas de rua não podem ser reduzidas na disputa ou na tentativa de vencer o percurso nas competições.

#### **5.3.10 Representações (atuações)**

As práticas possuem entre suas características elementos que não são compreendidos fora de sua totalidade, deslocados da conexão que existe entre seus significados. Entretanto, para que uma atividade possa ser compreendida como uma prática, algumas condições parecem preceder outras. A característica rotineira das práticas foi apresentada pela presente pesquisa como condicionante de interpretação. Contudo, as práticas também possuem nas representações, atos performáticos essenciais para sua constituição (HALKIER; KATZ-GERRO; MARTENS, 2011; MORING; LLOYD, 2013).

As ações performáticas foram traduzidas pela presente pesquisa como representações que caracterizam o praticante como um ator, um representante de seus próprios entendimentos sobre a prática. Esses entendimentos envolvem a compreensão da trajetória da prática e as modificações que a ação humana vai exercendo na história da constituição de uma rotina. As representações das práticas, assim como os outros elementos, devem ser analisadas com base nos *affordances* analíticos das práticas (HALKIER; JENSEN, 2011).

Nesse sentido as subdivisões das representações estão demonstradas no Quadro 21. Percebem-se que aspectos relevantes dessa categoria contemplam a ação humana, presente nas representações, e a estrutura do entendimento comum da prática. A estrutura aparece em uma espécie de prestação de contas ao coletivo de pessoas que compartilham a prática da corrida. A rotina de “se comparar/competir com o outro” e, ao mesmo tempo, de se mostrar por meio das possibilidades contemporâneas, como as redes sociais, é um elemento fortemente presente nesta categoria de análise.

Quadro 21 - Subcategorias para representações (atuações).

<b>Representações (atuações)</b>	
Chamar pessoas para correr	Quadro de medalhas
Comemorar	Redes sociais (virtuais ou não)
Exageros	Se comparar/competir com o outro
Incentivar Pessoas	

Fonte: Do autor (2016).

A atuação dos corredores de rua consiste em uma espécie de responsabilidade representativa dos benefícios percebidos pela prática. Nesse sentido, os corredores de rua convidam pessoas e tentam chamar para o universo da prática, as pessoas que não compartilham de suas rotinas.

Assim, depois que eu comecei a correr, eu comecei a postar algumas fotos e então tem algumas pessoas que começaram

também, começaram a prestar atenção na alimentação, na corrida. Você acaba se sentindo responsável! Há meu marido me incentivava, mas ele não corre, ele vai dormir [risos do grupo] (GRUPO DE CORRIDA MR2).

Os corredores de rua aparentam forte tendência em incentivar pessoas a buscarem a prática. Esta característica foi percebida em fortes coocorrências com os valores universalismo e benevolência presentes na categoria estados emocionais.

O final da atuação em uma prova de rua é percebido pelos corredores como um estado de euforia que está associado a valores como realização e hedonismo. Complementam a descrição a alegria, a sensação de dever cumprido e a superação.

Tem uma corrida que eu participei que tem um carro que após 30 minutos ele sai a 8 km por hora e você tem que parar se o carro te ultrapassa e eu consegui fazer 21 km e daí quando eu cheguei na tenda, o pessoal veio pulando e brincando me abraçaram (GRUPO DE FOCO, CP1).

O conjunto de descrições que coexistem ao término de uma prova foi delimitado por uma coocorrência comum denominada comemorar. As comemorações estão presentes após o passar da linha chegada e, algumas vezes, o ambiente é proporcionado pela própria organização do evento. A observação realizada em uma corrida noturna permitiu verificar uma estrutura que continha pódio de largada luminoso com painéis de *led* que transmitiam imagens dos corredores participantes, e som condizente com grandes concertos. Grandes painéis, com motivos promocionais da corrida, para realização de *selfies* estavam espalhados por toda área de concentração do evento que ao final se transformou em uma grande pista de dança. Um “D.J.” tocou após o término da competição e o clima de festa se espalhou entre os competidores. Foi possível verificar que algumas pessoas se inscreveram para a corrida e portavam as camisetas que eram entregues junto com o *kit* de inscrição. Entretanto, eles não

participaram da corrida e aparentaram se inscrever apenas para estarem presentes na festa do evento. Esse registro aproxima-se da subcategoria “Namoro/flertes” apresentada como prática em interseção com a corrida de rua.

A cidade de SA vai receber uma corrida que foge dos padrões e promete proporcionar muita diversão aos participantes. A “*Beer Run*” [nome da corrida] será no dia 29 de novembro e contará com degustação de cerveja antes e depois da corrida e também música ao vivo (RUNNER’S WORLD, 17 nov. 2015).

A gente tira “*selfie*”, vou para o MD [restaurante de comida rápida]. Só nesse final de semana fui três vezes! (GRUPO DE FOCO MR1).

Relatos de jantares de massas organizados antes das provas por grupos de amigos foram encontrados. As viagens são organizadas por grupos de amigos ou pelas assessorias esportivas que atuam junto aos corredores. Na programação dos grupos pagos ou informalmente constituídos, é comum constar uma comemoração após a corrida. Nesses encontros, alguns corredores chegam a exagerar no consumo de comida e álcool. Em alguns relatos foram registradas relações de compensação.

Eu não parei de beber. É uma motivação que dá [pausa], é que você pode beber e comer a vontade que não dá nada, não engorda. É! A gente malha a semana inteira, então a gente, no final de semana a gente “enfia o pé na jaca”. Tem algumas pessoas que bebem um dia antes! (GRUPO DE FOCO MR1).

Há! [risos de todos], nós ficamos muito felizes. Tem um rapaz aí que ganha “todas”! Aí eu queria ganhar dele. Mas a maioria comemora muito, mas é mais uma sensação de alegria mais emocional (GRUPO DE FOCO CP2).

Faça um esforço para focar e permanecer no momento presente. Corredores tendem a desenvolver um diálogo interno sobre como estão se saindo. Isso pode ser proveitoso, mas você corre o risco de analisar demais sua

técnica ou ritmo, de se comparar com os outros e constantemente projetar seu tempo final. Concentre sua energia na execução, não na autoanálise. Faça seu melhor aqui e agora e resista à tentação de criticar o passado ou se estressar com o futuro. Ignore qualquer coisa que considere uma distração, como os outros corredores, o clima, a fadiga, pensamentos negativos ou o tédio (RUNNER'S WORLD, 15 fev. 2016).

Conforme o relato acima, “Se comparar/competir com o outro” é parte da rotina de boa parte dos corredores de rua. É comum que essas pessoas forneçam os próprios dados para que comparações aconteçam. Existe uma grande quantidade de aplicativos para celulares ou que acompanham os relógios que tem funções como GPS, controle de calorias, batimentos cardíacos. Essas tecnologias são integradas às redes sociais virtuais dos corredores que costumam ser abastecidas com informações de suas atuações. Essas informações podem compreender uma quantidade simples de detalhes, como a foto tirada em um determinado evento, ou podem conter um mapa do percurso percorrido com todos os detalhes da altimetria<sup>2</sup>, *pace*, calorias perdidas e tempo gasto.

Esse conjunto de informações representa uma simbologia virtual da atuação dos corredores de rua em provas ou em treinamentos. Entretanto, as formas mais clássicas de símbolos, ainda são encontradas por meio das medalhas, fotografias personalizadas com detalhes dos eventos e as camisas e outras peças que são entregues nos kits de inscrição. Algumas medalhas se fundem em peças decorativas que simbolizam o cumprimento de todas as etapas de um ano de um determinado conjunto de eventos.

Descrevem-se a seguir as formas de apropriações de serviços e produtos.

### **5.3.11 Objetos, apropriações e utilizações**

Os objetos utilizados para realização de uma prática podem ser considerados como os implementos ou ferramentas necessários para uma tarefa.

---

<sup>2</sup> Variação da altitude de um determinado percurso.

Entretanto partes do próprio corpo também são utilizadas em tarefas e constituem elementos das práticas (WARDE, 2005). A corrida de rua, como objeto de estudo da presente pesquisa, é uma atividade corporal que comporta a utilização de alguns objetos para sua prática. Entretanto, a contratação de alguns serviços apresenta-se como parte das rotinas dos corredores de rua. As transformações fisiológicas para o desempenho da prática podem ser obtidas por meio de processos de compra de intangíveis.

Nesse sentido, complementam esta categoria, as apropriações de serviços que podem constituir parte do desenvolvimento de uma tarefa (HUI, 2012). Essa categoria caracteriza as ferramentas necessárias para as práticas, contribui para a compreensão da instrumentalização das rotinas que compreendem uma determinada prática. Por conseguinte, é uma categoria que demonstrou capacidade de agrupar a relação de produtos e serviços apresentada pelos dados da presente pesquisa.

A compreensão das questões instrumentais da prática pode ser estudada por meio de três pilares: o material, a competência e o significado (MYLAN, 2015). Para Warde (2005), a posse de implementos ou de recursos econômicos pode estar relacionada a capacidades de ações diferenciadas. A compreensão dos objetos e apropriações para os teóricos da prática deve buscar a compreensão do consumo como elemento que permeia as práticas e o seu sentido deve ser compreendido por meio do conjunto de elementos da prática (RECKWITZ, 2002; SHOVE; PANTZAR, 2005; WARDE, 2005).

A teoria da prática foi utilizada para compreender fenômenos relacionados à resistência ao consumo (BORELLI, 2012). Estudos sobre economia de energia foram conduzidos por meio da abordagem teórica da prática (BUTLER et al., 2015; GRAM-HANSSSEN, 2011; MYLAN, 2015). Durante o processo de categorização dos grupos de foco, percebeu-se que alguns itens ou serviços adquiridos pelos corredores de rua são questionados por sua

eficiência funcional em relação ao desempenho da prática. No mesmo sentido, relatos sobre a percepção de altos preços cobrados por serviços e produtos foram registrados.

Quadro 22 - Subcategorias para objetos, apropriações e utilizações.

<b>Objetos, apropriações e utilizações</b>
Produtos
Serviços
Resistência ao consumo e economia

Fonte: Do autor (2016).

A categoria de análise “Objetos, apropriações e utilizações” (Quadro 22) apresenta na sua relação de subcategorias a “Resistência ao consumo e economia” analisada por meio dos dados coletados nos grupos de foco. O engajamento nas corridas de rua parece guiar os praticantes para a pesquisa e o aprendizado sobre os produtos e serviços que realmente contribuem para o desempenho das rotinas.

Eu nunca comprei o sapato que lançou. Por exemplo, o tênis A [marca] que lançou o 9, eu compro o 7 ou 8 na promoção porque a tecnologia é praticamente a mesma e até o ano passado era o top [pausa], então eu compro sempre o que tá fora de linha. Mas é o que foi testado. Correram com ele quase um ano (GRUPO DE FOCO MR1).

A frequência da participação em eventos competitivos contribui para ações seletivas de consumo. Alguns corredores planejam participação em eventos com uma antecedência considerável e assim, conseguem incluir no planejamento, a questão financeira. Entretanto, o valor pago para participar das competições parece desagradar boa parte dos corredores de rua. Esse item parece limitar e guiar ações de seleção por parte dos corredores quanto à participação em eventos.

Na minha vida, eu gasto mais com equipamento de corrida do que com roupa social. Eu compro tênis, meia e bermuda de compressão. É um “dinheirinho” considerável [todos do grupo riem e concordam]. Inscrições de prova que “tá” cada vez mais caras [todos concordam] É! Inscrição quebra! (GRUPO DE FOCO MR3).

Algumas ações de resistência ao consumo foram abordadas pelos corredores. Como a prática da corrida de rua acontece para um conjunto de pessoas em configuração simplificada. Existem corredores de rua que associam a prática a um estado hedônico e contemplativo do simples ato de sair para correr. Essa característica está associada à simplicidade da prática presente na categoria conhecimento motivacional. Corredores com essas características não seguem planilhas, não contratam professores ou assessorias de corridas. Entretanto, se informam sobre as competições e aspectos relativos à preparação física, mas procuram manter a prática da corrida de rua em um estado mais livre. Em relação à sensação de liberdade, grande parte dos entrevistados parece evitar ambientes fechados como academias de ginástica.

É fica muito difícil, nem se compara. Eu detesto correr na esteira. Eu faço na esteira só quando é tiro. É realmente tiro é mais prático fazer na esteira. Ou se tiver chovendo. Terça-feira choveu, aí, o pessoal falou: -Vai correr na esteira. Aí eu não consigo, eu acordei cedo e fui para o parque (GRUPO DE FOCO TM).

A prática de atividade física realizada em ambientes como as academias de ginástica parece contribuir para pessoas buscarem a corrida de rua. Alguns corredores relataram que não conseguiam manter a frequência nesses ambientes, e que, após iniciar a corrida, acabaram por retornar às academias ou serviços semelhantes, passando a frequentar o local com disciplina e assiduidade.

Eu ia à academia e fazia o plano, mas quando dava seis meses que havia acabado eu dava graças a Deus que acabou, mas não deu, sempre [pausa], não era uma coisa que me atraía, esse negócio fechado ali de contar [pausa] então eu

comecei a treinar a corrida desde 2010, mas o que mais me atrai é o ambiente aberto. Eu me “esguelo” para correr, mas eu vou pelo ambiente. Nos dias de corrida assim, eu consigo colocar uma disciplina no dia, assim, tudo no dia, eu levanto mais cedo tudo vai. E agora eu entendi que não é só correr e faço academia certinho [gargalhadas do grupo] (GRUPO DE FOCO CP1).

O conjunto dos elementos das práticas parece contribuir para a compreensão das formas de consumo com parte das rotinas. O relato acima parece demonstrar questões associadas à compra de um plano para frequentar a academia com duração de seis meses e a resistência por parte da entrevistada. Entretanto, a dinâmica dos elementos da corrida de rua pareceu ter proporcionado mudanças que levaram ao retorno da atividade reconfigurando aspectos de consumo. Segundo Warde (2005), o consumo é um momento dentro das práticas e deve ser analisado pela compreensão de seus elementos.

Outra rotina, desempenhada pelos corredores, foi destacada nos grupos de foco. A participação de corredores de rua em provas sem pagar pela taxa de inscrição. Essa atitude dos corredores é denominada pela expressão “correr na pipoca”. A rotina é caracterizada pela participação no trajeto das provas, entretanto o corredor não corre com o número de inscrição, camisa e chip utilizados para identificar e controlar o tempo dos corredores. Esses três objetos são considerados elementos básicos, na maior parte dos kits vendidos pelas organizações de provas, para que um indivíduo participe de um evento.

Olha, já vimos inscrições mais baratas, mas! [pausa] Olha, a professora inscreve o pessoal, tem descontos para grupos. Quando não dá tempo de “fazer” a inscrição, acabamos correndo na pipoca, às vezes eu puxo um amigo, você vai estimulando e ajuda ele “a bater o tempo dele” (GRUPO DE FOCO MR1).

Mas tem a questão da pipoca, “né”! Tem gente que corre na pipoca então tem “umas aí” [corridas que não são valorizadas pelo entrevistado] que eu não gosto e eu

seleciono, às vezes eu vou “na pipoca” [...] (GRUPO DE FOCO CP1).

Mas depois você pode correr “na pipoca”. Eu mesmo corro muito “na pipoca”. Tem uma moça aqui que o marido dá de presente para ela as inscrições (GRUPO DE FOCO CP2).

Percebe-se nos trechos destacados das entrevistas a alternativa de correr sem pagar a taxa de inscrição como uma rotina comum. Algumas justificativas foram citadas, como puxar um amigo para que ele bata sua meta ou quando a corrida não é atrativa. Entretanto, no último relato o produto corrida de rua aparece como um presente. Um gesto simbólico entre marido e mulher foi relatado pelo grupo sobre uma corredora que não estava presente.

As configurações da prática da corrida de rua parecem demonstrar vários entendimentos associados ao consumo. Não foram percebidos, atos de censura por parte dos entrevistados, sobre a ação de correr na pipoca. Entretanto, as condições de preço das inscrições nos eventos foram questionadas por grande parte dos grupos realizados.

Os produtos e serviços parecem compor diferentes esquemas de valor em função das percepções dos demais elementos das práticas analisados. Não foram observadas regras de mínimo de produtos para o desempenho de destaque na rotina dos entrevistados.

Como demonstrado, alguns corredores relataram que corredores “da elite”, expressão utilizada para amadores ou profissionais de destaque nas provas, chegam a correr com tênis doados.

Os produtos apresentados na Figura 11 foram registrados em diferentes contextos e entendimentos por parte dos corredores entrevistados e destacados durante as análises das reportagens.

Os produtos, resultantes das análises, foram agrupados para melhor entendimento do conjunto de itens que foram relacionados pela presente pesquisa.

O que se veste ou se utiliza para correr como os tênis, shorts, saias e calças podem constituir um grupo de produtos. Entretanto, considerou-se diferenciar peças de vestuários que são caracterizadas por tecnologias especiais que auxiliam no desempenho, como as bermudas e meias de compressão. Os acessórios como bonés e óculos de sol compõem esse conjunto.

Uma segunda característica pode ser encontrada dentre os produtos que possuem características tecnológicas. Nessa classe, podem ser relacionadas as bermudas e meias de compressão; os relógios que monitoram diversas funções como os batimentos cardíacos, as calorias e a distância percorrida; os *smartphones* e seus aplicativos e os equipamentos para hidratação.

Os alimentos saudáveis aparecem diferenciados dos demais alimentos, pois, foi percebido que os corredores seguem dicas e receitas e percebem características diferenciadas de outros alimentos disponíveis na forma comum.

Figura 11 - Produtos relacionados à prática da corrida de rua.

<b>Produtos associados à prática da Corrida de Rua</b>	
<b>Vestuário</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tênis</li> <li>• Meias</li> <li>• Shorts</li> <li>• Saias</li> <li>• Calças</li> <li>• Calças de compressão</li> <li>• Bermudas de compressão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bermudas térmicas</li> <li>• Camisetas</li> <li>• Blusas térmicas</li> <li>• Jaquetas</li> <li>• Bonés/Viseiras</li> <li>• Óculos de sol</li> </ul>
<b>Tecnológicos</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bermudas, calças e meias de compressão</li> <li>• Relógios, GPS e Monitores</li> <li>• Smartphones</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicativos</li> <li>• Equipamentos para hidratação</li> <li>• Tênis especiais (pisadas, distâncias, terrenos...)</li> </ul>
<b>Alimentícios</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alimentos</li> <li>• Bebidas</li> <li>• Alimentos saudáveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bolsas para transporte de alimentos (Food/fruit cases)</li> </ul>
<b>Cosméticos e beleza</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Protetor solar</li> <li>• Maquiagens</li> <li>• Tatuagens</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acessórios (prendedores de cabelo, bandanas, faixas...)</li> </ul>
<b>Farmacológicos e drogas</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Remédios</li> <li>• Doping e anabolizantes</li> <li>• Suplementos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Repositores energéticos</li> <li>• Bebidas alcoólicas</li> </ul>
<b>Informativos</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livros</li> <li>• Revistas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filmes</li> <li>• Internet</li> </ul>
<b>Provas e treinamento</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inscrições em corrida (kits)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Planilhas de treinamento</li> </ul>

Fonte: Do autor (2016).

Pode-se destacar outro grupo de produtos relacionados à beleza e à proteção da pele. Destaca-se o protetor solar por ser utilizado por corredores independentemente do gênero. Entretanto, cosméticos e maquiagens específicos para a corrida despontam na relação de produtos relacionados às mulheres. As tatuagens são consumidas por muitos adeptos da prática da corrida de rua e pareceram demonstrar aproximações com a estética corporal.

Os produtos com características químicas e farmacológicas reúnem os anabolizantes, os suplementos e repositores eletrolíticos, remédios e bebidas alcoólicas. Associa-se a esse grupo de produtos a automedicação, rotina retirada da categoria interseção e assumida como parte dos maus hábitos presentes nas corridas de rua. Alguns praticantes desse esporte iniciam o uso de substâncias proibidas ou ilegais com rotina da ingestão de anti-inflamatórios antes ou depois das provas. Entretanto, cabe ressaltar que esses dados foram acessados por meio das reportagens e observação. As declarações em grupo de foco não abrangeram as rotinas de ingestão de *doping* ou medicamentos, exceto quanto à utilização das bebidas repositoras e dos suplementos.

As informações sobre corridas, atletas de destaque e suas histórias, bem como as curiosidades e as atualizações a respeito das corridas estão relacionadas ao grupo de produtos que reúne os livros, revistas, filmes e internet de uma maneira geral. Entretanto, muitos corredores relataram conferir as informações com companheiros mais experientes ou com os professores das assessorias esportivas.

Por fim, as inscrições nas corridas e as planilhas de treino. O segundo item pode ser acessado, de forma gratuita, bem como comprado por meio das assessorias ou treinadores especializados.

As associações dos produtos e serviços aos elementos da prática da corrida de rua estão descritas por meio das categorias de análise propostas pela presente pesquisa. A relação dos serviços apropriados pelos corredores de rua está demonstrada na Figura 12.

Figura 12 - Serviços relacionados à prática da corrida de rua.

<b>Serviços associados à prática da Corrida de Rua</b>	
<b>Serviços associados à prática de preparação física dos corredores</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Musculação</li> <li>• Treinamento funcional</li> <li>• <i>Spinning</i></li> <li>• Nutrição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Academias de ginástica</li> <li>• <i>Cross-fit</i></li> <li>• <i>Yoga</i></li> </ul>
<b>Serviços associados à recuperação de lesões</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Serviços médicos</li> <li>• Pilates</li> <li>• Acupuntura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fisioterapia</li> <li>• Natação</li> </ul>
<b>Serviços associados ao treinamento e competições</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assessorias esportivas</li> <li>• Clubes de corrida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Treinadores</li> <li>• Locais de prática</li> </ul>
<b>Serviços associados aos eventos</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agências de viagens</li> <li>• <i>Food Trucks</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Feiras e exposições</li> </ul>

Fonte: Do autor (2016).

Os serviços associados à prática da corrida de rua, em grande parte, compreendem atividades acessórias ao desempenho nas provas ou nas rotinas de treinamento. As contratações de serviços de musculação, academias de ginástica, treinamento funcional, *cross-fit*, *spinning*, *yoga* e nutrição parecem estar associadas às rotinas da preparação física dos corredores.

Um conjunto relacionado ao estágio de recuperação de lesão é constituído por serviços médicos, de fisioterapia, pilates, natação e acupuntura. A contratação desses serviços acontece de maneira menos frequente quando comparada aos serviços relacionados à preparação física. A efetivação da contratação de serviços desse grupo parece acontecer em razão da necessidade de recuperação de uma situação de saúde, livre de lesões e possíveis incômodos no desempenho da corrida de rua.

As assessorias de corrida foram os serviços mais comuns à prática da corrida de rua, apesar de parte dos praticantes não contratarem esse tipo de serviço. A prática atual das corridas destaca essa modalidade de serviços que foi

originada na forma dos clubes de corrida. Os corredores de rua mais experientes formavam clubes com intuito de compartilhar experiências, procurar dicas e informações sobre as viagens, organizar eventos competitivos entre outras atividades. Atualmente, os grupos de corrida permanecem na configuração das práticas, entretanto, ramificações especializadas na organização de eventos ou no treinamento dos corredores têm sido mais comumente percebidas nas rotinas de treinamento e competições.

Os prestadores de serviços desse segmento destacam-se por exercer forte liderança entre os corredores de rua. Destaca-se nesse ponto a formação de opinião e direcionamentos que esses profissionais podem exercer sobre os corredores que os contratam.

Mas, para progredir, temos que entender nossa condição inicial e, principalmente, saber identificar os principais pontos a serem trabalhados. Na corrida, procure passar por uma avaliação e manter um diálogo franco com seu treinador. E, assim, construa com ele uma rotina saudável, motivadora e eficiente (RUNNER'S WORLD, 18 nov. 2015).

As assessorias de corridas que focam no treinamento e preparação física de pessoas ofertam uma quantidade relevante de serviços aos corredores. Destacam-se a prescrição de treino por meio de planilhas, o acompanhamento em grupo de exercícios que visam melhorar o rendimento dos corredores, orientação quanto aos objetivos de uma temporada que dura seis meses ou um ano, o fornecimento de estrutura de apoio aos corredores em dias de treino e competições.

As estruturas de treino e apoio em dias de corrida podem variar de um simples lanche a grandes configurações de serviços que compreendem massagem após o treino ou prova, alongamento personalizado, piscinas de gelo, serviços de fisioterapia, guarda-volumes e outras facilidades nos dias de corrida.

Os corredores de rua que contratam assessoria costumam chegar no dia da prova e receber seus *kits*, que foram retirados pela assessoria um dia antes em meio a grandes filas e possíveis transtornos.

Por fim, cabe destacar o ambiente que é gerado nos dias das competições e treinamento. Muitos entrevistados relataram sentir-se parte de uma família ao reportar sobre a importância do grupo. É relevante descrever que existem pequenos grupos sociais dentro das assessorias que não atendem uma classe homogênea. Diferentes configurações de grupos menores foram observadas durante as rotinas desempenhadas nos treinamentos das assessorias de corridas.

As agências de viagem integram a relação de serviços por proporcionar o suporte aos deslocamentos dos corredores para participar das provas disputadas em outros locais. As assessorias de corrida costumam intermediar os processos de tomada de preços e contratação das viagens. Em alguns casos, observou-se que essas empresas têm sido acessadas por meio do comércio eletrônico e que alguns grupos de corredores contratam esses serviços de forma direta.

Os eventos competitivos, em grande parte, são antecedidos por feiras e exposições nos quais geralmente são entregues os kits adquiridos pelos participantes. Nesses eventos, são realizados *shows*, palestras e costumam promover outras corridas e locais onde acontecerão novas disputas. Uma inovação observada nesses eventos foi a presença de *food trucks*, com comércio voltado para a venda de produtos saudáveis.

Os locais de prática, em grande parte dos relatos e reportagens, são públicos. Entretanto durante a fase de observação da pesquisa, constatou-se que diversas organizações ou associações cobraram melhorias nos parques públicos utilizados pelos corredores. Constatou-se também, que o poder público tem tentado taxar os prestadores de serviços das assessorias que utilizam os espaços

públicos. Algumas ações isoladas têm promovido a associação de profissionais desse segmento que se unem para debater questões com as administrações dos espaços públicos. Algumas dessas associações têm promovido ações independentes de manutenção e melhoria dos espaços públicos. Um ponto de destaque foi a insatisfação dos corredores, com relação aos espaços públicos, pela ausência de ciclovias em pistas diferentes das utilizadas para caminhada e corrida.

Os *sites* especializados na prática da corrida de rua analisados são mantidos por empresas especializadas na organização dos eventos, editoras de revistas e outros veículos de comunicação e organizações sem fins lucrativos. A presença da informação contida nesses espaços abordou detalhes sobre a rotina de corredores, produtos, eventos, testes de qualidade, o universo da mulher corredora, dicas de alimentação e planilhas. Destacaram-se nesses *sites*, o espaço destinado à divulgação dos resultados das provas e calendário dos eventos futuros. A quantidade de fotos de corredores de rua presentes nesse contexto foi consideravelmente volumosa. Outro serviço, presente no universo digital dos corredores de rua é o de listas de músicas (*podcasts* ou *playlists*) voltadas para corredores, que podem ser ouvidas via *streaming* em celulares ou baixados em versões paga ou gratuita. As *playlists* costumam ser associadas às fases do treinamento e também estão presentes nos aplicativos de celular fornecidos por grandes marcas esportivas ou adquiridos pelos corredores.

O acesso ao conteúdo digital, pelos corredores de rua, costuma ser feito através do celular. Percebeu-se que algumas organizações têm remodelado o conteúdo de seus *sites* e da informação para essa plataforma, entretanto, ainda existem *sites* mais tradicionais que não foram bem visualizados quando acessados por celulares. O conteúdo da informação veiculada para celulares demonstrou menores diagramações e volume de palavras nas reportagens. Outra

característica registrada foi a portabilidade do conteúdo que possibilita ser compartilhado pelos corredores em diversas redes sociais.

Outras características associativas entre os elementos das práticas, as rotinas dos corredores de rua e os momentos de consumo são descritas pela categoria trajetória.

### **5.3.12 Trajetória**

A trajetória é um elemento capaz de retratar o que tem sido mantido, incorporado ou excluído nas rotinas das práticas (RECKWITZ, 2002). A corrida de rua possui um entendimento dinâmico que vai sendo constituído pelas percepções e atuações dos seus praticantes.

Cabe considerar que, para a utilização da trajetória como categoria de análise em acordo com os pressupostos das práticas, incursões mais longevas deveriam ter sido aplicadas. No mesmo sentido, técnicas de coleta de dados como a etnografia parecem ser mais apropriadas (HITCHINGS, 2012).

Diante do exposto, a trajetória apresentada como categoria de análise pela presente pesquisa foi identificada mediante um recorte temporal que pode ser considerado insuficiente para abarcar o conjunto de dados substancial para sua análise.

Entretanto, a apresentação dos dados coletados pode ser relevante para considerações relativas às transformações referentes ao espaço temporal que a pesquisa oportunizou atingir. Outra justificativa que sustenta a apresentação dos dados relativos à categoria são as relações que podem ser encontradas com os demais elementos das práticas.

As subcategorias que foram identificadas como integrantes das trajetórias das corridas de rua estão presentes no Quadro 23.

Quadro 23 - Subcategorias da trajetória

Trajetória	
Ações promocionais das corridas	Profissionalização da organização dos eventos
Correr fantasiado	Segmentos específicos
Corridas como promoção de outros negócios	Segurança
Incentivo corporativo/institucional	Valor percebido
Inovações	Variações das provas
Patrocínio	
Práticas amadoras	

Fonte: Do autor (2016).

Algumas características das corridas narradas pelos entrevistados são mais tradicionais, como o costume de correr fantasiado. O correr fantasiado é uma característica amadora que se mantém ao longo da história das provas de rua ao longo do mundo. Reportagens sobre corridas nas quais todos os participantes devem vestir fantasias foram analisadas. Dentre elas, podem ser destacadas as corridas com pessoas vestidas de garçom e portando bandejas e corridas para pessoas vestidas com *smokings*. Entretanto, grande parte das provas de rua registra a participação de pessoas fantasiadas.

Cada corrida é uma satisfação, quando é um percurso diferente então [pausa]. Eu participei de uma só para mulheres e então tinha uns caras vestidos de mulheres e eu ri pra caramba, então eu fui sozinha e cada final é uma vitória. Independente do tempo que a gente inconsciente acaba controlando [pausa], então eu não procuro me escravizar, eu procuro terminar (GRUPO DE FOCO, CP1).

O correr fantasiado tem sido uma característica histórica das provas de rua, apesar desse ato remeter ao amadorismo, elementos relativos ao humor e à diferenciação de provas parecem estar mais associados a esse componente.

As práticas amadoras envolvidas na trajetória das provas parecem diferir de aspectos como segurança e bom senso por parte dos praticantes. Esse elemento está associado à subcategoria “Exageros” que é relativa à categoria “Representações”.

Uma coisa importante que deveríamos falar primeiramente é a questão de que está ficando muito banalizada, ou seja, correr maratonas. Tenho conversado com alguns colegas sobre esse assunto. Todo mundo está se achando preparado. Mal começa a correr e já pensa numa maratona. Muito pela pilha dos outros, mas também pelo encantamento que a prova oferece. O pessoal se sente meio inebriado com isso. Assim, para uma pessoa participar de uma maratona, considero que precisa já ter um bom tempo de treinamento, um lastro de corrida. E pelo menos umas 5 ou 6 meias-maratonas no currículo (RUNNER'S WORLD, 10 nov. 2015).

O amadorismo de alguns praticantes retratado pela reportagem acima parece contrastar com a seriedade aparentada por algumas organizações que procuram promover a adesão de seus colaboradores às práticas saudáveis. Foi possível encontrar relatos e observar situações nas quais a corrida de rua tem sido incentivada no meio corporativo ou institucional.

Já o Grupo ER [empresa] patrocina a Confederação Brasileira de Vôlei para Deficientes e também a corrida de 10 km da TS [cidade] (SP), em que participaram 198 empregados neste ano. Além disso, tem uma academia interna, quadra poliesportiva, campo de futebol, restaurante e toda a estrutura de vestiários. Tudo de graça, pelo bem dos colaboradores e, claro, da empresa. O próprio diretor executivo de recursos humanos (e responsável por liderar esse movimento) usufrui dos benefícios. Correndo, C.C. perdeu 7 kg em sete meses. Fez sua estreia na meia maratona e já pensa no próximo desafio, os 42 km [...].

[...] Não importa a ordem dos fatos no caso do ovo e da galinha ou esporte e das corporações. A realidade é que as empresas estão investindo cada vez mais na qualidade de vida dos empregados para alcançar resultados de curto, médio e longo prazo. Os exemplos positivos do binômio trabalho & corrida se multiplicam (RUNNER'S WORLD, 08 jan. 2016).

A profissionalização dos eventos vem proporcionando algumas características para as provas de rua, como a criação da identidade do evento

como em corridas que possuem promoções que as caracterizam. No Brasil, uma fábrica de chocolates localizada no Espírito Santo mantém um evento tradicional nos calendários das provas de rua do Estado. O governo do Distrito Federal promove no início de cada ano, uma corrida de inscrição gratuita que recebe em média 8.000 corredores. Fora do país, é possível encontrar eventos realizados por parques temáticos globais com a utilização de personagens infantis. Estimula-se inclusive, a segmentação de corredores, com provas infantis, femininas e a inclusão de pessoas com deficiência, já tradicionalmente presentes na trajetória das corridas de rua.

Algumas inovações na forma de disputa foram relatadas e as percepções entre os entrevistados foram positivas. Destaca-se nesse sentido, a quebra de rotina, que é um elemento que parece ser fortemente evitado pelos corredores, apesar da natureza do esporte.

A WFL *World Run* desembarca pela segunda vez em Brasília. Nesse ano, a prova acontece no dia 8 de maio e deve reunir mais de 6 mil pessoas no evento que acontece simultaneamente em mais de 34 cidades do planeta. Na corrida, não há uma linha de chegada: o final da prova só acontece quando o carro passa pelo corredor. Por conta disso, não há quilometragem predefinida: vence quem conseguir percorrer a maior distância antes de ser “pego” pelo carro. Toda arrecadação da prova é revertida para a pesquisa na cura da lesão da medula espinhal e o grande vencedor de cada uma das cidades tem direito a escolher onde quer competir no ano seguinte, com todas as despesas pagas [...] (RUNNER'S WORLD, 04 mar. 2016).

A reportagem acima destaca aspectos promocionais dos eventos que utiliza como premiação dos vencedores a concessão de novas experiências. Nesse caso, elas foram proporcionadas pela possibilidade de escolha do local de disputa da próxima edição do evento. A característica globalizada de alguns eventos tem feito parte da trajetória das corridas de rua. As viagens para participar em eventos competitivos é um elemento de interseção relevante para

as corridas de rua. As ações sociais e campanhas beneficentes parecem estar solidificadas entre os grandes eventos e observou-se que pequenos eventos de expressão regional também têm incorporado essas ações.

Um contraponto às boas práticas que tem constituído a trajetória das corridas de rua pode ser observado junto a alguns praticantes. Os “Maus hábitos” como o assédio às corredoras, foram descritos na categoria relativa aos entendimentos e aprendizados da prática. No mesmo sentido, a reprodução de ações de atletas profissionais parece envolver a trapaça e as práticas amadoras que depõem contra a trajetória da prática.

A novidade é que a trapaça vem ganhando força entre os amadores [...]. O que geralmente acontece é o seguinte: o amador tira férias prolongadas, come e bebe o que não deve, engorda e, claro, a retomada dos treinos fica difícil. Ao mesmo tempo, ele vê a evolução dos amigos que não pararam de treinar. Para não ficar tão atrás, ele procura um endocrinologista, que prescreve um medicamento para emagrecer: aí começa o doping. Em poucas semanas, o corpo sarado volta, o ego infla. As provas começam, e os resultados aparecem. Tudo muito rápido e eficiente (RUNNER'S WORLD, 04 mar. 2016).

Além das influências do esporte profissional, já relatadas, corredores amadores têm reproduzido ações de procura de patrocínio para a realização de seus objetivos. As redes sociais, destacadas na categoria representações, proporcionam novas oportunidades para amadores que buscam apoio.

Cresce o uso de sistemas na internet em que se pede ajuda financeira visando um sonho no esporte. Só que o patrocínio para atletas com uma expressão menor ainda é bem difícil. Empresas aguardam resultados para que assim possam apostar na pessoa e divulgar suas marcas. Este caminho, portanto, é muito árduo para os que estão recém trilhando seu destino (CONTRA RELÓGIO, abr. 2016).

A trajetória das corridas de rua foi apresentada como a última categoria de análise com o objetivo de posicionar as demais categorias em um contexto. Buscou-se retratar a dinâmica das configurações das corridas de rua como prática.

As descrições, realizadas pela presente pesquisa, visaram demonstrar a prática constituída pelos elementos presentes em seus pressupostos teóricos. Os elementos das práticas foram interpretados por meio da coocorrência das unidades de registro em unidades de contexto comuns (BARDIN, 2011).

Buscou-se retratar o consumo como momento em configurações variadas da prática da corrida de rua. Diante da proposta exploratória dos dados, nenhum modelo ou proposição deve ser considerada como regra ou ser passível de generalizações. No entanto, apresenta-se no próximo tópico o modelo final das categorias de análise das corridas de rua baseadas na teoria da prática.

#### **5.4 Síntese dos resultados**

Após a realização dos procedimentos metodológicos descritos, a presente pesquisa resultou em um modelo teórico de análise das práticas que teve por campo empírico as corridas de rua baseado e por sustentação, a teoria da prática (Figura 12). O modelo final apresentou 12 categorias das quais nove foram mantidas conforme a proposta inicial, quatro foram renomeadas por questões de representações semânticas de seus conteúdos e uma categoria foi extinta.

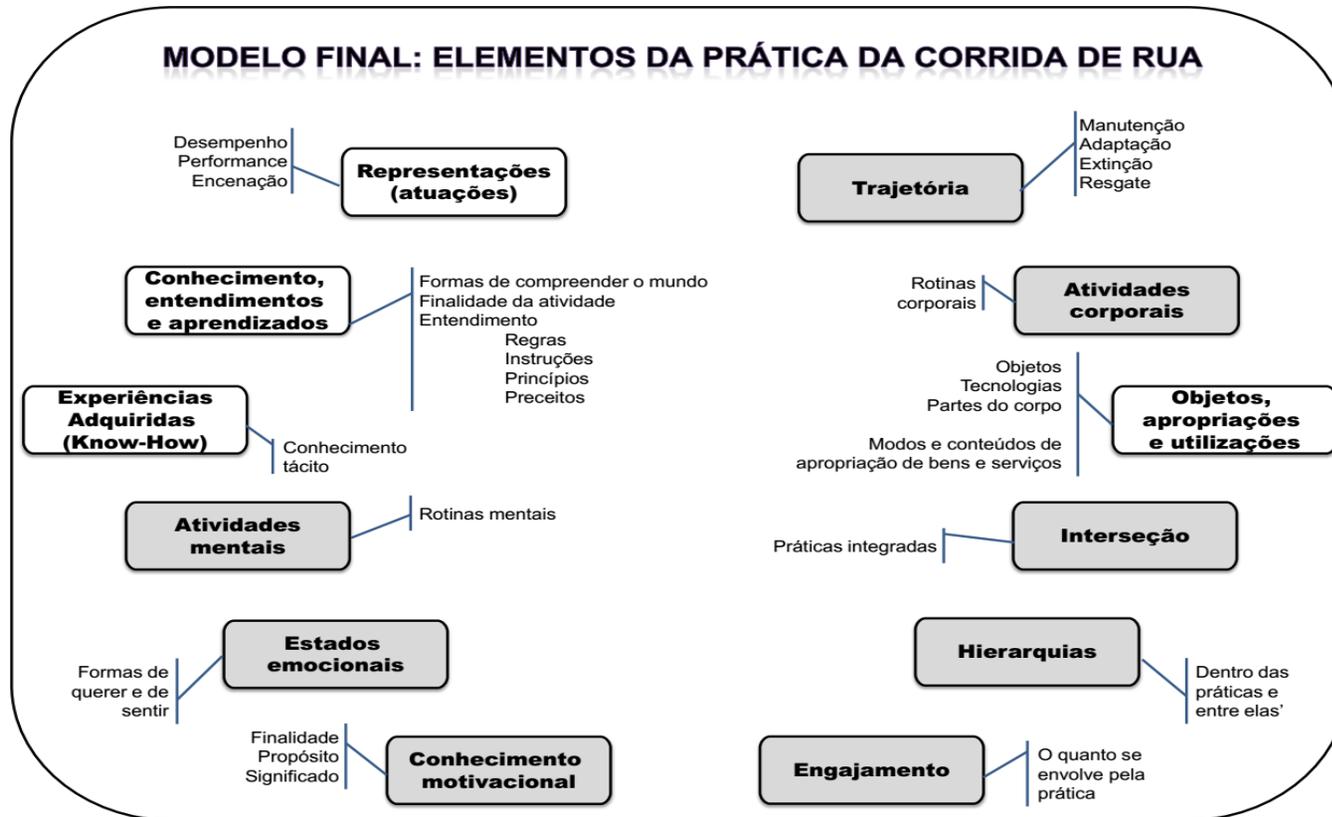
As categorias que foram renomeadas estão representadas pelos balões sombreados no modelo final. A categoria comportamentos rotineiros foi excluída do modelo final por representar uma condição de inclusão das unidades de registro em quaisquer das categorias presentes no modelo. Nesse sentido, sempre que se procedeu a uma análise, o aspecto rotineiro do assunto tratado foi

o critério primordial que definia sua inclusão ou abandono do registro aos dados da pesquisa.

Os balões de fundo branco representam as categorias que sofreram modificações. A categoria “Conhecimento prévio” foi renomeada para “Conhecimento, entendimentos e aprendizados”. Buscou-se ilustrar o aspecto dinâmico do conhecimento sobre uma prática, no mesmo sentido, buscou-se abarcar a dinâmica do entendimento e da compreensão de uma prática. Esta modificação é reforçada pela teia de reproduções sociais à qual se refere os *affordances* (HALKIER; JENSEN, 2011).

A categoria “Representações” passou a ser descrita como “Representações (atuações)”. Buscou-se com essa alteração melhor caracterizar os aspectos performativos que a categoria engloba. Dentre eles, destacam-se as características de sociabilização das corridas, as disputas com o outro e os aspectos da exibição dos praticantes da corrida de rua.

Figura 13 - Modelo teórico de análise.



Fonte: Do autor (2016).

A categoria “Know-how” foi renomeada para “Experiências adquiridas (know-how)” com o objetivo de ilustrar as vivências dos praticantes e o conhecimento tácito. Apesar de existir uma categoria que englobe o conhecimento, a vivência e a experiência de treinamentos e de participações em provas parece contribuir de forma singular para a dimensão cognitiva dos corredores de rua.

A categoria “Objetos e seu uso” foi acrescida para “Objetos, apropriações e utilizações” e possibilitou a inclusão de subcategoria relativa à resistência ao consumo e aos processos de economia. As apropriações, que englobam mais que o momento da compra, formaram em conjunto com produtos e serviços o rol de subcategorias dessa rubrica. Apropriar-se de um objeto para executar uma rotina, não necessariamente implica em uma compra. Nesse sentido a categoria passou a compreender os processos pelos quais os corredores de rua promovem economias e alternativas para compor suas rotinas de utilização de objetos ou de serviços.

Como o objetivo de melhor ilustrar a relação de subcategorias que compõem cada elemento da prática de corrida de rua presente no modelo final, apresenta-se a grade das categorias de análise da prática da corrida de rua (Quadro 24).

Quadro 24 - Categorias e subcategorias da prática da corrida de rua. (Continua)

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
<b>Conhecimento, entendimentos e aprendizados</b>	Biomecânica	<b>Interseções</b>	Desempenho profissional
	Fisiologia		Namoro / flertes
	Treinamento esportivo		Outros esportes
	Equipamentos		Ouvir música
	Hidratação		Práticas alimentares
	Nutrição		Práticas familiares
	Culturas locais (Viagens)		Práticas femininas (Diferenças de gênero)
	História de provas e de corredores		Recuperação de lesões
	Lesões		Sono
	Pesquisas científicas		Viagens e turismo
	Prevenção de doenças	<b>Atividades corporais</b>	Adaptações ao clima
	Cuidados pessoais / estéticos		Descanso
	Doping		Preparação física e prevenção
	Maus hábitos		Treinamento
Mitos	<b>Representações (atuações)</b>	Chamar pessoas para correr	
<b>Experiências adquiridas (know-how)</b>		Comemorar	
		Exageros	
<b>Atividades mentais</b>		Incentivar pessoas	
		Admirar paisagens / arquiteturas	Quadro de medalhas
		Corrida como terapia	Redes sociais (virtuais ou não)
	Planejamento	Se comparar/competir com o outro	
Preparação mental			

Quadro 24 - Categorias e subcategorias da prática da corrida de rua. (Conclusão)

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	
Estados emocionais	Apoio de amigos / família / público	Objetos, apropriações e utilizações	Produtos	
	Críticas e falta de entendimento		Serviços	
	Alegria, felicidade	Resistência ao consumo e economia		
	Superação / dever cumprido	Trajetória	Ações promocionais das corridas	
Conhecimento motivacional	Benefícios percebidos		Correr fantasiado	
	Causas sociais e ambientais		Corridas como promoção de outros negócios	
	Motivações		Incentivo corporativo/institucional	
	Valores		Inovações	
Engajamento	Disciplina, determinação, persistência		Patrocínio	
	Frequência em provas		Práticas amadoras	
	Mudança de hábitos		Profissionalização da organização dos eventos	
Hierarquias	Concorrência com outras práticas		Segmentos específicos	
	Horários / adaptação à rotina		Segurança	
	Hierarquias dentro da prática		Valor percebido	
				Variações das provas

Fonte: Do autor (2016).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo identificar o comportamento de consumo de corredores de rua. Utilizou-se para esse fim, a abordagem da teoria da prática proposta para estudos sobre o consumo (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001; WARDE, 2005).

A opção de utilização da teoria da prática foi motivada, inicialmente, pelos seus pressupostos de superação da divisão entre agência e estrutura. Essa característica parece permitir avanços em estudos realizados em *marketing* e especificamente em questões relacionadas ao comportamento do consumidor.

A teoria da prática considera que, a rotina das pessoas é influenciada pelo todo social, entretanto não descarta as ações individuais nem as influências que estas podem gerar na estrutura. As práticas, como base epistemológica de pesquisa, centralizam as rotinas dos indivíduos como foco de análise e retiram o consumo dessa posição central. Segundo a teoria, o consumo acontece como momentos dentro das práticas (WARDE, 2005).

As práticas são comportamentos rotineiros compostos por vários elementos interconectados em configurações específicas. Uma prática não pode ser reduzida a qualquer um de seus elementos de forma individual (RECKWITZ, 2002).

A presente pesquisa adotou a descrição dos elementos das práticas como ponto de partida para entendimento do consumo das corridas de rua. A sistematização desse conjunto foi apresentada com o propósito de atender ao primeiro objetivo específico desta pesquisa que foi descrever os elementos das práticas como categorias de análise com base nos pressupostos das práticas.

Essa proposta visou sistematizar a compreensão do consumo por meio das interconexões de elementos das práticas que são indicadas como forma específica de entendimento de um conjunto de rotinas. A presente pesquisa

contribuiu ao testar no campo empírico das corridas de rua um modelo teórico de análise baseado na teoria da prática.

A teoria da prática como forma de compreensão do consumo apresenta desafios metodológicos e de incursões empíricas (RECKWITZ, 2002). A presente pesquisa adotou a análise de conteúdo como técnica e utilizou a triangulação de técnicas de coleta de dados.

Inicialmente, foi realizada a categorização do conjunto dados acessados em reportagens, procedentes de fontes populares e de conteúdo exclusivo voltado para os corredores de rua.

Os dados foram extraídos em três diferentes formas de veiculação das notícias. Procurou-se buscar a variação quanto à formatação do conteúdo, que poderia ser impresso, impresso e digital e digital. Outra variação foi quanto à forma de acesso aos dados pelos corredores, que poderia ser paga ou gratuita, bastando para tanto, o acesso à internet.

A análise da prática da corrida de rua utilizando os elementos das práticas como categorias foi promovida pelo confronto das categorias geradas com as categorias propostas a partir dos elementos das práticas.

Verificou-se que os elementos das práticas demonstraram boa aplicabilidade por serem capazes de abranger as rubricas previamente constituídas como subcategorias adjacentes.

Apenas um elemento das práticas foi excluído da grade inicialmente proposta. A categoria de análise “Comportamentos rotineiros” demonstrou melhor aplicabilidade ao ser utilizada como uma condição de entrada de rotinas na constituição de uma prática. A sua aplicação como categoria de análise não demonstrou ser adequada para a prática analisada pela presente pesquisa. Nesse sentido, considera-se que o “comportamento rotineiro” como elemento das práticas parece exercer o papel de condicionante para a interpretação dos demais elementos propostos.

Dois elementos das práticas foram renomeados, com o intuito de melhor adequar seu conjunto de subcategorias. O elemento das práticas inicialmente proposto como “conhecimento prévio” foi reinterpretado e acrescido por características dinâmicas do aprendizado. O elemento passou a ser denominado por “Conhecimento, entendimentos e aprendizado”.

A segunda alteração promovida no modelo, inicialmente proposto, foi relativa ao elemento “Objetos e seu uso”, que envolve as rubricas mais instrumentais do consumo como os produtos e os serviços. Entretanto, a categoria pareceu adequada para abarcar as questões relativas à resistência ao consumo e a economia.

A utilização de objetos ou de apropriações de serviços para realização de uma rotina pareceu estar relacionada com a economia e formas alternativas de consumo. Os dados analisados permitem compreender que ações alternativas foram utilizadas e formas diferentes de rotinas foram propostas quando situações de consumo foram percebidas como caras. As alterações foram promovidas com o objetivo de economizar ou de não consumir certos produtos ou serviços.

Nesse sentido, a categoria foi renomeada para “Objetos, apropriações e utilizações” e envolveu, além de produtos e serviços, a subcategoria “Resistência ao consumo e economia”.

Após as modificações relatadas, o conjunto de categorias propostas foi novamente utilizado para análise dos dados primários coletados pela técnica do grupo de foco e observação não participante.

Esse momento permitiu verificar a aplicabilidade dos elementos das práticas em conjuntos de dados diferentes. Durante as análises da segunda categorização, foram realizados ajustes semânticos nos nomes das categorias que demonstraram boa capacidade de utilização. No entanto, foram criadas duas subcategorias e uma foi extinta. Duas modificações nas nomenclaturas foram promovidas para melhor adequar as unidades de registro analisadas.

A subcategoria “disciplina e determinação” pertencente à categoria “Engajamento”, foi renomeada para “Disciplina, determinação e persistência”. Uma nova subcategoria denominada “Frequência em provas” foi adicionada ao elemento engajamento.

Na categoria “Estados emocionais”, foi acrescida nova subcategoria denominada “Críticas e falta de entendimento”. Uma adaptação semântica foi realizada na subcategoria “Combate ao estresse e depressão” que passou a ser denominada “Corrida como terapia”.

Em relação às interseções de práticas analisadas por meio da categoria “Interseções” a subcategoria “Automedicação” foi extinta e reinterpretada como componente da subcategoria “Maus hábitos” relacionada ao aprendizado.

Outros dois elementos foram acrescidos de termos para melhor adaptação semântica. Nesse sentido o elemento “representações” passou a ser denominado “Representações (atuações)” e o elemento “know-how” foi modificado para “Experiências adquiridas (know-how)”.

A grade final resultou em 12 categorias de análise e subdivisões, que proporcionaram um extenso trabalho de análise da prática da corrida de rua. As considerações sobre as complexidades de abordagem empírica da prática suportam esses resultados (HALKIER; JENSEN, 2011; HIGGINSON et al., 2014; O’REILLY; STONES; BOTTERILL, 2014; SCHATZKI; KNOOR-CETINA; VONSAVIGNY, 2001; SHOVE; PANTZAR, 2005).

Nesse sentido, reforça-se que uma contribuição desta pesquisa foi propor o conjunto de elementos das práticas como categorias utilizadas na análise de conteúdo. Novas incursões empíricas devem ser promovidas buscando aperfeiçoar a utilização dos elementos das práticas como categoria de análise. Conjuntos menores de elementos podem permitir maior profundidade de compreensão de seus papéis dentro de uma prática. Entretanto, como a presente

pesquisa trata de uma proposta inicial, esforços maiores, voltados para apresentação de modelos simplificados, não foram engendrados.

A compreensão da prática da corrida de rua por meio da utilização dos elementos das práticas constitui o segundo objetivo desta pesquisa. Alguns elementos exercem condições de destaque segundo as análises realizadas.

O elemento “conhecimento motivacional” permitiu observar que, inicialmente, as pessoas buscam a corrida de rua como forma alternativa de prática de exercícios. Apesar de compreenderem a necessidade de incrementar atividade física em suas rotinas, outras atividades foram descritas como não atrativas pelo grupo entrevistado. Nesse sentido, o mais relevante é procurar compreender quais elementos explicam a permanência das pessoas na prática analisada.

Os valores universalismo e benevolência, descritos nas análises, parecem sinalizar que, os corredores de rua sentem-se como parte de um grupo solidário para com seus integrantes. Esse grupo parece extrapolar as configurações menores como grupos de corrida ou de amigos que correm juntos. Sua abrangência é percebida em uma grande extensão que parece ser delimitada pelos momentos de encontro, como as provas de rua. Os relatos sobre os corredores iniciantes serem ajudados pelos mais experientes parecem ser relevantes para compreensão da permanência na prática.

A extensão dos objetivos almejados pelos praticantes da corrida de rua demonstrou ser uma questão relevante. Observou-se no elemento “Hierarquias” que dentro da prática existem distâncias que, quando percorridas, permitem diferenciar grupos de corredores por sua capacidade. Entretanto, a corrida pode ser praticada por pessoas que têm objetivos iniciais modestos, como correr sem caminhar o trajeto da pista de um parque, ou completar uma prova de cinco quilômetros. No entanto, à medida que esses objetivos são cumpridos, novos objetivos são traçados em uma curva crescente que parece não ter fim. Mesmo

quando não há mais modificações nas distâncias almeçadas, um conjunto de variações pode motivar novos desafios, que, quando cumpridos são comemorados e representam associação a outros valores como a estimulação, a realização e o hedonismo.

O percurso desempenhado pelos corredores, dentro da prática da corrida de rua, permite compreender a adoção de novas rotinas, associadas por elementos como o engajamento, que parecem acompanhar o grau de dificuldade dos desafios propostos pelos corredores. À medida que novos desafios são traçados, um conjunto de atividades mentais e corporais pode ser incorporado nas rotinas da prática. Novos objetos e serviços passam ser necessários para a concretização das tarefas. No mesmo sentido, práticas em interseção com a corrida de rua parecem ser modificadas.

A corrida de rua enquanto prática parece exercer influência na modificação de outras práticas que constituem as rotinas de seus praticantes. Nas análises realizadas, foram relatadas modificações em outras práticas como as alimentares, o sono e práticas voltadas para recuperação de lesões. Esse conjunto parece ser mais próximo ao desempenho. Práticas sociais e afetivas também foram relatadas, como as rotinas familiares, as viagens e turismo e os relacionamentos como namoro e flertes. Grande parte dos corredores relatou praticar outra modalidade de exercícios físicos como forma de auxílio à corrida de rua.

As análises conduzidas permitem considerar que a prática da corrida de rua é configurada por uma forma complexa de ligações de seus elementos que resultam em um conjunto amplo de momentos de consumo. Esse resultado é caracterizado por representar um contraponto à configuração simples com a qual a corrida pode ser adotada.

O terceiro objetivo desta pesquisa foi descrever o consumo relacionado à corrida de rua com base na teoria da prática. O consumo como consequência das práticas pode ser configurado por diferentes formatações.

O elemento “Conhecimento, entendimentos e aprendizado” foi caracterizado por seu dinamismo que permite que as “Experiências adquiridas” promovam o refinamento dos processos de decisão de compra.

Os corredores de rua aprendem constantemente, por meio de experiências, estudo e leituras e trocas de conhecimento realizadas entre eles. Nesse sentido, o consumo torna-se, por consequência, mais especializado e próximo de necessidades mais elaboradas. Situação que difere dos iniciantes na prática, que aparentam desempenhar momentos de consumo menos elaborados.

A teoria da prática contribui para os estudos do consumo por permitir compreender que ele acontece, como momentos, em razão de configurações variadas entre os elementos descritos pela presente pesquisa.

Apesar de não ser possível encontrar um padrão do consumo dos corredores de rua, a utilização dos elementos da prática contribui no sentido de organizar as complexidades da prática por meio das interconexões das categorias. Nesse sentido, o engajamento parece balizar outros elementos mais ligados à efetivação da prática como as “atividades mentais” e as “atividades corporais” e os “objetos, apropriações e utilizações”.

Entretanto, a efetivação das rotinas parece receber influência por meio de uma disputa entre as práticas que são mais relevantes nas rotinas das pessoas. Esse jogo de forças foi descrito pelos elementos “Interseções” e “Hierarquias”. Os corredores de rua parecem negociar seus elementos, em contraposição ou em acordo, com outros elementos das demais práticas que eles exercem. Nesse sentido, o “engajamento” na corrida de rua pode ser negociado com o elemento “engajamento” em outras práticas. Por conseguinte, o consumo pode acontecer

como resultado da negociação entre o conjunto de práticas que um indivíduo assume na sua rotina.

Essa possibilidade de entendimento pode estar relacionada ao pressuposto assumido, de que os objetos de análise das práticas devem compor um conjunto de rotinas ampliado. As indicações realizadas por Gram-Hanssen (2011) e Hargreaves (2011) consideram que, as práticas poderiam ser mais bem compreendidas pela adoção de “esferas empíricas” da vida cotidiana que permitissem a análise de suas integrações.

O entendimento do consumo dos corredores de rua parece acontecer, quando se busca entender as relações de organização da prática da corrida de rua com outras práticas que constituem as rotinas dos indivíduos.

Os dados analisados pela pesquisa apontam que os corredores de rua possuem uma configuração de rotinas que agrupa poucas práticas que podem ser consideradas centrais ou principais. Essa característica se dá, pelo conjunto de rotinas que essas práticas centrais ou principais englobam. As práticas relativas ao trabalho, as práticas familiares e as práticas sociais parecem atender essas características. No mesmo sentido, a prática da corrida de rua foi demonstrada como um conjunto volumoso e complexo de rotinas que dão significado aos seus momentos de consumo.

### **6.1 Implicações metodológicas**

Ao adotar a teoria da prática como base conceitual para análise do consumo de corredores de rua, desafios metodológicos foram considerados (HALKIER; JENSEN, 2011; SHOVE; PANTZAR, 2005; WARDE, 2014). Com o intuito de buscar um percurso que aproximasse, da melhor maneira possível, as nuances do campo empírico sob o olhar dos pressupostos da teoria da prática, adotou-se uma revisão dos primeiros trabalhos que promoveram incursões empíricas no campo do consumo utilizando a teoria da prática. Estes estudos

foram analisados por meio de uma discussão teórica dos pressupostos da teoria da prática baseada na sistematização dos *affordances* analíticos (HALKIER; JENSEN, 2011) propostos pela presente pesquisa e representados na Figura 14.

Figura 14 - Sistematização dos *affordances* analíticos das práticas.



Fonte: Adaptado de Halkier e Jensen (2011).

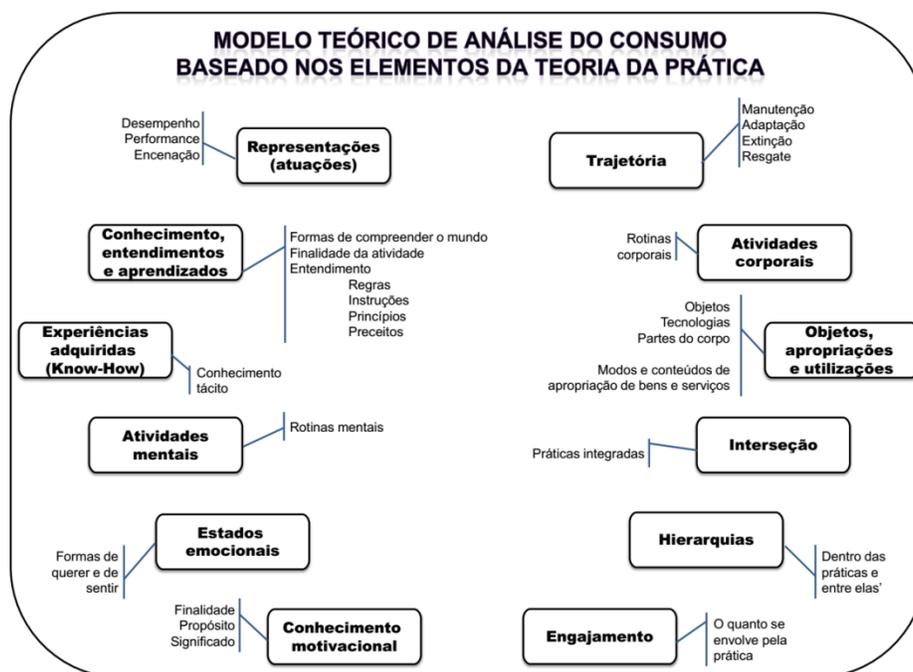
Os estudos revisitados e discutidos, na presente pesquisa, por meio da sistematização dos *affordances* apresentaram uma diversificação metodológica que basearam a opção da triangulação de métodos de coleta de dados e na busca pela variação da origem dos dados coletados neste estudo. Alguns dos trabalhos analisados trouxeram propostas de modelos teóricos de análise como os estudos de Crivits e Paredis (2013), Gram-Hanssen (2011) e Magaudda (2011). Entretanto, com o intuito de realização de uma análise mais abrangente da prática de corrida de rua como uma prática central (esfera empírica do cotidiano) a presente pesquisa apresentou um modelo teórico baseado nos elementos das práticas.

A presente pesquisa contribui ao sistematizar os elementos das práticas como categorias de análise. Além da sistematização dos elementos, as categorias

de análise inicialmente geradas no campo empírico das corridas de rua foram confrontadas com o modelo teórico proposto por meio da utilização da análise de conteúdo.

Esse caminho metodológico, da análise de conteúdo, permitiu verificar a eficácia dos elementos das práticas como categorias de análise para compreensão do consumo no campo empírico das corridas de rua. Nesse sentido, é proposto um modelo teórico de análise do consumo baseado nos elementos da teoria da prática (Figura 15).

Figura 15 - Modelo teórico de análise do consumo: baseado nos elementos da teoria da prática.



Fonte: Do autor (2016).

A presente pesquisa contribui para uma maior aproximação da teoria com as propostas empíricas de investigação por meio da sistematização dos

elementos das práticas como categorias de análise. Nesse sentido, foi apresentado um quadro ilustrativo com a aplicação dos elementos das práticas como categorias de análise e as subcategorias abarcadas por cada um de seus elementos (Quadro 24, p. 184) para favorecer o entendimento da dinâmica e complexidade do consumo em campos empíricos.

A análise dos dados apresentados permitiu algumas reflexões teóricas que serão apresentadas a seguir.

## **6.2 Implicações teóricas**

A utilização do modelo teórico de análise apresentado na presente pesquisa permitiu verificar a complexidade de organizações entre os elementos das práticas conforme Reckwitz (2002) sugeriu. Apesar da quantidade relevante de categorias de análise dispostas no modelo. Os elementos das práticas foram base de diversas rotinas identificadas como subcategorias.

A riqueza dos elementos das práticas assumidos como categorias de análise permite confirmar os pressupostos das práticas serem compreendidas pela configuração de seus elementos (RECKWITZ, 2002; WARDE, 2005).

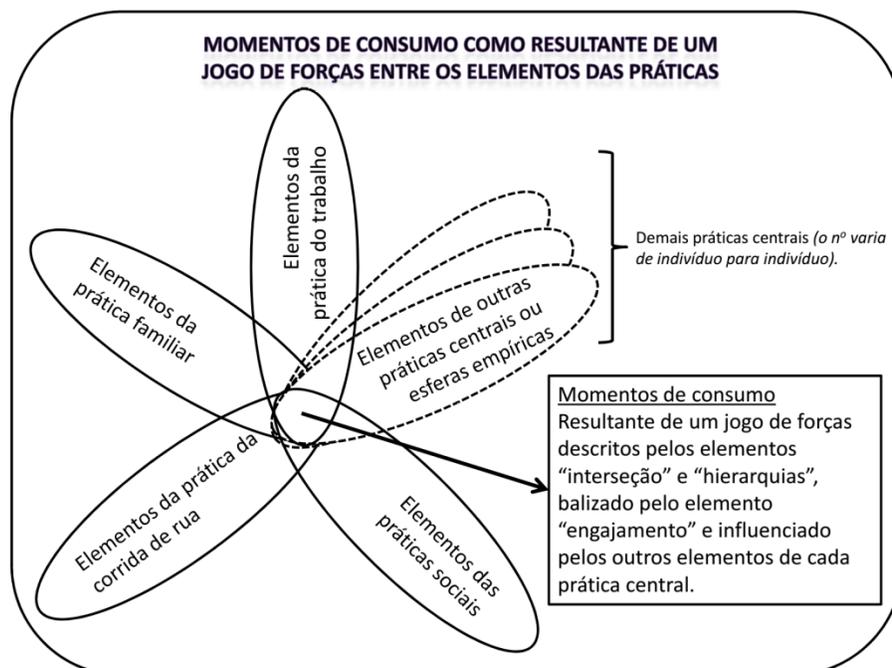
No entanto, cabe ressaltar as considerações de Hargreaves (2011) sobre os campos empíricos de estudos da prática. O autor defendeu que os momentos de consumo dentro das práticas deveriam ser estudados em campos empíricos não isolados e sugeriu campos como esferas empíricas que reúnem grupos de rotinas cotidianas como os domicílios ou trabalho.

A presente pesquisa destaca as rotinas de preparação e disputa de corridas de rua como um campo empírico ampliado ou uma esfera empírica capaz de abranger conexões, alianças e conflitos entre as práticas conforme sugerido por Hargreaves (2011) e Gram-Hanssen (2011) ao criticarem estudos que adotavam práticas isoladas. Nesse sentido, é possível apontar algumas considerações como implicações teóricas.

O melhor entendimento do consumo ao utilizar-se da teoria da prática parece acontecer mediante a observação da negociação que as pessoas promovem entre as rotinas que elas se inserem contidas em práticas centrais ou esferas empíricas.

As esferas empíricas capazes de aglutinar hábitos e influenciar no consumo das pessoas parecem não ser numerosas nas rotinas atuais dos indivíduos. As categorias analisadas sugerem que a prática da corrida de rua constitui uma prática central ou esfera empírica e compõem um conjunto com outras esferas empíricas. De uma maneira geral, as esferas empíricas ou práticas centrais dos corredores de rua são a própria prática da corrida de rua, práticas do trabalho, práticas sociais e as práticas familiares. Entretanto, existem outras práticas centrais que podem estar presentes nas rotinas dos corredores de rua como práticas religiosas, práticas relacionadas ao estudo e outras mais que podem variar de acordo com as rotinas das pessoas (Figura 16).

Figura 16 - Momentos de consumo como resultante de um jogo de forças entre os elementos de práticas centrais (esferas empíricas).



Fonte: Do autor (2016).

Esse conjunto de práticas centrais parece ser organizado no cotidiano das pessoas pela forma como as pessoas se engajam em cada uma delas. Aparentemente existe um jogo de forças que pode ser descrito pelos elementos das práticas “interseções” e “hierarquias” e influenciado pela configuração dos demais elementos do modelo de análise. Os momentos de consumo parecem ser resultantes desta organização do coletivo de práticas centrais ou esferas empíricas de um indivíduo.

Nesse sentido, a presente pesquisa ratifica as indicações de Gram-Hanssen (2011) e Hargreaves (2011) de que o consumo pode ser mais bem entendido ao utilizar-se da teoria da prática para a observação da negociação que as pessoas promovem entre as rotinas que elas se inserem. Nesse sentido,

acrescenta-se que as negociações acontecem não só entre as rotinas, mas entre seus elementos e, por conseguinte, influenciam os momentos de consumo que acontecem como resultantes do jogo de forças apresentado.

### **6.3 Implicações gerenciais**

A pesquisa realizada apresenta contribuições potenciais para alguns atores do mercado das corridas de rua. Ressalta-se que o foco das descrições está situado no corredor de rua que consome, em princípio, os eventos promovidos nesse setor. Entretanto, o consumo analisado com base na teoria da prática foi considerado pela presente pesquisa como uma ação resultante das rotinas dos corredores de rua. O consumo acontece para além das provas de corrida de rua e incorpora diversos segmentos, situações e serviços. Nesse sentido, para melhor compreensão das implicações gerenciais resultantes da presente pesquisa, estas foram subdivididas em alguns tópicos em acordo com os principais setores envolvidos com a prática da corrida de rua.

#### **6.3.1 Implicações para as assessorias esportivas e treinadores**

Grande parte da rotina dos corredores se concentra nos treinamentos e preparação para as competições. Nesse sentido, os corredores de rua buscam serviços que os auxiliem a conquistar seus objetivos. Destacam-se dos demais prestadores de serviço para os corredores de rua, as assessorias esportivas e os treinadores.

Os prestadores de serviços que atendem esses clientes vão encontrar um público que busca conhecimentos reativos ao treinamento, a fisiologia do exercício, a nutrição, ao uso de produtos e tecnologias dentre outros temas. Acompanhar as atualizações e estudar os temas que figuram entre os corredores de rua parece ser condição relevante para conseguir superar as expectativas dos corredores de rua.

Grande parte dos corredores de rua busca informações relativas às rotinas de treinamento, alimentação, suplementação e equipamentos diversos que podem variar das tecnologias ao vestuário. Entretanto, a diversificação e disseminação de conteúdo sobre as corridas de rua parecem suscitar a confirmação da informação com corredores mais experientes e com os profissionais da área.

Os profissionais que trabalham como orientadores dos grupos ou das pessoas de forma individual exercem um papel importante de formadores de opinião na cadeia do consumo dos corredores de rua. Esse papel merece atenção especial e pode ser útil quanto à conscientização de sua relevância para ações estratégicas. Essas ações podem compreender a formação de parcerias com marcas esportivas, varejistas locais, prestadores de serviços e promotores de eventos.

As relações sociais em um grupo de corredores de rua parecem exercer papel de extrema relevância, sendo capaz de influenciar diversas nuances e áreas de consumo. Apesar de os grupos de corrida, formalmente constituídos com base na prestação de serviços, atenderem um conjunto heterogêneo de corredores que possuem necessidades diferentes. Os profissionais que trabalham nos grupos são elementos de ligação dos diversos segmentos atendidos por uma organização como a assessoria esportiva.

Nesse sentido, os responsáveis por esses grupos devem evitar considerar os corredores atendidos, como um segmento único de clientes e podem criar grupos de prestação de serviços e de produtos diferenciados para cada nível de experiência de seus praticantes. Os diferentes níveis podem compreender diferentes rotinas que, por conseguinte, possuem configurações distintas dos elementos das práticas.

Os objetivos dos corredores de rua foram identificados com uma característica de grandes variações que podem ser implementadas

gradativamente, gerando assim, novos desafios que podem ser trabalhados de maneira paulatina. Nesse sentido, cabe destaque que a solidez das informações transmitidas aos corredores deve ser um tópico de extremo cuidado.

O trabalho das assessorias e treinadores pode centralizar uma rede de prestação de serviços que compreende os treinamentos, a comercialização de produtos de vestuário e tecnológicos, as inscrições em provas, os pacotes de viagens, a área nutricional e de suplementação com serviços e produtos e a área de prevenção e recuperação de lesão. Não cabe aqui esgotar a totalidade do escopo de serviços e produtos demandados por corredores de rua, podemos citar outros serviços como os de psicólogos e de médicos de diversas especialidades.

Entretanto, cabe reforçar que o *know-how* dos corredores podem configurar exigências e configurações de redes de serviços e fornecedores de produtos diferenciados ao longo dos objetivos. Os corredores iniciantes apresentam dificuldades mais acentuadas com questões relativas ao treinamento e preparação para as corridas com dúvidas que podem ser banais para os corredores mais experientes. Nesse sentido, cabe aos profissionais que trabalham com o treinamento ou em assessorias esportivas dedicar atenção a esse respeito. Bem como, cabe considerar que à medida que os objetivos vão sendo escolhidos, novas configurações de rotinas e, por conseguinte, de serviços e produtos também devem ser pensadas.

O papel do profissional das assessorias ou treinador como figura central da rede pode ser baseado na frequência do relacionamento com o corredor de rua, na credibilidade das informações que são passadas e na qualidade das programações que podem ser propostas e estimuladas entre os clientes desse setor.

Devido à diversificação das configurações dos elementos das práticas e do nível de experiência dos corredores, outra decisão estratégica interessante seria a especialização em segmentos de mercado específicos. Os prestadores de

serviços do setor podem organizar entre si nichos específicos por níveis de especialização dos corredores de rua, garantindo assim, melhor adequação às necessidades específicas de corredores que podem possuir níveis distintos. Entretanto, seria interessante o trabalho com outros prestadores de serviços em assessorias especializadas nos níveis não atendidos para que se cubra todo o espectro da demanda.

Os profissionais desse setor devem sempre atentar para ações que promovam e, ao mesmo tempo, não prejudiquem o engajamento dos corredores de rua. O engajamento não acontecerá da mesma maneira por todos e será negociado com outras práticas centrais das rotinas das pessoas. Nesse sentido, cabe ao profissional saber que existem outras rotinas que às vezes vão concorrer com a corrida de rua, entretanto as outras rotinas podem acontecer em interseção com as rotinas das provas e treinamento.

As ações de aproximação com outras práticas das rotinas dos corredores podem e devem ser promovidas. Eventos familiares, treinamentos que possam contemplar programas para os cônjuges ou filhos e até mesmo para os pais dos corredores podem ser exemplos de atividades que auxiliem na organização das rotinas das pessoas. Outra ação interessante seria a compreensão da rotina individual de cada corredor e a programação dos treinamentos adaptados à realidade de cada um, apresentando uma negociação clara em função dos objetivos traçados ao início de cada temporada de treinamento.

### **6.3.2 Implicações para os promotores de eventos**

Como implicação principal aos promotores de evento, cabe o destaque de que boa parte dos entrevistados relatou insatisfação com relação aos preços praticados na comercialização das taxas de inscrição. Ações promocionais e educativas devem ser sistematizadas para melhor adequar a situação dos corredores que “vão na pipoca”. Essa prática merece atenção por parecer

rotineira e bem aceita por corredores que têm menos interesse nas características de certas provas.

Entretanto, a diversificação de características das corridas aparenta contribuir para criação da identidade do evento. Foi identificado nesta pesquisa que corridas organizadas por diferentes grupos ou patrocinadores e que são realizadas com trajetos semelhantes a outras já realizadas, parecem motivar menos os corredores.

Variações no formato da disputa demonstraram boa capacidade de motivação para a participação dos corredores. Podem ser destacadas, as corridas de revezamento, corridas com reguladores de desempenho, como carros com velocidade constante que eliminam os corredores que são ultrapassados por eles e provas conjugadas com obstáculos. A inovação das regras pareceu ser bem percebida pelos corredores de rua. Novos eventos precisam ser antecedidos por análises que identifiquem possíveis características de diferenciação de outros eventos e que permitam criar identidade.

Os corredores parecem compor um público contemporâneo do esporte que além de espectador, participa ativamente dos eventos na condição de corredor de rua e, principalmente, se divulga por meio das redes sociais. Nesse sentido, as características dos eventos promovidos devem servir como elemento de diferenciação e fácil identificação no mercado para que possam ser divulgadas em conjunto com os corredores que se projetam como grandes atores nas redes sociais.

Os eventos devem criar condições de comparações longitudinais do desempenho individual dos corredores. Ou seja, o corredor deve ser motivado a voltar na próxima edição do evento para superar sua marca anterior. Nesse sentido, as ações de promoção e divulgação de eventos devem ser antecipadas, a ponto de permitir o agendamento e a organização por parte dos corredores.

O planejamento parece ser uma característica uníssona entre os corredores de rua mais engajados, que acabam transferindo esse traço para outras áreas de suas vidas. As corridas de rua que são promovidas em prazos curtos de divulgação, inscrições e realização parecem não solidificar seus adeptos e, por conseguinte, não se destacam como bem avaliadas pelos corredores.

Ações promocionais que destaquem características arquitetônicas e visuais como a paisagem local como elementos de diferenciação parecem exercer efeito positivo nos corredores. Dentro do mesmo objetivo, as viagens realizadas pelos corredores para localidades com características climáticas ou de vegetação diferenciadas podem ser mais bem exploradas. Sugere-se a organização paralela de eventos para a família ou para acompanhantes que não participam das corridas. Programas culturais, gastronômicos e sociais podem ser agregados à relação de atrativos de um evento de corrida de rua que pode atender além dos corredores.

Ações para grupos específicos de clientes podem ser pensadas como corridas que atendam segmentos corporativos, grupos profissionais e eventos específicos que podem acrescentar em suas programações as provas de corrida de rua como diferencial.

Por fim, os promotores de eventos, podem utilizar os meios de comunicação atuais para implementar ações de pesquisa e controle para mensurar o efeito de suas promoções e estratégias adotadas. O modelo teórico desta pesquisa indica que as percepções sobre a corrida de rua estão associadas positivamente a aspectos subjetivos, como a melhores condições emocionais, aspectos ligados à superação pessoal que são transferidos para outras rotinas. Bem como, existe a proximidade e fácil identificação de valores de vida que são associados com a prática da corrida de rua que podem ser adequados até mesmo às estratégias de diferenciação dos eventos.

### 6.3.3 Implicações para os patrocinadores

O modelo teórico utilizado para pesquisar a prática da corrida de rua concentra informações interessantes sobre o comportamento de consumo dos investigados. À medida que o engajamento dos corredores de rua aumenta o conhecimento a respeito da prática ganha proporções consideráveis. Nesse sentido, os corredores de rua aprendem sobre temas voltados para o treinamento e a preparação física, aspectos ligados à nutrição e *performance*, saúde, planejamento dentre outros. As marcas que apoiam esses eventos vão figurar entre um público grandioso de características sociodemográficas variadas. Entretanto, os corredores de rua, parecem apresentar uma característica central de aprendizado de conceitos voltados para a atividade fim que pode ser mais bem explorada por seus patrocinadores.

No mesmo sentido das implicações de diferenciação de eventos realizados na seção dedicada aos promotores das corridas de rua, os patrocinadores podem trabalhar a questão da diferenciação de suas marcas por apoiar eventos com características que podem ser paralelamente identificadas junto aos eventos e às marcas. Segmentos de mercado ainda pouco explorados e o público que acompanha os corredores de rua parecem representar oportunidades para marcas e empresas patrocinadoras de eventos dessa natureza.

O componente lúdico também faz parte da rotina dos eventos e podem ser associados aos eventos, com variações de regras que contemplem pontos de venda, localidades e paisagens que possam destacar as marcas ou os produtos dos patrocinadores. No mesmo sentido, os eventos regionais sazonais como festas tradicionais de culturas regionais podem agregar eventos do gênero e promover marcas e produtos.

As empresas patrocinadoras podem utilizar, em maior escala, o pós-evento para melhor divulgação de suas ações e promoções por meio das redes sociais e dos aplicativos que já fazem parte das rotinas dos corredores. O evento

da corrida de rua possui uma extensão além da prova que tanto antecede quanto permanece nas redes sociais que pode ser utilizado para ações de promoção que ajudem a fixar as marcas, produtos e mensagens dos patrocinadores dos eventos.

Assim como foi sugerido aos promotores de evento a organização de campanhas contra os maus hábitos de corredores, patrocinadores podem promover ações antecipadas de campanhas educativas de boas práticas nas corridas de rua. No mesmo sentido, boas práticas associadas ao esporte e estendidas às rotinas das pessoas podem carrear mensagens agregadas aos hábitos de vida dos corredores de rua.

Atualmente, percebe-se que corridas com formatos e regras tradicionais estão associadas a marcas de diversos segmentos. Nesse sentido, cabe aos executivos de *marketing* das empresas buscarem integrar suas ações de patrocínio a eventos que tenham potencial de diferenciação. No mesmo sentido, cabe pensar na corrida como uma etapa da promoção de suas marcas, mensagens e produtos e buscar contemplar o universo complexo descrito pelos elementos das corridas de rua para fortalecer suas campanhas.

A corrida de rua demonstrou ser capaz de compor uma prática central na rotina dos corredores. Estas práticas centrais parecem compor uma relação seleta de rotinas nas vidas das pessoas. Nesse sentido, a corrida de rua, quando bem analisada pode permitir a marca ou ao produto do patrocinador uma inserção que extrapole o evento e integre o cotidiano dos praticantes desse esporte, bem como, das pessoas que os acompanham.

#### **6.3.4 Implicações para os prestadores de serviços e para o varejo**

O planejamento parece ser uma característica fortemente ligada aos corredores de rua. Nesse sentido, os serviços oferecidos aos corredores de rua devem ser pensados de forma antecipada e incluídos no conjunto de ações que são estabelecidas para a conquista das metas almejadas.

Como já mencionado, as assessorias podem ofertar um escopo maior de serviços que contemple as necessidades dos corredores em função das complexidades que parecem emergir quando objetivos maiores são traçados. Redes de prestadores de serviços especializadas e integradas parecem ser adequadas.

A prevenção e recuperação de lesões de atletas parecem compor um mercado que carece de profissionais da saúde menos generalistas e dispostos a compreender a situação de privação da prática vivenciada pelos corredores, bem como as necessidades e demandas geradas pela prática.

Dentre os elementos do modelo teórico utilizado nesta pesquisa, o “conhecimento, entendimentos e o aprendizado” parece ser o elemento mais relevante para os profissionais da linha de frente nas vendas de produtos ou na entrega dos serviços. À medida que os corredores de rua se engajam na prática, seu conhecimento sobre os elementos se refina e a percepção de valor parece ficar mais apurada. Recomenda-se para o setor de serviços e comércio ações de treinamento e capacitação de seus colaboradores. Pois a manutenção de clientes e a recompra que são objetivos do *marketing*, parecem ser tarefas que ficarão complexas em função do aprendizado.

Nesse sentido, seria interessante que os prestadores de serviços e os consultores de venda acompanhassem de perto as temáticas que são discutidas no cotidiano dos corredores de rua. Tendências tecnológicas, variações no treinamento, alimentação e técnicas de prevenção de lesões estão entre os tópicos que parecem auxiliar esses profissionais.

As redes sociais compõem um conjunto de informações relevantes para o varejo e para o setor de serviços, entretanto ações que visem filtrar as informações corretas sobre percepções de corredores experientes e profissionais da área sobre produtos e serviços parecem ser adequadas para melhor preparar as equipes de vendas e serviços.

O comportamento de compra dos corredores de rua foi descrito pela presente pesquisa como um conjunto de configurações dos elementos do modelo teórico utilizado. Além disso, o consumo parece acontecer como resultante da organização das rotinas das pessoas balizadas pelos diferentes engajamentos que elas possuem em práticas centrais. Os setores de serviços e varejo podem utilizar da informação sobre as rotinas dos corredores como elemento de diferenciação e de relacionamento com os clientes para buscar melhorar a lealdade dos corredores de rua.

Nesse sentido, as características funcionais dos produtos e serviços podem ser mais bem transmitidas ao se compreender os elementos do modelo teórico como as atividades mentais, os estados emocionais e o conhecimento motivacional. Estes elementos parecem explicar melhor o contexto psíquico dos corredores de rua. No mesmo sentido, seria interessante entender como os elementos de organização das práticas no cotidiano dos corredores são percebidos por seus clientes. As “hierarquias”, “interseção” e “engajamento” podem fornecer informações relevantes sobre a frequência de compra de produtos e serviços, sobre como são organizados os momentos de consumo entre as práticas centrais dos corredores de rua, bem como, sobre o quanto cada etapa ou nível almejado exige dos corredores em termos de dedicação e investimento.

Por fim, os setores de serviço e varejo voltados para os corredores de rua deveriam monitorar como a corrida de rua vem sendo percebida e modificada por seus praticantes ao longo do tempo para melhor promover o relacionamento com os clientes deste setor considerando o contexto histórico em que são inseridos.

#### **6.4 Limitações da pesquisa**

Como em toda investigação científica, a presente pesquisa apresentou limitações. Entre as limitações da presente pesquisa destaca-se o tempo. Seria necessário um recorte temporal maior para verificações de dados que pudessem

contribuir de forma mais substancial nas análises realizadas quanto à trajetória da prática.

Uma das técnicas de coleta de dados utilizadas por esta pesquisa foi a de grupos de foco. Essa técnica pode gerar omissões por parte dos entrevistados, devido ao compartilhamento de informações em público poder constranger alguns entrevistados. Entretanto, ressalta-se que os grupos transcorreram em um clima amistoso e colaborativo seguindo as sugestões, encontradas na literatura, para melhor execução da técnica. Os grupos acessados foram compostos por pessoas que já se conheciam e compartilham rotinas e experiência, considerações que podem minimizar desconfortos.

Outro limitante da pesquisa pode estar relacionado às características regionais do campo empírico onde os dados foram coletados. Entretanto cabe considerar que o objeto de análise demonstra ser uma prática globalizada e que essa característica sugere minimizar os efeitos da regionalização. Outra tentativa realizada para minimizar este possível viés, se deu pelo fato da utilização de fontes de dados secundários de abrangência nacional.

### **6.5 Sugestões para pesquisas futuras**

Sugere-se a continuidade das pesquisas por meio da utilização das categorias resultantes da presente pesquisa em dados secundários, acessados em diferentes fontes, como nas redes sociais. No mesmo sentido, espera-se que os dados apresentados pela presente pesquisa possam subsidiar pesquisas de natureza quantitativa.

Outros estudos podem ser conduzidos por meio da técnica de entrevista em profundidade. Estudos etnográficos aparentam ser apropriados para compor a variação de métodos para a continuidade desta pesquisa.

Novas investigações podem ser promovidas com organizadores e demais membros da cadeia produtiva de serviços e produtos voltada para as corridas de rua.

Verificou-se nesta pesquisa a existência de grupos de corrida que são incentivados e mantidos por empresas com o objetivo de proporcionar melhor qualidade de vida para seus colaboradores. Essa configuração da prática da corrida de rua aparenta ser um campo profícuo para futuras pesquisas.

A corrida de rua parece ser praticada por pessoas que buscam diversas maneiras de combater a monotonia que a ação de correr pode gerar. Novos estudos podem ser conduzidos com o objetivo de identificar como os elementos das práticas são utilizados para esse fim.

Por fim, sugere-se a reprodução dessa pesquisa com grupos de corredores de classes sociais delimitadas, como a base da pirâmide. Essa sugestão é suscitada por inquietações a respeito da utilização da teoria da prática para compreensão de rotinas sob a privação de recursos.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L.; KJELLBERG, H.; SPENCER, R. Market practices and forms: introduction to the special issue. **Marketing Theory**, London, v. 8, n. 1, p. 5-14, Mar. 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 281 p.

BARNFIELD, A. Grasping physical exercise through recreational running and non-representational theory: a case study from Sofia, Bulgaria. **Sociology of Health & Illness**, Boston, v. 38, n. 7, p. 1121-1136, Sept. 2016.

BASTOS, F. da C.; PEDRO, M. A. D.; PALHARES, J. M. Corrida de rua: análise da produção científica em universidades paulistas. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, MG, v. 17, n. 2, p. 76-86, 2009.

BEAXTER, L. A.; BABBIE, E. **The basics of communication research**. Belmont: Wadsworth, 2004. 480 p.

BORELLI, F. C. A practice theory e o estudo do consumo: reforçando o chamado de Alan Warde. In: ENCONTRO DE MARKETING DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 5., 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2012. p. 1-11. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/adm/pdf/2012\\_EMA167.pdf](http://www.anpad.org.br/adm/pdf/2012_EMA167.pdf)>. Acesso em: 2 abr. 2014.

BORELLI, F. C. **Consumo responsável sob a perspectiva prático- teórica: um estudo etnográfico em uma ecovila**. 2013. 244 p. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BROWNE, A. L. Can people talk together about their practices? Focus groups, humour and the sensitive dynamics of everyday life. **Area**, London, v. 48, n. 2, p. 198-205, June 2015.

BUGGE, A. B.; ALMAS, R. Domestic dinner: representations and practices of a proper meal among young suburban mothers. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 6, n. 2, p. 203-228, July 2006.

BUTLER, K. A. et al. Perceived value of using energy efficiently among low-income older residents. In: **WORLD SOCIAL MARKETING CONFERENCE**, 4., 2015, Sydney. **Proceedings....** Wollongong: University of Wollongong Austrália, 2015. p. 55. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=2782&context=sspapers>>. Acesso em: 2 abr. 2014.

CAMPOS, T. M.; MORAES, M. B.; LIMA, E. Um estudo sobre a caracterização dos empreendedores das redes ligados aos circuitos de corrida de rua. **Latin American Journal of Business Management**, Taubaté, v. 6, n. 3, p. 70-92, jul./dez. 2015.

COHN, S. From health behaviours to health practices: an introduction. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **From health behaviours to health practices: critical perspectives**. London: Blackwell, 2014. chap. 1, p. 1-7.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **O atletismo- origem**. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/atletismo/origem.asp>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

CRIVITS, M.; PAREDIS, E. Designing an explanatory practice framework: local food systems as a case. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 13, n. 3, p. 306-336, June 2013.

ECHEVERRI, P.; SKALEN, P. Co-creation and co-destruction: a practice-theory based study of interactive value formation. **Marketing Theory**, London, v. 11, n. 3, p. 351-373, Oct. 2011.

E-LIVE. **MARKETING-RESEARCH Perfil dos corredores nas redes sociais**. Disponível em: <<https://www.mundodomarketing.com.br/inteligencia/pesquisas/267/perfil-dos-corredores-nas-redes-sociais.html> ou <http://pt.slideshare.net/Elife2009/perfil-dos-corredores-30130541>> . Acesso em: 13 abr. 2014.

FELT, U.; FELDER, K.; PENKLER, M. How differences matter: tracing diversity practices in obesity treatment and health promotion. **Sociology of Health & Illness**, Boston, v. 20, n. 20, p. 1-16, June 2016.

FERREIRA, J. et al. Percepções de marca e comportamento do corredor de rua. **UNOPAR Revista de Ciências Jurídicas e Empresariais**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 3-13, Mar. 2015.

FERREIRA, V. R.; BENTO, A. P. N.; SILVA, M. R. Consumo alimentar, perfil antropométrico e conhecimentos em nutrição de corredores de rua. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 6, p. 457-461, dez. 2015.

FLICK, U. **An introduction to qualitative research**. 5<sup>th</sup> ed. London: Sage, 2014. 528 p.

FUNK, D. C.; TOOHEY, K.; BRUUN, T. International sport event participation: prior sport involvement; destination image; and travel motives a cultural and gender perspective on international sport event motivation. **European Sport Management Quarterly**, Sydney, v. 7, n. 3, p. 227-248, 2007.

GRAM-HANSSSEN, K. Understanding change and continuity in residential energy consumption. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 11, n. 1, p. 61-78, Mar. 2011.

GREGSON, N.; METCALFE, A.; CREWE, L. Practices of object maintenance and repair: how consumers attend to consumer objects within the home. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 9, n. 2, p. 248-272, June 2009.

HALKIER, B.; JENSEN, I. Methodological challenges in using practice theory in consumption research. Examples from a study on handling nutritional contestations of food consumption. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 11, n. 1, p. 101-123, Mar. 2011.

HALKIER, B.; KATZ-GERRO, T.; MARTENS, L. Applying practice theory to the study of consumption: theoretical and methodological considerations. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 11, n. 1, p. 3-13, Mar. 2011.

HAND, M.; SHOVE, E. Condensing practices: ways of living with a freezer. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 7, n. 1, p. 79-104, Mar. 2007.

HARGREAVES, T. Practice-ing behaviour change: applying social practice theory to pro-environmental behaviour change. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 11, n. 1, p. 79-99, Mar. 2011.

HENNING, A. D. Health culture and running: non-elite runners' understandings of doping and supplementation. **Journal of Amateur Sport**, Lawrence, v. 1, n. 2, p. 51-77, 2015.

HIGGINSON, S. et al. Can practice make perfect (models)? Incorporating social

practice theory into quantitative energy demand models. In: BEHAVIOR AND ENERGY EFFICIENCY CONFERENCE, 3., 2014, Oxford. **Proceedings....** Oxford, 2014. p. 1-17. Disponível em: <<https://dspace.lboro.ac.uk/dspace-jspui/bitstream/2134/15975/1/Higginson,%202014,%20Can%20practice%20make%20perfect%20models.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2014.

HITCHINGS, R. People can talk about their practices. **Area**, London, v. 44, n. 1, p. 61-67, Mar. 2012.

HUANG, F. Influence of health anxiety on road runners' attitudes toward smart wearable devices. **International Journal of Web Applications**, Washington, v. 7, n. 4, p. 145-150, Dec. 2015.

HUI, A. Things in motion, things in practices: how mobile practice networks facilitate the travel and use of leisure objects. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 12, n. 2, p. 195-215, June 2012.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS. **Rules & Regulation**. Disponível em: <<https://www.iaaf.org/about-iaaf/documents/rules-regulations>>. Acesso em: 2 abr. 2014.

KERRIGAN, F. et al. "Gimme shelter": experiencing pleasurable escape through the musicalisation of running. **Marketing Theory**, London, v. 14, n. 2, p. 147-166, June 2014.

KRUGER, M.; SAAYMAN, M. Who are the comrades of the comrades marathon? **South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation**, Stellenbosch, v. 35, n. 1, p. 71-92, Jan. 2013.

LADEIRA, W.; DALMORO, M. Suscetibilidade à influência interpessoal e valor percebido no consumo de tênis de corrida. **Pretexto**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 134-153, jan./mar. 2012.

LIPSCHUTZ, R. D.; WIT, D. de; BELL, K. Practicing energy or energy consumption as social practice. In: BEHAVIOR, ENERGY & CLIMATE CHANGE CONFERENCE, 2015, Sacramento. **Proceedings...** Berkeley: University of California, 2015. p. 1-37. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/1vs503px>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

LOUGH, N. L.; PHARR, J. R.; OWEN, J. O. Runner identity and sponsorship: evaluating the rock “n” roll marathon. **Sport Marketing Quarterly**, Morgantown, v. 23, n. 4, p. 198-211, Dec. 2014.

LOURENÇO, T. As corridas de rua no Brasil - um resumo. In: DACOSTA, L. (Ed.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 8248-8249.

MAGAUDDA, P. When materiality “bites back”: digital music consumption practices in the age of dematerialization. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 11, n. 1, p. 15-36, Mar. 2011.

MARCOLINI, B. Economia de fôlego. Um mercado que corre. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 3-7, jan. 2014.

MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G.; FREITAS, F. P. R. de. Registros da maratona em jogos olímpicos para a difusão em aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 463-471, jul./set. 2012.

MCGEHEE, N. G.; YOON, Y.; CARDENAS, D. Involvement and travel for recreational runners in North Carolina. **Journal of Sport Management**, Champaign, v. 17, n. 3, p. 305-324, July 2003.

MONTARDO, S. P. Consumo digital e teoria de prática: uma abordagem possível. **Revista Famecos Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-15, jun./ago. 2016.

MORAES, C. et al. Understanding ethical luxury consumption through practice theories: a study of fine jewellery purchases. **Journal of Business Ethics**, Dordrecht, p. 1-19, Oct. 2015. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10551-015-2893-9>>. Acesso em: 2 abr. 2014.

MORGAN, D. L. Focus groups. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 22, n. 1, p. 129-152, Aug. 1996.

MORGAN, D. L.; SPANISH, M. T. Focus groups: a new tool for qualitative research. **Qualitative Sociology**, New York, v. 7, n. 3, p. 253-270, Sept. 1984.

MORING, C.; LLOYD, A. Analytical implications of using practice theory in workplace information literacy research. **Information Research**, Lund, v. 18, n. 3, p. 1-12, Sept. 2013.

MYLAN, J. Understanding the diffusion of sustainable product-service systems: insights from the sociology of consumption and practice theory. **Journal of Cleaner Production**, Amsterdam, v. 97, p. 13-20, June 2015.

NEWLAND, B. L.; CHALIP, L.; IVY, J. L. Coping with a cluttered marketplace: athlete choice of products to support training. **Journal of Sport Management**, Champaign, v. 27, n. 1, p. 59-72, Jan. 2012.

NIADA, A. C. M.; BAPTISTA, P. de P. Hierarquia de metas do consumidor para diferentes níveis de autoconexão com a marca: um estudo sobre a relação dos corredores de rua com a marca de sue tênis de corrida. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 14, n. 5, p. 140-176, out. 2013.

O'REILLY, K.; STONES, R.; BOTTERILL, K. Lifestyle migration in east Asia: integrating ethnographic methodology and practice theory. In: **SAGE Cases in Methodology**. London, 2014. 24 p. Disponível em: <<https://dspace.lboro.ac.uk/dspace-jspui/bitstream/2134/15699/3/Sage%20cases%20in%20methodology%20version%204%20KOR.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2014.

OLBERDING, D. J.; JISHA, J. 'The flying pig': building brand equity in a major urban marathon. **Sport Marketing Quarterly**, Morgantown, v. 14, n. 3, p. 191-196, Sept. 2005.

PLESSZ, M. et al. How consumption prescriptions affect food practices: assessing the roles of household resources and life-course events. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 16, n. 1, p. 101-123, Mar. 2016. 2014.

RAFFERTY, K. Class-based emotions and the allure of fashion consumption. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 11, n. 2, p. 239-260, July 2011.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, London, v. 5, n. 2, p. 243-263, May 2002

RIBEIRO, A. R.; COSTA, L. P. da. Eventos de corrida de rua em Fortaleza - CE como comunicação de marca. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 197-210, 2013.

RIBEIRO, C.; LOVISOLO, H. Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 401-410, jul./set. 2013.

ROSA, D. A.; MELLO, M. T. de; SOUZA-FORMIGONI, M. L. O. Dependência da prática de exercícios físicos : estudo com maratonistas brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, , v. 9, n. 1, p. 9-14, jan./fev. 2003.

ROSE, J.; JONES, M. The double dance of agency: a socio-theoretic account of how machines and humans interact. **System, Signs & Actions**, Linköping, v. 1, n. 1, p. 19-37, June 2005.

SALGADO, J.; CHACON-MIKAHIL, M. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 90-99, 2006.

SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary theory**. New York: Routledge, 2001. 256 p.

SCHATZKI, T. R. **Social practices**: a wittgensteinian approach to human activity and the social. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. 260 p.

SCHATZKI, T. R. **The site of the social**: a philosophical exploration of the constitution of social life and change. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2002. 320 p.

SCHOBER, M.; CONRAD, F. Does conversational interviewing reduce survey measurement error? **Public Opinion Quarterly**, Oxford, v. 1, p. 576-602, Dec. 1997.

SCHREIBER, T. Conceptualizing students' written assignments in the context of information literacy and Schatzki's practice theory. **Journal of Documentation**, London, v. 70, n. 3, p. 346-363, 2014.

SHOVE, E.; PANTZAR, M. Consumers, producers and practices: understanding the invention and reinvention of Nordic walking. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 5, n. 1, p. 43-64, Mar. 2005.

SILVA, A. M. E; HALPERN, E. E. O valor de ligação da corrida de rua na união de indivíduos em tribos contemporâneas: um estudo etnográfico. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 37., 2013. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013. 1 CD-ROM.

SILVEIRA, S. L. L. DA; SETTE, R. DE S.; TURETA, C. A estratégia como uma prática social: em busca do que seja “Fazer Estratégia”. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 31., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador, 2006. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-esoa-2615.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2014.

TOFT-NIELSEN, C.; STINNE GUNDER STRØM, K. Gaming practices in everyday life . **Mediakultur**, Copenhagen, v. 31, n. 58, p. 68-84, 2015.

TRUCCOLO, A.; MADURO, P.; FEIJÓ, E. Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 2, p. 108-114, jun. 2008.

TRUNINGER, M. Cooking with Bimby in a moment of recruitment: exploring conventions and practice perspectives. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 11, n. 1, p. 37-59, Mar. 2011.

VARGAS, C. S.; FERNANDES, R. H.; LUPION, R. Prevalência de uso dos suplementos nutricionais em praticantes de atividade física de diferentes modalidades. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo, v. 9, n. 52, p. 212-223, jul./ago. 2015.

VEENSTRA, G.; BURNETT, P. J. A relational approach to health practices: towards transcending the agency-structure divide. In: COHN, S. (Ed.). **From health behaviours to health practices: critical perspectives**. London: Blackwell, 2014. chap. 4, p. 31-42.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 94 p.

WARDE, A. After taste: culture, consumption and theories of practice introduction: consumption and the role of theory. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 14, n. 3, p. 279-303, Aug. 2014.

WARDE, A. Consumption and theories of practice. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 5, n. 2, p. 131-153, July 2005.

WATSON, M.; SHOVE, E. Product, competence, project and practice: DIY and the dynamics of craft consumption. **Journal of Consumer Culture**, Washington, v. 8, n. 1, p. 69-89, Mar. 2008.

WILL, C. M.; WEINER, K. Sustained multiplicity in everyday cholesterol reduction: repertoires and practices in talk about “healthy living”. In: COHN, S. (Ed.). **From health behaviours to health practices: critical perspectives**. London: Blackwell, 2014. chap. 12, p. 132-144.



## APÊNDICE A – ROTEIRO PARA GRUPO DE FOCO

Bom dia! Como sabem, estamos trabalhando em um projeto de pesquisa sobre as práticas dos corredores de rua. Vamos fazer várias perguntas. Algumas delas podem parecer bobas e até óbvias, mas faz parte do processo perguntá-las a vocês, pois a metodologia pede e o nosso conhecimento sobre o assunto não é tão amplo. Ok?

Vocês se importam se eu gravar nossa conversa? Isso irá nos ajudar a guardar tudo o que vocês disserem e me permitirá voltar a conversa sempre que necessário. Ainda sim, tomaremos algumas notas.

Apesar das gravações, este trabalho preserva a identidade dos informantes e o anonimato das respostas.

Não há respostas certas ou erradas. Bem como não faremos nenhum julgamento ou juízo de valor das respostas. Nosso foco é sobre o fenômeno como um todo preservando você de qualquer análise individualizada.

Vamos começar?

1. Como primeira pergunta, gostaria de saber o que te levou a correr? Alguém te convidou? Alguma pessoa te influenciou? Ou algum fato serviu de ponto de partida?
2. Você já praticava outra atividade e trocou para a corrida? A corrida te ajuda em outra atividade física?
3. Quais foram os hábitos que se transformaram depois que você começou a correr?
4. Vou citar alguns hábitos que chamo na pesquisa de práticas e você pode me falar um pouco sobre eles... se permaneceram iguais, se mudaram, ou se você deixou de incluí-los em sua rotina...
  - a) Alimentação;
  - b) Treino e rotina;
  - c) Vida social com amigos (baladas/bebidas) ciclo de amizades;
  - d) Programas familiares (como viagens, finais de semana);
  - e) Outras atividades físicas (acessórias ou impulsionadas pela corrida).
5. Seus amigos e familiares apoiam ou criticam estas mudanças? (recordar algumas que a pessoa citou)

6. Fale-me um pouco sobre como é seu treinamento... você tem um planejamento? Elege corridas especiais (aquela do sonho)? Este foco interfere em alguma coisa de sua rotina que ainda não falamos?
7. Você percebe alguma mudança nos seus valores após ter começado a correr? O que mudou?
8. E o consumo em geral? Hoje você compra produtos ou serviços em função da corrida? Parou de comprar algo por ter começado a correr?
9. Você dedica algum tempo à leitura ou busca na internet e redes sociais para aprender sobre corrida? O que você tem apreendido que considera mais relevante?
10. Se você tivesse que enumerar o que é mais importante na sua rotina, a corrida viria em qual lugar dentre as outras coisas que você faz?
11. Você acredita que existam diferenças entre homens e mulheres corredoras quanto às rotinas e práticas?
12. Para finalizar, me conte agora, como você comemora um objetivo alcançado?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE*

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa “O Comportamento de Consumo do Corredor de Rua: Uma visão baseada na teoria da prática”, sob a responsabilidade do pesquisador Américo Pierangeli Costa. O projeto será conduzido por meio de análises em revistas especializadas e grupo específico em rede social, bem como, por meio de grupos de foco e entrevistas realizadas com corredores de rua e pessoas próximas a eles.

O objetivo desta pesquisa é compreender o consumo dos corredores de rua a partir das práticas cotidianas de quem inicia e permanece neste tipo de atividade física.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de grupo de foco que é uma entrevista conduzida pelo pesquisador junto a um grupo de pessoas que debatem as questões colocadas por ele. A conversa do grupo é gravada para fins de transcrição do material possibilitando sua análise. Cabe ressaltar que não há respostas certas ou erradas e que em nenhum momento haverá identificação do respondente ou de empresas, marcas ou prestadores de serviços que por ventura possam ser mencionados. O tempo estimado para realização do grupo de foco é de 30 minutos. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão do consumo dos corredores de rua com base em uma nova teoria que tem por elemento central as práticas cotidianas.

Toda pesquisa realizada com seres humanos envolve riscos de tipos e gradações variados. Na presente pesquisa sua participação envolve o risco de desconforto ou constrangimento ao responder e compartilhar informações pessoais ou confidenciais sob alguns tópicos que possam ser abordados. O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Como a realização da entrevista acontece em locais de sua rotina diária, o pesquisador é quem se deslocará para que a pesquisa aconteça. Nesse sentido a pesquisa não implica em despesas de deslocamento ou de outra natureza por parte do(a) voluntário(a).

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Américo Pierangeli Costa, na Universidade de Brasília no telefones (61)3107-2554 e (61)9180-6980, disponível inclusive para ligação a cobrar. Ou caso queira pode utilizar o e-mail [pierangeli@unb.br](mailto:pierangeli@unb.br).

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail [cepfs@unb.br](mailto:cepfs@unb.br) ou [cepfsunb@gmail.com](mailto:cepfsunb@gmail.com), horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

\_\_\_\_\_  
Nome / assinatura

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável  
Nome e assinatura

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

### Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado "O Comportamento de Consumo do Corredor de Rua: Uma visão baseada na teoria da prática", sob responsabilidade de Américo Pierangeli Costa vinculado(a) ao Projeto de Iniciação Científica da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferência acadêmicas e/ou profissionais, em artigos e literatura acadêmico-científica gerada pelo projeto de pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) participante

\_\_\_\_\_  
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_